

CLAUDIA SAMPAIO TAVARES

**EFEITOS SOBRE OS SENTIDOS DO
TRABALHO EM JOVENS PARTICIPANTES
DE UM PROGRAMA SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia

São Paulo
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CLAUDIA SAMPAIO TAVARES

**EFEITOS SOBRE OS SENTIDOS DO
TRABALHO EM JOVENS PARTICIPANTES
DE UM PROGRAMA SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Orientadora: Prof^a Dr.^a. Yvette Piha Lehman

São Paulo
2006

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Tavares, Claudia Sampaio.

Efeitos sobre os sentidos do trabalho em jovens participantes de um programa social / Cláudia Sampaio Tavares; orientadora Yvette Piha Lehman. --São Paulo, 2006. – 130p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia organizacional 2. Jovens 3. Política social 4. Programas sociais I. Título.

HF5548.8

**EFEITOS SOBRE OS SENTIDOS DO
TRABALHO EM JOVENS PARTICIPANTES
DE UM PROGRAMA SOCIAL**

Claudia Sampaio Tavares

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em ___/___/___

Dedico aos meus pais, Maurício (in memoriam) e Ivani pelo exemplo de luta, de amor, pelo apoio nos estudos e na vida.

Agradecimentos

À Prof^a Yvette Piha Lehman pela paciência, atenção e sabedoria em todos os momentos.

Às Professoras Ivete Rosa e Sílvia Leser de Mello pelos “toques” de sensibilidade e sugestões no momento da qualificação.

À querida Eli pela parceria nos grupos e pelo “auxílio luxuoso” no computador e na revisão.

Aos colegas da Secretaria de Relações do Trabalho, aos que deixaram saudades e aos que lá estão pela rica experiência compartilhada.

Aos colegas do Serviço de Orientação Profissional da USP, principalmente Conceição e Fabiano pela delicadeza e apoio naqueles momentos de “stress”.

Às secretárias Nalva, Cecília, Sonia e Fátima que são sempre gentis e atenciosas.

Aos meus irmãos e sobrinhos que compreenderam a minha ausência em vários momentos.

Aos educadores e monitores pelas trocas enriquecedoras.

A todos os jovens que passaram e aos que ainda passarão.

SUMÁRIO

<i>RESUMO</i>	<i>x</i>
<i>ABSTRACT</i>	<i>xi</i>
<i>I - INTRODUÇÃO</i>	<i>12</i>
<i>II - JUVENTUDES</i>	<i>17</i>
2.1. JUVENTUDE E HISTÓRIA	17
2.2. JUVENTUDE COMO CATEGORIA DE ANÁLISE.....	18
2.3. JUVENTUDE - MORATÓRIA E IDENTIDADE	21
2.4. JUVENTUDE E MODELO CULTURAL.....	24
<i>III – MUNDO DO TRABALHO</i>	<i>26</i>
3.1. A EVOLUÇÃO DO SENTIDO DO TRABALHO.....	26
3.2. A FORMAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	29
3.3. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	30
3.4. EFEITOS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA	31
3.5. NOVOS VÍNCULOS COM O TRABALHO	32
3.6. DESIGUALDADES E EXCLUSÃO	34
3.7. O JOVEM E O TRABALHO.....	35
3.8. JOVEM E TRABALHO NO BRASIL	36
<i>IV – GLOBALIZAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS</i>	<i>40</i>
<i>V – POLÍTICAS PÚBLICAS</i>	<i>43</i>
5.1. POLÍTICAS PÚBLICAS E JUVENTUDE NA AMÉRICA LATINA	44
5.2. POLÍTICAS PÚBLICAS E JUVENTUDE NO BRASIL	45
5.3. PROGRAMAS SOCIAIS - UMA ALTERNATIVA	48
5.4. OS PROGRAMAS E A JUVENTUDE	49

5.5. OS ATUAIS PROGRAMAS DE GOVERNO	50
5.6.. A EXPERIÊNCIA GRUPAL.....	52
<i>VI – O MUNICÍPIO DE GUARULHOS</i>	54
6.1. ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS	54
6.2. ASPECTOS POPULACIONAIS	55
<i>VII – O PROGRAMA “OPORTUNIDADE AO JOVEM”</i>	57
7.1. PÚBLICO E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO	57
7.2. OBJETIVOS.....	58
7.3. O PROCESSO DE FORMAÇÃO	59
7.4. PERFIL DOS JOVENS ATENDIDOS PELO PROGRAMA	59
<i>VIII – MÉTODO</i>	61
8.1. OBJETIVO.....	61
8.2. MÉTODO	61
8.3. ESTRUTURA DOS ENCONTROS	62
8.4. POPULAÇÃO	62
8.5. ANÁLISE DOS DADOS	63
<i>IX – RELATO DOS GRUPOS</i>	64
9.1. RELATO DO PRIMEIRO ENCONTRO – GRUPO 1	64
9.2. RELATO DO SEGUNDO ENCONTRO – GRUPO 1.....	71
9.3. RELATO DO TERCEIRO ENCONTRO – GRUPO 1	75
9.4. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS – GRUPO 1.....	83
9.5. RELATO DO PRIMEIRO ENCONTRO – GRUPO 2.....	84
9.6. RELATO SEGUNDO ENCONTRO – GRUPO 2.....	91
9.7. RELATO DO TERCEIRO ENCONTRO – GRUPO 2	99
9.8. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS – GRUPO 2.....	104

<i>X – CONCLUSÃO.....</i>	<i>105</i>
<i>ANEXOS.....</i>	<i>109</i>
ANEXO I - PROGRAMAS DE GOVERNO PARA JOVENS.....	110
ANEXO II - PERFIL GERAL DO PROGRAMA.....	129
ANEXO III - CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAR DA PESQUISA.....	131
ANEXO IV - GRUPO 1 – FUNDO SOCIAL DE SOLIDARIEDADE.....	133
ANEXO V - GRUPO 2 – SECRETARIA DE TRANSPORTE E TRÂNSITO	134
ANEXO VI – ROTEIRO DOS ENCONTROS	135
<i>REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS.....</i>	<i>136</i>

RESUMO

TAVARES, Claudia Sampaio. *Efeitos sobre os sentidos do trabalho em jovens participantes de um Programa Social*. São Paulo, 2006, 130p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

As mudanças econômicas e no mundo do trabalho provocadas pela reestruturação produtiva e pela estruturação desigual e excludente do mercado de trabalho, vêm afetando particularmente a juventude que ainda não possui os requisitos necessários para uma inclusão satisfatória ao mundo do trabalho.

Como forma de minimizar os efeitos dessa exclusão os governos lançam mão de estratégias como os “programas sociais,” direcionados aos jovens mais necessitados, funcionando como redes de apoio social, dotando-lhes de melhores recursos individuais no intuito de proporcionar outras formas de inserção e garantia dos direitos individuais.

Esta pesquisa realizou-se no interior de um programa social onde 24 jovens de 16 a 22 anos (vinculados ao programa) participaram voluntariamente de encontros estruturados cujo objetivo era avaliar as representações do trabalho e suas perspectivas futuras a partir desta experiência grupal.

Os resultados obtidos apontam para a importância desses espaços enquanto estruturas formadoras de vínculos sociais positivos, ou espaços transicionais em que a autonomia e a independência possam ser estimuladas. Avança também quando se aproxima do público para o qual destina a ação governamental, podendo valer-se de avaliações concretas e vivenciais dos jovens que passam a ser sujeitos da Política Pública.

ABSTRACT

The changes taking place in the global economy and in the world of labor caused by the productive restructuring and the unequal and excluding structuring of the work force, has been affecting, in a significant way, youths who still do not have the necessary requisites to obtain a satisfactory inclusion in the world of labor.

To minimize the effects of this exclusion, governments adopt "social program" strategies aimed at the most needy youths. These programs serve as social support networks that give these youths better individual resources that will provide other forms of insertion and the guarantee of individual rights.

This research was conducted within one of these social programs where 24 youths, aged 16 to 22 who were involved in the program, voluntarily participated in structured meetings whose aim was to evaluate work representations and their future perspectives starting from this experience.

The results underscore the importance of these spaces as structures that form positive social links, or as transitional spaces where autonomy and independence are fostered. The importance of these spaces grows even more as they approach the public that will benefit from these government actions, and could use the concrete and experiential evaluations of youths who become Public Policy targets.

I - INTRODUÇÃO

Ao tratar do tema juventude é importante considerar que esta se inscreve não só como uma etapa da vida em que se passa da infância para a idade adulta, mas também como uma construção social, variável no tempo e nos vários tipos de sociedades.

Após a segunda guerra mundial e com o avanço do capitalismo estrutura-se um grande grupo juvenil de consumidores em potencial que passaram a ser protagonistas da nova indústria cultural e com papel importante, segundo Abramo (1981):

É uma fase em que as forças formativas da personalidade estão se constituindo, e as atitudes básicas em processo de desenvolvimento podem aproveitar o poder modelador das situações novas. (p.49)

Os estudos sociológicos passam também a considerar esse período como um “problema” uma vez que os jovens atualizam as questões mais prementes da sociedade, sendo mais sensíveis às suas contradições, conquistas e desigualdades.

Enquanto sujeito e produto do meio social em que vive o jovem busca sentidos e caminhos para enfrentar questões que dizem respeito a todos (violência, individualismo, desemprego), sintomas da modernidade que para quem está em busca de identificações positivas pode tornar-se um fardo. Segundo Rosa (2000) na passagem da cena familiar à cena social, identificações, desejos e ideais articulam o sujeito ao grupo social, favorecendo sua inserção através do grupo de pares, nos grupos religiosos, no trabalho ou nos grupos de estilo. Estas são condições e estruturas fornecidas pelo meio social que podem proporcionar o pertencimento e a construção da subjetividade do jovem. Por outro lado, as falhas e impossibilidades desta estrutura podem comprometer o desenvolvimento juvenil, provocando estados patogênicos que apresentarão diferentes contornos.

Como aponta Erikson (1972):

[...] não podemos separar o desenvolvimento pessoal da transformação comunitária, assim como não podemos separar a crise de identidade na vida individual e a crise contemporânea no

desenvolvimento histórico, porque ambas ajudam a definir uma à outra e estão verdadeiramente relacionadas entre si. (p.22).

De acordo com os dados do IBGE (2000), há em nosso país cerca de 34 milhões de jovens entre 15 e 24 anos. É um número significativo e revela nos seus detalhes a heterogeneidade que a condição juvenil representa dependendo do estrato social, do gênero e da etnia ao direcionarmos nossas análises. Contudo, com essa proporção, quase 20% do total da população, teremos a noção da representatividade da mesma e da pressão em busca de saúde, educação, trabalho, condições mínimas da vida em sociedade.

Entre os grandes flagelos da nossa sociedade está a violência que atinge sobremaneira os jovens, sendo estes as maiores vítimas. Em 2000, segundo o Ministério da Saúde, do total de óbitos por homicídio, 40% ocorreu entre a população de 15 a 24 anos e aproximadamente 4% era de jovens do sexo masculino que não chegaram aos 25 anos devido a esse tipo de causa morte.

Ao analisar a questão educacional notamos que nos últimos 10 anos houve um maior acesso à escola, segundo Spósito (2003) analisando a PNAD¹, revela que o número de estudantes entre 15 e 24 anos cresceu de 11,7 milhões em 1995 para 16,2 milhões em 2001. No entanto, isto não significa qualidade de ensino. Como diz Frigotto (2004) há uma penalização dos jovens das classes trabalhadoras através de uma perpetuação ideológica que mantém uma escola pública básica e média de acordo com a classe social de quem a frequenta. No ensino fundamental, cerca de 50% dos estudantes tem algum tipo de atraso na relação entre idade e escolaridade. No ensino médio, nas matrículas da população até 24 anos (7,6 milhões), apenas 3,9 milhões têm idade entre 15 e 17 anos, considerada ideal para o ensino médio.

Spósito (2003) aponta as condições precárias da escola pública que vêm:

[...] acompanhadas de um processo educativo descompassado dos sujeitos jovens e adolescentes, produzindo como resultado o desinteresse, a resistência, dificuldades escolares acentuadas e muitas vezes práticas de violência que caracterizam a rotina das unidades escolares". (p. 13).

¹ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio.

Em relação ao trabalho, a população juvenil também sofreu e sofre com o processo de precarização da mão de obra, desassalariamento e desemprego. Levando-se em conta a População Economicamente Ativa (PEA), a população juvenil é grandemente afetada pelo desemprego. Os índices gerais de desemprego em 2001 chegaram a 12,1 % para todas as faixas etárias e entre 15 e 19 anos e os de 20 a 24 anos foram de 27,3% e 18,9% respectivamente.

Segundo o censo de 2000 do IBGE, a população da região Metropolitana de São Paulo totaliza 10.406.166, deste total, 85,9%² moram em áreas socialmente precárias representando um total de 8.943.231 vivendo em situação de exclusão social. Neste contexto 42,4% dos jovens entre 15 e 24 anos habitam os 20 distritos com maiores índices de pobreza e exclusão.

Há, portanto, um número significativo do que poderíamos chamar de “desfiliados”, conceito de Castel (1995) que analisa a exclusão como fenômeno dinâmico, e a indica como uma ruptura de pertencimento, de vínculo societal, ou seja, a situação de crise na sociedade salarial, a degradação nas relações do trabalho vão ocasionar situações de vulnerabilidade, marginalização e precarização nas diversas esferas da vida humana.

A falta do trabalho, daquilo que nos torna reconhecidos enquanto indivíduos produtivos e possibilita a formação de identidades sociais, pode-se constituir na matriz das demais privações, como o não acesso aos direitos, dificuldade no estabelecimento de vínculos, ausência de poder de ação e de representação simbólica, provocando o que podemos chamar de sofrimento psíquico.

O fenômeno da desigualdade também provoca rupturas, ainda que conviva paradoxalmente com a ideologia da igualdade entre os indivíduos como apresenta Dubet (2000):

Como são negociados os conflitos sociais provenientes das desigualdades engendram um modo de regulação política que os torna compatíveis com o princípio da igualdade dos indivíduos e com as desigualdades funcionais do capitalismo. (p. 7)

² Fonte: Folha de São Paulo de 22/09/02 baseado em Mapa da exclusão/Inclusão Social da PUC São Paulo, coordenada pela então secretária de Assistência Social Aldaíza Sposati.

Assim, diante da realidade desigual a juventude sofre dificuldades no seu processo de inserção, já que não representa somente uma etapa da vida, de preparação para o futuro e para o mundo adulto, ela se estendeu na pós-modernidade e implica em reconhecimento de vicissitudes instaladas no presente, exigindo novas ações e estratégias de inserção no meio social.

Não por acaso, em pesquisa recente³ realizada com a juventude brasileira mapeando sua diversidade cultural, suas opiniões e suas características sócio-demográficas, observou-se que em relação aos “*problemas que mais preocupam atualmente*” aparecem em primeiro lugar a questão da *segurança ou da violência* com 55% das respostas espontâneas e em segundo lugar surge a preocupação com o *emprego ou com o aspecto profissional* com 52% das respostas.

Como formas de minimizar esta realidade são criadas estratégias sociais (políticas, planos ou ações governamentais, ou ainda através de Ongs, Fundações etc.) com o objetivo de abarcar as demandas dessa população, enfocando diferentes linguagens com a proposta sempre difícil da diminuição da desigualdade e da exclusão.

Algumas destas experiências priorizam atividades artísticas, lúdicas ou esportivas favorecendo a expressão e o espírito criador do jovem, apostando no desenvolvimento da cidadania e na construção de vínculos positivos com o meio social.

Novas iniciativas enfocam a formação de jovens na área ambiental, estimulando a formação de agentes ambientais para a constituição de uma sociedade auto-sustentável, difundindo o conceito de eco profissional e eco mercado de trabalho⁴.

Uma outra vertente focaliza a questão do trabalho enquanto eixo estruturante que pode oferecer a perspectiva de uma nova sociabilidade, formação de laços, amizades e encontros (Marques, 1997).

O que parece comum na maioria destas estratégias é a predominância pela organização dos jovens em grupos, o que favoreceria a constituição de um imaginário e de um projeto comum. Projeto este que segundo Enriquez (2001) significa que :

³ Pesquisa realizada em 2003 pelo Projeto Juventude e intitulada “Perfil da Juventude Brasileira” que ouviu uma amostra de 3501 jovens de 15 a 24 anos de 198 municípios, nos 25 estados da federação. Constituiu-se de amplo questionário estruturado (158 perguntas) aplicado nos domicílios. O estudo foi patrocinado pelo Instituto Cidadania e pela Fundação Perseu Abramo, tendo sido executado pela Criterium Assessoria em Pesquisas.

⁴ Conceitos trabalhados no Programa de Jovens vinculado à Reserva da Biosfera do Cinturão verde da cidade de São Paulo parceria entre a UNESCO e o Instituto Florestal da Secretaria do Meio ambiente do Estado de São Paulo.

O grupo possui um sistema de valores suficientemente interiorizado pelo conjunto de seus membros, o que permite dar ao projeto suas características dinâmicas (fazê-lo passar do estágio de simples plano ao estágio de realização). (p. 61).

A construção deste imaginário comum pode viabilizar a ação concreta se estiverem conectadas à esfera intelectual e afetiva.

O presente estudo desenvolve-se no interior do Programa “Oportunidade ao Jovem”, que enquanto política pública tem como objetivo a inclusão social, privilegiando a participação social, o trabalho e a renda. Tem caráter distributivo e emancipatório desenvolvendo projetos que irão favorecer a socialização e a autonomia. Tal programa, voltado aos jovens de baixa renda (no qual a autora atua) é desenvolvido no Município de Guarulhos região Metropolitana de São Paulo e teve o seu início em dezembro de 2002.

Enfocaremos neste estudo, os sentidos e representações do trabalho no recorte de um programa social e como este, através de propostas formativas e do trabalho grupal pode se constituir em lugar propício para a construção de vínculos positivos com o meio social, promovendo a identificação de recursos individuais e sociais para o enfrentamento da realidade que se apresenta.

II - JUVENTUDES

2.1. JUVENTUDE E HISTÓRIA

No curso do desenvolvimento da sociedade moderna a criança e o jovem adquirem novo estatuto na constituição familiar, passando de pequenos adultos para uma categoria social delimitada e no decorrer dos anos alcançarem a centralidade no núcleo familiar.

Na família antiga, a organização social permitia que os indivíduos mais jovens aprendessem através de trabalhos e jogos na convivência diária com os adultos, ou seja, aprendia-se a “fazer” com os adultos.

Esta forma de vinculação do jovem com o mundo adulto não era necessariamente vivenciado na própria família, na maioria das vezes a criança passava a viver em outra casa, numa nova família composta geralmente por um casal e por outras crianças que ficassem em casa. Não havia propriamente uma “socialização” pelo convívio familiar e sim uma sociabilidade mais ampla adquirida primordialmente no espaço coletivo.

O sentimento e a afetividade não eram necessariamente presentes na família antiga, havia a necessidade biológica da sobrevivência, porém essa família segundo Áries (1981) que traça historicamente o percurso da criança e do jovem em nossa sociedade tinha como missão:

[...] a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, a ajuda mútua cotidiana num mundo em que um homem e, mais ainda, uma mulher isolados não podiam sobreviver, e ainda, nos casos de crise, a proteção da honra e das vidas. (p.11).

Um marco importante da modernidade foi a preocupação com a formação moral e intelectual das crianças, assim como condicioná-las a uma disciplina rígida, definindo uma separação do meio social adulto. Este período de afastamento da família originária

deu-se com a escolaridade e a definição da escola⁵ como uma instituição detentora do saber e lugar de adestramento das crianças e jovens. Ao mesmo tempo há um novo sentimento que perpassa a vida familiar para Áries:

[...] a criança saiu do anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. (1981, p.12).

Constituí-se então a noção de vida privada, o sentimento de grupo, a identidade, a necessidade de intimidade revela um novo estilo de vida que marca intensamente a família burguesa.

A escola no século XVII abarcava em seus quadros tanto os ricos quanto os pobres, mas no século XVIII a família burguesa passa a não concordar com essa convivência e transfere seus filhos para... ”*Pensões ou para classes elementares dos colégios cujo monopólio conquistaram*”. (1981, p.278).

A partir desta realidade, escolas que eram comuns a todos os indivíduos da sociedade passam a reproduzir um sistema de classes materializado também no agrupamento de famílias com estilos de vida comuns.

2.2. JUVENTUDE COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

A constituição da juventude como uma categoria social foi se delimitando na medida em que se materializava uma etapa intermediária entre infância e o mundo adulto. E essa se concretizou com o afastamento da criança de sua família e do grupo de adultos com o qual convivia, passando a ocupar o espaço da escola que representava o local para aprimoramento de recursos para alcançar a vida adulta. A maior visibilidade desta etapa intermediária constituiu-se na adolescência ou juventude.

⁵ Segundo o autor as instituições escolares de início eram privilégio de poucos, onde havia uma certa liberdade de costumes misturando diversas idades, evoluem para uma realidade de disciplina autoritária e adestramento dos jovens, período que vai do século XV ao XVIII.

Ariès (1981) localizou o primeiro representante tipicamente adolescente (assim como o representamos a partir do século XX, até hoje em dia): era Siegfried de Wagner, compositor alemão, que em sua música revelava as características heróicas do adolescente:

[...] alegria de viver, força física, pureza ainda que provisória. A juventude aparecia como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada. (p.47).

Observando esse breve histórico da delimitação juvenil ao longo dos séculos, é fundamental, além da questão do desenvolvimento biológico e da passagem de uma etapa para outra da vida, considerarmos todos os determinantes sociais presentes nos comportamentos e experiências da juventude para contextualizá-la num determinado momento, fruto de uma determinada organização cultural, econômica e social.

Nesta etapa da vida acabam sendo esperados comportamentos antagonistas da juventude em relação ao mundo adulto. Alguns de seus valores, experiências e ideais são questionados pelos jovens, surge o que podemos chamar de conflito de gerações. Foracchi (1972) apresenta esta dimensão do conflito ao afirmar:

Se considerarmos as análises existentes, clássicas e modernas sobre o problema das gerações, delas guardaremos a acentuação da dimensão de conflito, refletida quer no relacionamento das gerações quer nos movimentos de juventude. (1972, p. 23).

Há também uma dimensão importante a ser considerada que é a experiência das situações vividas na adolescência e como estas sobredeterminam socialmente a compreensão adulta da realidade e do mundo. O questionamento contínuo se verifica a cada geração e este revela-se paradoxalmente num conflito com seus próprios valores e com ela mesma.

Com isso fica clara a caracterização da juventude como um fenômeno a ser estudado e analisado também em termos sociológicos, uma vez que esta questiona a transmissão das normas sociais e culturais, apresentando comportamentos inesperados ou fora dos padrões, colocando o mundo adulto frente a frente com suas contradições e

falhas. Para Foracchi (1972), a crise juvenil representa uma segunda crise que seria vivida após a adolescência e que quando combinada à crise social, esta juventude seria emergente de uma categoria social antagônica à ordem social vigente.

Nas primeiras décadas do século XX várias manifestações públicas refletem a mobilização juvenil em formas de expressão variadas que instigam a percepção que a juventude seria um sujeito social marcante provocando a possibilidade de outras interpretações dos fenômenos sociais vividos. Um exemplo são as experiências de guerra, onde soldados jovens enviados aos campos de batalha morreram aos milhares, ao contrário dos comandantes mais velhos que permaneceram na retaguarda, criando sentimentos de ressentimento em relação à geração mais velha.

Um outro aspecto de confronto com o estabelecido aparece na participação de jovens pobres em organizações criminosas, fenômenos de delinquência, impulsionados pelo crescimento desordenado das grandes metrópoles, entre os anos vinte e trinta, realidade que inspirou os primeiros estudos sociológicos relacionados à juventude. E segundo estes autores da chamada escola de Chicago, esta desorganização advinda do crescimento das cidades, entregava o jovem ao ócio de permanecer pelas ruas, sem que houvesse espaços institucionais adequados para o desenvolvimento “social” deste jovem favorecendo a existência de comportamentos que se apresentavam fora dos “padrões estabelecidos”.

Já em torno da Segunda Guerra surgem os movimentos antifascistas, antinazistas e anticolonialistas. Também em torno dos anos quarenta, assistimos o aparecimento do movimento existencialista francês que pregava a liberdade pessoal radical. Nos idos de sessenta aparecem os movimentos estudantis alimentados pela cena política indo até os hippies, e nos vários setores havia o caráter de questionamento aos valores políticos, culturais e morais da sociedade.

Outras formas de expressão juvenis importantes apresentam-se no âmbito da cultura de vanguarda, na literatura, nas artes, na música, apresentando formas de viver excêntricas, sempre em contraposição à ordem social estabelecida que podemos chamar de contracultura, ou seja, o movimento de negar as instituições e o funcionamento social, criando e alimentando novos valores, referências e práticas na intenção de mudanças radicais.

2.3. JUVENTUDE - MORATÓRIA E IDENTIDADE

A condição mais propalada da realidade juvenil é a de transitoriedade, é a passagem de uma realidade dependente do núcleo familiar, para outra independente e voltada para a preparação para o mundo adulto. O limite que demarca o início e o fim desta transição não é muito claro, principalmente na idade moderna. Parece inaugurar-se com a adolescência e permanece numa zona ambígua, num momento suspenso entre o que se é (ou que o jovem acredita que é) e a vivência plena do adulto.

Neste contexto, outros aspectos da vida apresentam-se também num hiato, o tempo de escolaridade e qualificação para a entrada no mundo produtivo são aumentadas no correr dos anos, principalmente em função da realidade econômica e da necessidade de especialização para o mercado de trabalho. Abramo (1994) fala em “*suspensão da vida social*” durante esse tempo de preparação para se “estar” e “ser” no futuro.

Ao discorrer sobre esta etapa, Erickson (1972) a identifica como uma espécie de “moratória” psicossocial:

As sociedades oferecem, como os indivíduos requerem, períodos intermediários mais ou menos sancionados entre a infância e a idade adulta, freqüentemente caracterizados por uma combinação de prolongada imaturidade e provocada precocidade. (p. 156).

Portanto, ela varia de sociedade para sociedade dependendo também do momento histórico e cultural na qual está inserida.

O processo de elaboração da identidade constitui um marco importante para o jovem, há uma subordinação das identificações da infância a uma nova identificação oferecida e buscada no meio social. É a possibilidade de estruturar novas atitudes, dividir experiências e de ser reconhecido pelos adultos.

O caminho para a formação da identidade se inicia com o mecanismo de introjeção (incorporação primitiva do *outro adulto* pela criança) o que proporciona a segurança para a constituição do eu e o direcionamento do seu sentimento para os primeiros objetos de amor (exceto as figuras parentais). As primeiras identificações e as

subseqüentes com as demais crianças, adultos, escola, além dos papéis que estes desempenham devem convergir para certa coerência interna. E segundo Erikson:

A formação da identidade propriamente dita, começa onde a utilidade da identificação acaba. Surge do repúdio seletivo e da assimilação mútua de identificações da infância e destas numa nova configuração, a qual, por seu turno, depende do processo pelo qual uma sociedade identifica o indivíduo jovem, reconhecendo-o como alguém que tinha de tornar-se o que é e que, sendo o que é, é aceito como tal (p. 159).

Há, portanto uma reunião de fatores complexos a serem enfrentados concomitantemente, daí a caracterização da adolescência (primeira etapa da Juventude) como um período de crise no desenvolvimento humano, comportamentos que em outras situações poderiam ser encarados como sintomas neuróticos ou psicóticos, alcançam grande relatividade neste momento de vida do jovem.

Freud através da psicanálise ao tratar do conflito entre as gerações apresenta importantes articulações entre os aspectos biológicos exacerbados na puberdade, os processos intrapsíquicos e as exigências sociais. Há o retorno das fantasias infantis (inclusive o complexo de Édipo) em meio às transformações hormonais e corporais intensas, direcionando a libido para outros objetos, (os pares) distanciando o jovem das figuras parentais. Essa reorganização psíquica favorece o abandono do auto-erotismo e proporciona a vivência da genitalidade através da escolha do parceiro sexual.

Outra definição desta etapa da vida é a preparação no campo profissional. Até o século XVIII havia o ensino curto (a escola) para o povo e o ensino longo (o Liceu) para a burguesia. A partir do século XX há uma ampliação e valorização do ensino para várias faixas etárias e todas as classes sociais. A mensagem alimentada atualmente no social é a de alcançar um nível de escolaridade e formação que qualifique o jovem “dedicado”, a pelo menos concorrer no mercado de trabalho e buscar sua independência.

Destaca-se neste ponto um paradoxo na transmissão de valores ao jovem, ao mesmo tempo em que deve buscar independência e realização, é fundamental estender seus estudos na intenção de preparar-se melhor para o futuro. Seu desenvolvimento fisiológico e emocional o leva a conquistar novos objetos de amor, no entanto, ao encontrar um parceiro, não há permissão para que ele seja produtivo também nesta área

de sua existência. Ou seja, amor, trabalho e independência são metas distantes, há um claro descompasso entre a experiência subjetiva do crescimento e o tempo social estabelecido para esta faixa etária. Calligaris (2000) traça a constituição de um dos sentimentos provocados pela moratória imposta ao jovem na modernidade:

[...] ele vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia quando criança e a falta de palavras que o admitam como par na sociedade dos adultos. (p.25).

Daí a insegurança ser um traço predominante nesta fase.

Uma das formas de enfrentar tal insegurança é a constituição de grupos ou redes de relações particulares cuja busca de similaridade de gosto ou estilo seja empreendida com o intuito de experimentar novos comportamentos, ser aceito e identificar-se com o grupo. Segundo o mesmo autor essas iniciativas gregárias ou individuais têm também como função a transgressão, que não representa outra coisa senão a de chamar a atenção do adulto, interpretando-lhe o desejo, assim:

A transgressão tenta encenar o que os adolescentes acreditam ser um desejo recalcado dos adultos. Há o projeto de entregar como presente para os adultos um comportamento, um gesto, do qual eles teriam sido frustrados e, assim, merecer uma medalha. (p. 41).

Fruto dessa ambigüidade de mensagens e códigos não identificáveis há uma infinidade de possibilidades de experiências a serem vividas, que torna a questão dos limites um problema para os jovens de hoje. O que é verdadeiro para mim? O que é esperado pelo mundo externo? Como equilibrar essa dinâmica dentro e fora e ao mesmo tempo ser livre?

2.4. JUVENTUDE E MODELO CULTURAL

Entre as mudanças advindas no pós-guerra está o incremento da produção industrial, aumento do emprego, maior acesso a novos bens e crescimento da importância dos meios de comunicação. Como resultado, uma importante transformação verificada foi o aumento das opções de lazer. Contudo, essa maior possibilidade de lazer se liga imediatamente ao consumo do grande exército juvenil. O tempo livre fora do trabalho evidencia a oportunidade para a aquisição de produtos úteis ou não para a nossa sobrevivência, esses comportamentos dão materialidade ao que se denomina cultura juvenil, iniciada nos Estados Unidos e espalhada pelo resto do mundo.

A busca de prazer e de diversão relaciona-se imediatamente com os jovens, seus grupos, estilos musicais, sua moda e principalmente seu potencial de consumo. Muitos produtos são colocados à mão, transformam-se em ideais para todos. Como relata Kehl (2004):

[...] a imagem do jovem consumidor, difundida pela publicidade e pela televisão oferece-se à identificação de todas as classes sociais. (p.93).

Na outra face da mesma moeda o adulto é seduzido e passa a idealizar e copiar o comportamento adolescente na busca de prazer imediato, do narcisismo, da liberdade, de consumir e ser reconhecido.

A juventude talvez busque compreender através da produção simbólica do adulto as fórmulas de “se localizar no mundo” nesse contexto de transitoriedade e complexidade. Como afirma Melucci (1997), a complexidade e diferenciação do meio social parecem abrir o campo do possível a tal ponto que a capacidade individual para empreender ações não se mostra à altura das potencialidades da situação.

O excesso de possibilidades, que nossa cultura engendra, amplia o limite do imaginário e incorpora ao horizonte simbólico regiões inteiras de experiência que foram previamente determinadas por fatores biológicos, físicos ou materiais. Assim, a experiência é cada

vez mais uma realidade construída com representações e relacionamentos: menos algo para se 'ter' e mais algo para se fazer. (p. 9).

III – MUNDO DO TRABALHO

3.1. A EVOLUÇÃO DO SENTIDO DO TRABALHO

Na antiguidade grega havia certa diferença entre o significado do trabalho e o chamado “labor”, que dizia respeito a uma série de atividades que deveriam ser realizadas para permitir a continuidade de nossa existência na terra. Nas sociedades gregas estas atividades eram realizadas pelos escravos e segundo Arendt (2004):

[...] na antiguidade a escravidão não foi uma forma de obter mão-de-obra barata nem instrumento de exploração para fins de lucro, mas sim a tentativa de excluir o labor das condições da vida humana. (p. 95).

Nestas sociedades gregas e romanas, o ócio era um direito de poetas e filósofos e um valor indispensável à vida livre. O labor cabia aos escravos e aos homens livres pobres, chamados de *humiliores*, em contraposição aos *honestiores*, homens bons porque eram livres, senhores da terra, da guerra e da política.

A maior valorização do trabalho em contraposição ao labor advinha das atividades políticas voltadas para o bem estar dos cidadãos na polis grega.

Com o tempo essa dualidade interpretativa deixa de existir, constitui-se somente um critério de definição do trabalho ou do labor: gastava-se a maior parte do tempo com os negócios privados ou com as coisas públicas. A própria atividade política é rebaixada à condição de atividade motivada pela necessidade.

Na idade moderna o trabalho ou o labor ganham status e valor, “*promove o animal laborans à posição tradicionalmente ocupada pelo animal rationale*”. (p. 96).

A partir do calvinismo, este começa a ser visto como virtude e chamamento divino. O puritanismo começa a valorizar o trabalho como uma atividade econômica geradora de lucro, ou seja, como cita Chauí (1999):

Aquele que faz seu trabalho render dinheiro e, em lugar de gastá-lo, o investe em mais trabalho para gerar mais dinheiro e mais lucro, vivendo frugalmente e honestamente (isto é, pagando suas dívidas para assim obter mais crédito) é um homem virtuoso. (p. 14).

Karl Marx enfatizava a idéia de que a distinção entre o homem e os animais era dada pela capacidade de trabalhar, o trabalho seria responsável pela nossa constituição humana, argumento compartilhado por Adam Smith e demais pensadores da era moderna.

Esta valorização estimulada pelo capitalismo evolui para a noção de trabalho produtivo ou improdutivo, qualificado ou não qualificado e finalmente trabalho intelectual e trabalho manual. Ainda em Marx há uma focalização no trabalho produtivo (o que permite a *produção da vida*) aquele que provoca a perpetuação de coisas duráveis, aquelas que podem ser acumuladas e ganhar sentido em nossas vidas.

Ao contrário disto o trabalho não produtivo, ao invés de revelar a capacidade inventiva e criadora do ser humano, capaz de dominar as forças da natureza e satisfazer suas necessidades básicas, no capitalismo não permite que o trabalhador se reconheça em suas obras e desconsidera suas aptidões, capacidades e aspirações. Vendendo sua força de trabalho para outros, o trabalhador torna-se uma mercadoria e não realiza nenhuma atribuição humana, apenas cumpre as exigências impostas pelo mundo capitalista. À medida que os trabalhadores produzem riquezas (para outros) estes se empobrecem, pois vendem sua força de trabalho por um preço inferior ao trabalho que realizam.

O trabalho é, portanto uma necessidade, um dever moral, algo que nos vincula à realidade social e à condição humana.

O resumo desta evolução nos sentidos do trabalho é apresentado por Arendt (2004):

A súbita e espetacular promoção do trabalho, da mais humilde e desprezível condição à mais alta categoria, como a mais estimada de todas as atividades humanas, começou quando Locke descobriu que o trabalho é a fonte de toda a propriedade; prosseguiu quando Adam Smith afirmou que esse mesmo trabalho era a fonte de toda riqueza; e atingiu o clímax no “sistema de trabalho” de Marx, no qual o trabalho

passou a ser a origem de toda a produtividade e a expressão da própria humanidade do homem. (p. 113).

Numa outra análise trazida por Antunes (1999), a vida repleta de sentidos permite fazer conexões entre trabalho e liberdade. O ato de escolher se revela como uma decisão em meio a várias possibilidades, além de significar um desejo de alterar a própria realidade ou não. E o conteúdo desta liberdade se torna distinto quanto maiores e mais complexos forem os conhecimentos sobre as cadeias causais. E estes poderão ser transformados em cadeias causais postas e permitirão maior perspectiva de domínio sobre elas e de liberdade. Essa definição deriva do pensamento de Lukács e se resume em:

O ato teleológico, expresso por meio da colocação de finalidades é, portanto uma manifestação intrínseca de liberdade, no interior do processo do trabalho. É um momento efetivo de interação entre subjetividade e objetividade, causalidade e teleologia, necessidade e liberdade. (p.145).

É uma definição que expressa o caráter “nobre” e não alienante do trabalho.

Configura-se como protoforma da práxis social, como momento fundante, categoria originária, onde os nexos entre causalidade e teleologia se desenvolvem de modo substancialmente novo; o trabalho como categoria de mediação, permite o salto ontológico entre os seres anteriores e o ser que se torna social (p. 145).

3.2. A FORMAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA

A evolução do capitalismo exige novas representações da população que trabalha como apresenta Castel (2005):

As categorias Laboriosas representam uma massa a ser mantida com cuidado, a ser cultivada no sentido próprio do termo, isto é, a ser trabalhada para fazê-la trabalhar, a fim de fazer crescer e colher aquilo de que o trabalho é portador: a riqueza social (p. 237).

O trabalho é uma mercadoria a ser vendida mediada pelas leis da oferta e da procura, há o contrato entre o empregador e o empregado que vai definir o seu salário e este será definido na esfera da própria troca. É o trabalho assalariado em que os donos do capital vão comprar através do salário a mais valia produzida pelo trabalhador.

Com o avanço das lutas políticas e sociais as classes trabalhadoras alcançaram melhores condições de trabalho como revela Pochmann (2004):

A melhoria das condições de trabalho e a regulação do mercado viabilizou a redução de vários graus de exploração considerável. Antes disso o tempo de vida estava condicionado basicamente ao trabalho, uma vez que o exercício do trabalho exigia o cumprimento de jornada diária de 16 a 18 horas, sem descanso semanal, férias, feriados e aposentadorias (p.228).

Entre estas conquistas estão a aposentadoria, a pensão e o estabelecimento de limites superiores e inferiores para ingresso e saída no mercado de trabalho.

Atualmente, classe trabalhadora, ou a “classe que vive do trabalho” (Antunes, 1999), compreende a totalidade do trabalho social incluindo também os que não se ocupam do *trabalho produtivo* manual. Os trabalhadores vinculados ao setor de serviços, por exemplo, representam o *trabalho improdutivo* (trabalho consumido como valor de uso) e em termos numéricos abrangem uma grande fatia dos trabalhadores nas sociedades modernas. Assim a classe que vive do trabalho engloba tanto o proletariado

industrial quanto os do setor de serviços e os trabalhadores rurais. O mesmo autor também inclui neste rol os *precarizados*, os *terceirizados*, o *subproletariado moderno*, *part time*, o *novo proletariado*, e os *assalariados da economia informal*. (p.103).

3.3. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Essa classe trabalhadora moderna é altamente diversificada e as mulheres ocupam cada vez mais espaços nesse mercado, contudo, a expansão do trabalho feminino é também acompanhada de maior precarização com claros desníveis salariais em relação aos homens, além de vínculos com características de informalidade.

Uma outra sobrecarga é reservada à mulher principalmente se considerarmos o recorte de classe, que é a realização do trabalho doméstico, ou seja, a mulher trabalhadora, além da tarefa enquanto profissional, cumpre a função de organização do cotidiano familiar, importante função na manutenção da estabilidade social.

[...] ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital) a sua reprodução, nessa esfera do trabalho não diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos / as e de si própria. Sem essa esfera da reprodução não diretamente mercantil, as condições de reprodução do sistema de metabolismo social do capital estariam bastante comprometidas, se não inviabilizadas. (Antunes, 1999, p.109).

Em se tratando de relações de gênero no mundo do trabalho, verificamos que tanto os homens quanto as mulheres em todos os espaços de desenvolvimento são socializados de formas diferentes, como também são qualificados profissionalmente de maneira diferente para o ingresso no mercado de trabalho.

O próprio gênero implica em representações de poder em que alguns valores, idéias ou representações são tratados como *naturais* ou *inquestionáveis*. Assim, o

capital utiliza a seu favor essas desigualdades verificadas socialmente, deixando de valorizar o trabalho das mulheres.

3.4. EFEITOS DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

A crise capitalista verificada a partir dos anos 70 teve como traços evidentes: a queda da taxa de lucro, o esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista de produção, hipertrofia da esfera financeira, maior concentração de capitais com as fusões de grandes empresas, crise no “Estado de bem estar social” e incremento acentuado das privatizações. (Antunes, 1999, p. 29).

Toda essa mudança teve por objetivo retomar a margem de lucro existente anteriormente e continuar estimulando o crescimento da economia.

As empresas do novo capitalismo investiram na eliminação da burocracia tornando-se organizações mais “plenas e flexíveis”. A estrutura piramidal de funcionamento foi alterada, possibilitando um arranjo das organizações em redes, que facilitaria sua decomposição ou sua redefinição, ao contrário das estruturas piramidais. (Sennet, 1999).

Para os trabalhadores, os efeitos desse novo quadro provocam uma série de alterações nas perspectivas do emprego, uma delas é a perspectiva do tempo, as longas carreiras iniciadas e mantidas quase que automaticamente numa mesma empresa deixou de existir. Outro aspecto trazido por Sennet é a necessidade de “flexibilidade do caráter” do trabalhador, ou seja, ele não pode sofrer com a fragmentação e deve reunir forças para se desenvolver na “desordem” e nos “deslocamentos” sociais que esta realidade proporciona.

Os verdadeiros vencedores não sofrem com a fragmentação. Ao contrário são estimulados por trabalhar em muitas frentes diferentes ao mesmo tempo; é parte da energia da mudança irreversível. Capacidade de desprender-se do próprio passado, confiança para aceitar a fragmentação: estes são dois traços de caráter que aparecem

em Davos entre pessoas realmente à vontade no novo capitalismo.
(Sennet, 1999 p.73).

Neste contexto, não há como identificar o caminho certo a seguir. Segundo Sennet (1999), as novas regras não são “legíveis”, os valores anteriores do trabalhador não se aplicam atualmente, parece não haver lógica, “... *operacionalmente tudo é muito claro; emocionalmente, muito ilegível*” (p. 79).

Sennet (1999) também aponta para a o conhecimento descartável, ele é importante, mas quanto mais acúmulo o trabalhador tenha, menor valor relativo ele possui, revelando o modo de funcionamento cada vez mais elitista do mercado de trabalho.

A condição do “não trabalho” ou do “não emprego” talvez seja a característica marcante do capitalismo. Singer (1998) aponta que o desemprego estrutural causado pela globalização é semelhante em seus efeitos ao desemprego tecnológico:

Ele não aumenta necessariamente o número total de pessoas sem trabalho mais contribui para deteriorar o mercado de trabalho para quem precisa vender sua capacidade de produzir (p.23).

Castel (1998, p.529) resume três pontos de cristalização atuantes no mercado de trabalho:

- ? Desestabilização dos estáveis
- ? Instalação da precariedade
- ? Manifestação de um déficit de lugares

3.5. NOVOS VÍNCULOS COM O TRABALHO

No contexto do capitalismo, na passagem de uma sociedade industrial para uma ainda não definida e imersa na crise econômica e social temos a sensação de que não há previsibilidade nem garantias futuras, o próprio sentido de pertencer e atuar nesse modelo de sociedade traz repercussão na formação da identidade social, uma vez que

esta é produto de sucessivas socializações. É o que alguns autores chamam “crise de identidade” (Dubar, 2000 e 2005, Castells, 1998).

Castells (1998) aponta que a identidade é um processo de construção de significados de um povo, com base em atributos culturais.

A construção das identidades utiliza materiais da história, da geografia, da biologia, das instituições produtivas e reprodutivas, a memória coletiva, as fantasias pessoais, os aparatos de poder e revelações religiosas. Mas os indivíduos, os grupos sociais e as sociedades processam todos esses materiais e os reordena em um sentido, segundo as determinações sociais e os projetos culturais implantados em sua estrutura social e em seu marco espaço-temporal. (p.30).

A característica de rede da sociedade atual favorece a construção pelos sujeitos, de identidades múltiplas que, no entanto pode provocar tensões ou contradições individuais e coletivas. O contexto desta construção está marcado por relações de poder, e ele distingue três formas de origem dessa construção (p.30):

- ? **Identidade legitimadora:** introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais,
- ? **Identidade de resistência:** criada por atores que se encontram em posições ou condições desvalorizadas e estigmatizadas pela lógica da dominação,
- ? **Identidade de projeto:** quando atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social.

Por definição, as identidades que se iniciam como “resistência”, podem tornar-se de “projeto” e com o tempo podem vir a ser dominantes (“legitimadoras”) nas instituições da sociedade. Assim nenhuma das identidades em sua essência possui um valor progressista ou conservador fora do seu contexto histórico.

Castel (1998) enfatiza que cada vez mais parcelas da população ativa estão sendo colocadas em situação de inatividade forçada abalando a noção de “identidade pelo trabalho”. Entre as várias facetas da identidade, Dubar (2005) apresenta a dimensão profissional que, segundo ele, são as que servem para classificar os indivíduos

em função das atividades que exercem. São as maneiras socialmente percebidas pelos indivíduos de se reconhecerem e se identificarem uns com os outros no campo do trabalho e do emprego. É um tipo de “identidade comunitária” que pressupõe a existência de uma comunidade no seio da qual se transmitem maneiras de fazer, de sentir e de pensar que constituem os valores coletivos e as referências pessoais. Para que as identidades profissionais se formem e se reproduzam é necessário alguma estabilidade de regras que lhes organizem e comunidades que lhes suportem.

Entre as múltiplas dimensões dos indivíduos, a dimensão profissional adquiriu uma importância particular. Por ter se tornado um bem raro, o emprego condiciona a construção das identidades sociais; por passar por mudanças impressionantes, o trabalho obriga a transformações identitárias delicadas; por acompanhar cada vez mais todas as modificações do trabalho e do emprego. (p.16)

As questões cruciais são: quais as identidades passíveis de serem construídas em sociedades em que o trabalho e o emprego são via de regra escassos, não atingindo a todos? Portanto, qual é o poder integrador das demais identidades (familiar, escolar, política, cultural) quando se acredita que o trabalho é um indutor, um princípio, um paradigma que atravessa todos estes campos?

3.6. DESIGUALDADES E EXCLUSÃO

O modelo de acumulação capitalista provoca outros modos de subjetivação que atualizam a desigualdade, a ruptura, a transitoriedade e destaca a competição como característica central na sociedade neoliberal.

Dubet (2001) destaca que mesmo beneficiados por igualdades democráticas, somos prejudicados pelas desigualdades funcionais do capitalismo e, portanto é necessária a constituição de um Estado-Providência e de um sistema de proteções e de direitos sociais para os indivíduos. A desigualdade oriunda da sociedade salarial, que organiza a vida a partir do trabalho, provoca a coesão e ao mesmo tempo opõe os indivíduos.

Castel (1998) distingue que o assalariado desenvolve uma série de direitos que vão além do simples espaço do trabalho. Essa necessidade de consolidação dos direitos se faz presente quando localizamos a “exclusão” como característica marcante da sociedade salarial capitalista. Segundo este autor, ela compreende fenômenos tão variáveis que necessitam ser explicitados em suas especificidades. Ele propõe algumas zonas de diferentes densidades para analisar desde a integração ao trabalho, até a zona de exclusão, ou de “desfiliação” que ele define como sendo uma série de rupturas de pertencimento e de vínculo societal que podem conduzir ao isolamento social e à solidão.

A exclusão enquanto reflexão sobre a humanidade é a proposição de Sawaia (1999) que enfatiza o sofrimento ético-político como característica desta condição e expressa que num enfoque epistemológico e ontológico *“ao falar de exclusão , fala-se de desejo, de temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e de direitos sociais”*. (p.98)

3.7. O JOVEM E O TRABALHO

Em relação ao trabalho de jovens e crianças, a revolução industrial favoreceu a utilização desta mão de obra que representava um número expressivo da força de trabalho. O início dessas atividades de trabalho poderia acontecer entre 3 e 7 anos de idade e a carga diária de trabalho poderia alcançar até 16 horas (Dejours, 1988). O movimento operário e as lutas pela melhoria das condições de vida e trabalho estabeleceram as legislações que impediam o ingresso precoce das crianças e jovens no mercado de trabalho, fazendo com que fossem reconduzidos à vida doméstica ou a instituição escolar como já dito anteriormente.

Enquanto agente da normatividade, o trabalho representa uma categoria fundamental em relação à constituição da individualidade, da possibilidade de participação social e cultural. Para a população jovem torna-se vital, pois é uma das condições para transformar-se no adulto autônomo, produtivo e capaz. No entanto, a crise do sistema capitalista e, por consequência, do trabalho trazem alguns

questionamentos sobre esta centralidade do mesmo em nossas vidas. Para Offe (1989) o pensamento de Marx e Durkheim tinha grande sentido em um sistema em que a maioria estava enquadrada no mesmo sistema de trabalho e produção. Hoje ao contrário disto, uma boa parte da população está à margem desta realidade, então como compreender racionalmente novas formas de relações sociais e de efeitos sobre a subjetividade nesse contexto de transformação em que estamos imersos?

Para os jovens, além do alcance do status de adulto, o trabalho tem a função de garantir a sobrevivência e incluí-los no mundo do consumo. Marques (1996) revela outros aspectos vivenciados pelos jovens enquanto possibilidade de ganho com o trabalho, que é a experiência de sociabilidade através da constituição de laços de amizade, solidariedade, companheirismo, entre outros. Madeira (1986) aponta que o trabalho para o jovem é a busca de meios para aumentar o seu grau de autonomia que só pode significar liberdade.

Há nesse contexto, não só a relação puramente instrumental com o trabalho, mas também um campo fértil de construção de identidade social na estruturação das relações entre seus diversos atores. A autonomia, a liberdade e o reconhecimento são metas que, se alcançadas, traduzirão sua condição de existência, direcionamento de suas escolhas e de sua vida.

3.8. JOVEM E TRABALHO NO BRASIL

Os efeitos da economia sobre as relações de trabalho afetaram significativamente os jovens produzindo uma espécie de vinculação fragmentada com o trabalho, sobretudo quando se verifica a necessidade de inserção no mercado, o que se dá muitas vezes de forma precária e desarticulada e cujos projetos ou interesses profissionais permanecem distantes.

Levando-se em conta a grande massa de desempregados⁶ para poucas vagas, a exigência do mercado de trabalho torna-se ainda maior. Neste cenário, deparamo-nos

⁶ Pochmann aponta que em 2000 o perfil do desempregado em São Paulo é predominantemente jovem, entre 18 e 24 anos (32% do total).

com uma busca contínua a cursos profissionalizantes ou de qualificação profissional que supostamente proporcionaria aos trabalhadores jovens uma maior chance de inserção ou mesmo de permanência neste mercado.

Podemos relacionar tal processo com o modelo de competência que para Dubar (2000)⁷ pressupõe um indivíduo racional e autônomo, capaz de administrar as suas formações e seus períodos de trabalho segundo uma lógica empresarial de maximização de si. Uma forma extremamente individualista, chamada também por ele de “identidade de rede” que se encontra diretamente ligada à “sociedade de rede”. O resultado de trinta anos de crise de emprego – de transformação do trabalho no sentido da responsabilidade individual, da valorização da competência pessoal e da empregabilidade de cada um – fez dessa forma identitária a única desejável no futuro, única suscetível de reconhecimento social. Dentro da mesma crise, o passado garantia a possibilidade de construção da identidade coletiva; no presente sofremos com o modo de vida societário (capitalista e liberal), em que predomina a identidade pessoal.

O jovem que vive esta realidade encontra grande dificuldade de inserção no primeiro emprego, se submetendo na maioria das vezes às ocupações pouco qualificadas. Spósito (2003) apresenta dados relativos à ocupação dos jovens entre 15 e 24 anos, e estes são mais suscetíveis às condições precárias de trabalho. Enquanto os trabalhadores sem registro em carteira com mais de 24 anos totalizam 21,6% da população, entre os jovens este índice sobe para 32,7%. E entre as ocupações com maior e menor frequência respectivamente entre os homens de 15 a 24 anos são: trabalhador agropecuário (18%) e garçom (2,3%), e entre as mulheres: empregada doméstica (22%) e vendedora ambulante (2,4).

Outro dado significativo apresentado no relatório nacional de acompanhamento emitido pelo governo federal através do IBGE em setembro de 2004 é a taxa de desemprego verificada nesta população entre 15 e 24 anos que é cerca de o dobro da média nacional e elevou-se de 10% em 1991 para 15% em 2002.

Segundo pesquisa nacional “Perfil da Juventude Brasileira”, realizada pela fundação Perseu Abramo (2003) que colheu impressões dos jovens sobre sua própria realidade, em relação ao trabalho foi possível verificar que do total de entrevistados,

⁷ O autor apresenta a idéia de que a transformação de uma profissão aprendida, reconhecida, transmitida, incorporada numa atividade incerta, mal reconhecida, problemática constitui o tipo da “crise identitária” no sentido dado pela sociologia interacionista.

76% trabalham, sendo 63% numa vinculação informal, 35% numa vinculação formal e 2% em outras possibilidades.

Quando relatam as associações que fazem em relação ao trabalho, 64% dos jovens o ligam à *necessidade*, e este índice é maior entre os que possuem renda familiar de até dois salários mínimos (69%) e os que estudam no ensino fundamental (71%). Em segundo lugar associam-no com o conceito de *independência* com 55% das respostas; em terceiro lugar aparece o *crescimento* com 47% de respostas e nota-se um maior índice naqueles com renda de mais de 10 salários mínimos (51%). Na seqüência aparece a *auto-realização* com 29%, sendo que naqueles que cursam o ensino superior este índice é de 51% e o último conceito associado é a *exploração* com 4% sendo que entre os que têm menor renda e escolaridade aparece um maior índice para este conceito (5%) e (6%) respectivamente. Podemos considerar que o trabalho enquanto necessidade de vida associado à independência, crescimento e realização, nesta seqüência, denota uma preocupação com a inserção neste mundo adulto em que o trabalho é a mola propulsora para que este status possa ser alcançado. Contudo, nota-se que entre os de melhor renda e escolaridade é possível perceber associações mais positivas com o trabalho (crescimento e auto-realização) indicando que as melhores condições econômicas e sociais permitem a visualização de perspectivas e sentidos mais nobres em relação ao trabalho ou a uma atividade profissional.

Na população menos favorecida economicamente, o trabalho mesmo que precário, é a chance, por exemplo, de seguir os estudos ou qualificar-se em busca de melhor sorte, uma vez que acreditam que o aumento da escolaridade possa trazer melhores chances em função da concorrência e da luta pelos postos de trabalho.

Na mesma pesquisa observa-se que para todos os jovens há uma valorização da escolaridade, pois 76% consideram a escola importante para o seu *futuro profissional*, 74% para *entender a realidade*, 66% para coisas que faz *no dia a dia*, 66% para *fazer amigos* e 58% para *conseguir trabalho hoje*. Inclusive na pesquisa verificou-se uma simultaneidade entre trabalho e estudo para mais da metade dos jovens.

Para Spósito (2005):

Escola e trabalho, são projetos que se sobrepõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento de ciclo de vida e as

condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil com sua experimentação e reversibilidade de escolhas. (p.106).

Mesmo a educação sendo valorizada pelo jovem, na prática ela se revela ineficiente em sua relação com o mundo do trabalho e no caso da escola pública básica, se mostra de baixa qualidade, não cumprindo com o seu papel. Neste ponto se apresenta o desnível educacional e a desigualdade assinalados por Dubet (2001) e Bourdieu (1992) em que a oferta é de maior qualidade quando destinada aos mais favorecidos. Ou como define Dubet (2001):

Toda uma microsociologia da educação mostrou que as interações escolares e as expectativas recíprocas por parte dos professores e alunos beneficiam os alunos oriundos das classes média e superior. (p.13).

IV – GLOBALIZAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS

O novo capitalismo e as manifestações de sua crise mundial a partir de meados da década de 1970 agravaram as diferenças entre países ricos e pobres, entre os hemisférios norte e sul, e entre desenvolvidos e em desenvolvimento. No contexto desta Nova Ordem Mundial, a ordem dos Estados-Nação, as políticas de soberania nacional não são mais as mesmas na medida em que a mobilidade internacional se tornou uma nova força histórica, esvaziando-as também de poder.

Em conseqüência dos efeitos de interdependência outro elemento de complexidade do sistema político internacional reside no crescente número de problemas que são comuns a todos os Estados, tais como reequilíbrio dos desníveis de desenvolvimento econômico entre os Estados, problemas na defesa dos direitos humanos e da democracia, problemas da auto-determinação dos povos e da proteção de grupos étnicos minoritários, problemas de fluxo migratórios por motivos econômicos, problemas da regulamentação do aproveitamento dos recursos naturais comuns (espaço, atmosfera, oceanos etc.) e dos recursos materiais e humanos raros, entre os quais se inclui o conhecimento nos campos científico e tecnológico.

Neste contexto, a América Latina além de sofrer conseqüências econômicas e sociais sofreu com os processos de democratização e derrocada das ditaduras a partir da década de 1970, estabelecendo novas formas de convívio social até então inexistentes. A cultura democrática criou instâncias de controle social e estimulou o estabelecimento de lutas sociais na esfera pública. A sociedade é obrigada a assumir responsabilidades sociais evitadas pelo Estado neoliberal, e sua capacidade como esfera política crucial para o exercício da cidadania democrática está cada vez mais enfraquecida. Assim, os cidadãos devem fazer-se por seus próprios esforços e a cidadania é equiparada à integração individual no mercado. (Dagnino, 2002).

A mesma autora propõe uma concepção alternativa de cidadania (apresentada por vários movimentos sociais), vê as lutas democráticas como contendo uma redefinição do sistema político, das práticas econômicas, sociais e culturais.

Na esteira das transformações e na tentativa de diminuir as desigualdades geradoras de violência, discriminação e exclusão, os governos latino-americanos

partiram para os “programas de ajuste social” que podem ou não transformar-se em políticas públicas efetivas na eliminação da desigualdade.

Já os movimentos sociais podem ser considerados como ações coletivas com o intuito de estabelecer nova ordem de vida. Não é uma resposta a uma crise e sim a expressão de um conflito, cuja disputa entre os atores é no sentido da apropriação de recursos valorizados por ambos dentro de um mesmo campo de referência. (Melucci, 1991).

Os movimentos contemporâneos têm características singulares, apresentam relações solidárias, são heterogêneos, com fortes marcas culturais, se diferenciando bastante dos atores políticos ou dos sistemas mais formais (ex: movimento das mulheres, dos ambientalistas, dos jovens). Por outro lado há um reforço na fragmentação, pois a nova complexidade e conexão do perfil dos atores individuais não se traduzem em maior capacidade de integração entre os distintos movimentos em que participam. Como resume Tourraine (2002), falar de movimentos sociais é falar de “*renascimento, de capitalismo, de modernidade*”. Ou como analisa Melucci (1991), a “*realidade social é menos uma realidade e mais uma construção*”. Os movimentos se constroem e são constantemente transformados por ações coletivas ou pessoais que são sua própria finalidade e missão.

Uma outra face da globalização que também esbarra no funcionamento dos movimentos sociais é a consolidação de diversos “espaços públicos” que sugere a possibilidade de formação de redes ou teias político-comunicativas intra e intermovimentos, o que foi e é fundamental para a consolidação da democracia no nosso continente.

A globalização trouxe consigo a possibilidade do estabelecimento de redes nacionais e transnacionais de movimentos ou de ações coletivas, com o intuito de compreender e atuar sobre a complexidade da organização social nas diversas sociedades e culturas contemporâneas. (Scherer Warren, 2001).

Aposta-se nas redes de economia solidária, no associativismo, nas ações comunitárias e no voluntariado entre outras iniciativas. Para alguns autores há a necessidade de criação de um homem planetário capaz de se relacionar com base em uma ética de interdependência dos grupos e não da competição. E para alcançar tal resultado propõe como estratégia a organização social de zonas cada vez mais extensas de abertura do universo de locução, como propostas por Habermas (1987), e de

promoção de redes de diálogos interculturais, como forma de construção de um novo humanismo.

V – POLÍTICAS PÚBLICAS

Até o início do século XX o mercado era tido como um regulador natural das relações sociais, com a mínima intervenção do Estado. A partir da crise econômica de 1929, este passa a responsabilizar-se pela elaboração e execução das políticas econômica e social e esta última começa a ser entendida como estratégia de intervenção e regulação do Estado em relação à questão social.

A constituição de 1988 instituiu oficialmente o sistema de seguridade social, baseado no tripé: previdência, saúde e assistência social.

Já a década de 90 foi marcada pelos esforços para a regulamentação e implementação dos direitos sociais inscritos na Constituição

Com a nova Constituição, o Governo Federal passou a ter um papel coordenador das políticas públicas sociais, enquanto os municípios assumiram a responsabilidade da execução dessas políticas (transferência de recursos do Governo Federal e autonomia para Estados e Municípios na organização e gestão de suas políticas).

As ações na área social têm sido organizadas em sistemas descentralizados e participativos, constituídos por órgão da administração pública, gestores, conselhos, entidades ou organizações prestadoras de serviços. Essa rede prestadora de serviços tem sido importante na captação e aplicação de recursos e tem tido importante papel político na transformação social pela capacidade de mobilização das ações coletivas dentro dos espaços públicos, pela representação de interesses da população e pela inovação de processos e metodologias de trabalho.

A política pública também pode ser definida como conjunto de objetivos que enformam determinado programa de ação governamental e condicionam a sua execução. Por outro lado, a esta pode também refletir a sociedade, suas instituições, normas e funcionamento. Ou seja, o meio social busca formas de influenciar, oferecendo subsídios para que as políticas públicas venham a atender aqueles chamados setores minoritários que não estão sendo atendidos de uma maneira considerada adequada. E um outro sentido para a expressão é a luta para se obter o poder ou a busca de acordos de governabilidade.

Podemos destacar que políticas públicas são as ações que o governo escolhe fazer ou não, frente a situações-problema e trazendo embutida nela certa ideologia de mudança social ou de manutenção do *status quo*. Para Abad (2003) essa intencionalidade da política pública é o resultado do compromisso de uma “racionalidade técnica” com uma “racionalidade política”, e para que esta se efetive, é também necessária uma mobilização dos atores sociais relevantes com capacidade de exercer pressão sobre o governo dentro da institucionalidade ou fora dela.

Uma ampliação da definição do termo política pública é a possibilidade de ser um instrumento de *governabilidade democrática* para as sociedades tanto na sua acepção mais restrita referente à mediação entre Estado e sociedade, como no seu sentido mais amplo de levar à consciência cidadã.

Para Abad (2004) as políticas sociais:

Têm como encargo básico a construção da cidadania social, ou seja, proporcionar, num sistema desigual de distribuição da riqueza produzida pela sociedade, as condições mínimas para tornar efetiva a igualdade de direitos reconhecida legalmente, operando mediante a identificação das medidas de discriminação positiva e dos mecanismos de subsidiariedade, transferência e redistribuição de renda, compulsando a relação entre ética pública e moral individual, isto é, entre o Estado de Direito, a Democracia e os Direitos Humanos com a sensibilidade e a Solidariedade Social. (p.18).

5.1. POLÍTICAS PÚBLICAS E JUVENTUDE NA AMÉRICA LATINA

De início é importante lembrar que ao falar de jovem, este deve ser considerado como ator inserido num sistema global e também como pertencente a diversos segmentos sociais, políticos, culturais e, portanto com características e perspectivas bem diversas no quesito inclusão nesta sociedade global.

Podemos levantar alguns lugares ocupados pelos jovens a partir do discurso hegemônico pertencente à determinada época e contexto de desenvolvimento das sociedades. A partir da década de 1950, com os processos de industrialização pós-segunda guerra, verificou-se a incorporação dos jovens por meio de políticas educativas, resultando na adesão maciça de jovens nos ensinos primário e médio em toda a América Latina.

Entre os anos 1960 e 1970, as ações e políticas governamentais eram no sentido de controlar e reprimir as manifestações juvenis (estudantes de nível médio e superior) que contestavam as ditaduras então vigentes no continente. O movimento estudantil uniu-se aos movimentos políticos de esquerda, sindicatos e movimentos guerrilheiros lutando pela queda dos regimes autoritários.

Na década de 1980 com o agravamento da crise na economia mundial e com os processos de abertura política em andamento passou a existir a preocupação com os agrupamentos de jovens em tribos, gangues, manifestações culturais comuns nas grandes metrópoles, já associados também a algumas formas de violência urbana. Neste contexto, foram implementadas políticas de compensação social na intenção de diminuir as desigualdades e dar continuidade aos processos de ajuste estrutural.

Já na década de 1990 a agenda governamental em vários países indicava a preocupação com o crescimento econômico e com a inserção do jovem no mercado de trabalho. Para tanto era necessário um aprimoramento na qualificação destes jovens através de programas de capacitação financiados por organismos internacionais

5.2. POLÍTICAS PÚBLICAS E JUVENTUDE NO BRASIL

Em nosso país, os destinatários que não estiverem sob a proteção das famílias, estão vinculados diretamente ou indiretamente ao Estado (Cohn, 2004). Historicamente o sistema de proteção social brasileiro é diretamente vinculado com o mundo do trabalho:

Esse vínculo com o mundo do trabalho expressa a articulação da política de Estado de proteção social com o processo de acumulação e

desenvolvimento do país em curso em seus distintos momentos históricos ao longo dos posteriores 50 anos do século passado, expressando um projeto nacional em que a questão social da pobreza e da desigualdade era absolutamente marginal, responsabilidade do setor filantrópico ou do próprio Estado, mas sob um novo registro. (p.163).

No Brasil, o que se verifica são iniciativas de estabelecimento de ações que podem materializar-se em “programas” e outras formas de participação social que na realidade ainda não se caracterizam como políticas públicas de juventude. Desde o início da década de 90 o país esteve envolvido com a luta e aprovação do E.C.A.⁸ e, no entanto, ainda não se consegue implantá-lo com efetividade. O que se verifica na maioria das iniciativas governamentais e nas da sociedade civil é uma preocupação com o jovem marginalizado ou excluído que está vulnerável, ameaçado de ter o seu futuro seqüestrado pelo crime organizado ou pelo narcotráfico, sendo muitas vezes estigmatizado como principal agente de violência nas grandes cidades.

A partir da segunda metade dos anos 90, a política governamental em nosso país aumentou o número de vagas no ensino médio público, resultando numa elevação da escolaridade dos jovens, sem que isso signifique melhoria na qualidade do ensino básico, nem reflete na mesma medida um maior acesso e permanência nas vagas das Universidades Públicas do país.

Assim, na prática as iniciativas sempre carregam um viés da nossa constituição social e política. Nas palavras de Ruas (1998 apud Spósito, 2003)

[...] existem cinco regularidades no modo de execução das políticas públicas no Brasil: fragmentação, competição interburocrática, descontinuidade administrativa, ações a partir da oferta e não da demanda e, finalmente, a existência de uma clara clivagem entre a formulação/decisão e a implantação. (p.66).

Na atualidade foram criados alguns novos espaços institucionais como propostas de políticas públicas. Estes espaços (alguns chamados Centros de Juventude ou Centros

⁸ Estatuto da Criança e do Adolescente (legislação que protege a infância e a adolescência).

de Referência da juventude)⁹ possuem propostas variadas que vão desde a ocupação do tempo livre com atividades lúdicas e formativas até espaços que permitem a atuação de jovens ou grupos juvenis em atividades expressivas e de participação social. Os resultados destas iniciativas são ainda preliminares, mas indicam o caráter positivo dessa interlocução do jovem com o poder público e com a sua cidade, afastando a idéia de que o espaço público pode ser perigoso e hostil. O que talvez seja um motivo de atenção por parte dos envolvidos é a de que estes espaços garantam a participação de variados atores juvenis para que não se caracterize o “aparelhamento” por parte de nenhum grupo (Abramo, 2004) impedindo que se constitua um espaço democrático e diversificado.

No âmbito político institucional surgem também “novas institucionalidades” (Spósito, 2003) ligadas geralmente ao poder local, na forma de assessorias, coordenadorias ou secretarias que tem como objetivos articular alguma transversalidade em ações que envolvem o serviço público, bem como proporcionar uma interlocução maior junto aos grupos de jovens.

Outros campos de evolução democrática são vislumbrados nas iniciativas dos OP (Orçamento Participativo) em que a população e os jovens podem opinar a respeito do estabelecimento de prioridades para aplicação dos recursos públicos tendo como ponto de partida, as suas necessidades. A criação de Conselhos de Juventude com participação ativa dos jovens constitui-se também em importante instrumento de comunicação entre jovem, sociedade e poder público.

O grande risco para o aperfeiçoamento do que pode vir a ser uma “política pública de Juventude” é a descontinuidade destas iniciativas, uma vez que a cada mudança de governo ou alternância partidária, muitas ações são desarticuladas sem sequer terem sido avaliadas.

⁹ Os Municípios de Santo André e Diadema possuem tais equipamentos.

5.3. PROGAMAS SOCIAIS - UMA ALTERNATIVA

As definições de “programa social” ou de “projeto social” guardam muitas semelhanças estando o primeiro mais relacionado às ações ou políticas governamentais e o segundo mais ligado às iniciativas de ONGs , fundações ou ações setorializadas. No entanto, o que se verifica é que estas instâncias se interpenetram e podem ao mesmo tempo planejar, executar e avaliar esses programas. Em comum ambos têm aspiração de mudança social e o projeto ou programa seria um instrumento para se alcançar à transformação social.

E a primeira condição para que se possa planejar e desenvolver um projeto de natureza social – que tenha a ver com a transformação das pessoas, com a produção de impacto, que transforme a sociedade – é considerar que o desenvolvimento histórico não se dá espontaneamente, que o desenvolvimento histórico é resultante de uma luta estratégica entre grupos, interesses e visões diferentes. (Tassara 2002, p.2).

Neste ponto um projeto social pode atuar e interferir no papel de representatividade do Estado influenciando a organização humana no espaço e isto implica numa relação de poder. As minorias não atendidas pelas políticas públicas vão buscar influenciar o Estado no campo dos movimentos e das lutas sociais, no intuito de ter suas reivindicações atendidas.

Dessa forma um projeto social pode ser considerado como expressão de uma possibilidade de poder, que se propõe a influir, direta ou indiretamente, sobre formas ou aspectos da organização humana no espaço total. E essa expressão pode se dar de várias formas: seja incorporando minorias; seja alterando as condições externas que definem o que é minoria e o que é maioria; seja enfim, reformulando completamente esse ambiente, que pode ser o de uma grande cidade de uma instituição de um país, etc.

Um projeto social também pode ser desenvolvido no interior de uma política pública cabendo à sociedade, através de outras formas de organização, executá-lo¹⁰.

Tassara (2002) indica que há um caminho de mão dupla no projeto social, pois ao mesmo tempo em que acena para a transformação social agindo na prática, a própria política pública se voltará para os organizadores de projetos sociais para que estas sejam realmente implantadas.

As estratégias utilizadas dentro dos programas ou projetos são variadas e já indicam qual a visão e as possibilidades que se colocam aos sujeitos atendidos. Ela pode ser totalmente assistencialista ou pode estimular aspectos e ações emancipatórias. E estas últimas são mais viáveis quando atreladas a espaços democráticos onde os sujeitos dos programas ou políticas possam realmente interagir com estas instâncias em suas diversas etapas de implantação.

5.4. OS PROGRAMAS E A JUVENTUDE

Como não poderia deixar de ser, a crise atinge a todos os setores da sociedade e a Juventude é uma categoria social particularmente afetada, pois, de alguma maneira espera-se dos jovens enquanto atores sociais, atitudes ou ações coletivas no sentido de ruptura ou transformação social.

Como já apontado anteriormente, boa parte dos programas voltados à juventude tem como interesse a inclusão dos socialmente excluídos, atendendo àqueles que estão à margem do emprego e vulneráveis a situações de risco. Nesta perspectiva, há uma melhoria nas condições de transição para a vida adulta, ou seja, projetando melhorias para o futuro.

Outras definem o reconhecimento de necessidades e direitos que devem ser conquistados no presente, considerando o jovem proponente de caminhos que interessam ao seu desenvolvimento.

¹⁰ A Prefeitura municipal de São Paulo, por exemplo, estabelecia até 2004 parcerias e convênios com ONGs, fundações, cursinhos Universidades, para a execução e acompanhamentos de programas sociais em suas diversas vertentes.

O campo cultural também se revela enquanto importante espaço de comunicação entre identidades juvenis visando a elevação da auto-estima e a participação social.

Outros apostam na capacitação profissional ou na experiência de estágio remunerado para aumentar as chances de inserção no mercado formal.

Contudo, existem poucas iniciativas em que os atores destinatários das políticas sejam ouvidos e convidados a opinar mais diretamente, seja na elaboração, na execução ou no acompanhamento dos mesmos. É necessário, portanto, um alargamento nos canais de participação e comunicação entre Estado e os atores juvenis para que possam ser implantadas ações que levem em conta os diversos segmentos juvenis, suas características e demandas para que se construam políticas efetivas e integrais para a juventude.

5.5. OS ATUAIS PROGRAMAS DE GOVERNO

A partir de 2002, início do governo Lula, houve uma intensificação na criação de Programas voltados aos jovens nos âmbitos Federal, Estadual e nos Municípios. O ponto de partida foi a criação do Programa Primeiro Emprego¹¹.

Em seu início, o Programa sofreu críticas em função dos seus critérios que à época não atendia aos jovens que tivessem concluído o ensino médio e também em relação a sua pouca penetração em termos numéricos nas empresas privadas ou indústrias. Esse tipo de vinculação que oferece facilidades ao empregador, nos remete à crítica de Castel (1998) sobre os abatimentos de encargos sociais para o estímulo dessas contratações:

[...] essas medidas deram prova senão de sua inutilidade, pelo menos de seus efeitos extremamente limitados. No que se refere, em particular, em ajudar o público que enfrenta dificuldades, teria sido

¹¹ É chamado de PNEP Programa Nacional de Estimulo ao Primeiro Emprego. Atualmente o plano engloba outros Programas como o Juventude Cidadã, o Agente Jovem, Soldado Cidadão, Jovem empreendedor, além do estímulo para a aplicação da lei de aprendizagem que permite aos jovens menores (entre 14 e 16 anos) exerçam um estágio remunerado. Criaram-se também os consórcios sociais da juventude em que são parceiros empresas, Ongs e poder público.

necessário “distribuir menos frequentemente subvenções em favor de contratações que, de todo modo teriam ocorrido”. O que se chama de ganho inesperado de algumas medidas sociais é muito interessante para as empresas, e não se vê porque razões não se aproveitariam dele. Mas ele tem frequentemente, efeitos perversos sobre o controle do desemprego. (p.522).

Além da experiência do PNEP entre 2003 e 2004 o governo instituiu o “Projeto Juventude”¹² em parceria com Ongs, Universidades, empresas, movimentos de jovens, gestores públicos e cujos resultados alimentam a proposta de instalação de uma “Política Nacional de Juventude” no âmbito Federal, lançando também aos governos estaduais e prefeituras municipais o desafio de conceber instâncias gestoras que dêem conta da tarefa de coordenar as políticas específicas de juventude.

Os resultados obtidos nesse projeto também influenciam a forma de conceber os novos programas que estão em fase de implantação a serem executados nos Estados e Municípios.

No âmbito Estadual, também é possível verificar uma série de Programas voltados aos jovens. Em alguns casos notamos a semelhança e a repetição de fórmulas¹³ e propostas. O que por um lado nos indica uma real necessidade desta população, de outro, no entanto corre-se o risco de ocorrer o que Ruas (1998) chama de “competição interburocrática” entre as esferas de governo implicando em repetição de ações, que podem implicar em desperdício dos investimentos públicos.

No geral os Programas enfocam três grandes eixos: a elevação da escolaridade ou capacitação profissional, a transferência de Renda e a preparação para o mundo do trabalho. Outros aspectos também surgem acenando para uma preocupação com a “qualificação social” do jovem, estimulando a realização de atividades comunitárias ou extracurriculares.

O Prouni apresenta-se como uma tentativa de democratizar o acesso à educação superior, representando uma política pública de ampliação de vagas, estímulo ao processo de inclusão social e geração de trabalho e renda aos jovens brasileiros. O Programa concede bolsas de estudo integrais e parciais, a estudantes de baixa renda de

¹² Incluiu a Pesquisa quantitativa “Perfil da Juventude Brasileira” mais a realização de grupos focais com os jovens, além de seminários e publicações.

¹³ Jovem Cidadão e Primeiro emprego.

cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior, oferecendo em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas que aderirem ao Programa. Também em fase de implantação o Prouni, pode ser alvo de algumas reflexões principalmente em relação à mercantilização da educação superior, ou ainda estimular a proliferação do que Lehman (2005) chamou de *“universidades mercantis criadas para conquistar uma fatia de mercado”*.

Em resumo são diversas iniciativas com o mesmo princípio de tentar diminuir os efeitos da desigualdade que atinge um grande número de jovens em nosso país. Somente o tempo acompanhado de avaliações criteriosas e constantes poderá revelar os resultados destas políticas junto aos jovens e a toda sociedade.

5.6.. A EXPERIÊNCIA GRUPAL

As estratégias grupais podem oferecer uma boa alternativa de atuação no trabalho com jovens no contexto de uma intervenção social. A constituição do grupo se dará a partir de objetivos comuns, entretanto, é necessária a existência de um sistema de valores interiorizados por seus membros, que é a condição para que o projeto saia do plano para realização (Enriquez, 2001).

A idealização, ilusão e a crença são elementos constitutivos da experiência grupal, é o que mobiliza o grupo em função de uma causa a ser defendida. E a direção de funcionamento desses grupos pode ser caminhar para a diferenciação ou para tornar-se massa.

No caso dos jovens a formação da identidade e a introjeção de normas e valores que se realizam no interior dos grupos de pertencimento secundários, possibilitam a integração de novas experiências, de ser reconhecido, de existir para si mesmo e para o outro. Assim a construção da subjetividade pode também estar articulada à formação de laços sociais.

Um papel substitutivo nas funções que foram falhas no grupo de pertencimento primário pode se instalar nestes grupos dependendo do seu valor intrínseco, que é o espaço continente e transicional, oferecendo novas possibilidades identificatórias. Winnicott (1975)

Além da função socializante Barus Michel (2001) aponta que numa prática social:

[...] existe uma demanda que dá respeito à palavra, ao modo de trocas e de cooperações, às reciprocidades, às convergências entre as posições psíquicas(defesas e investimentos subjetivos) e as posições sociais(inserções, status, lugares conquistados ou impostos) É uma demanda de acesso ao sentido, para indivíduos que querem se tornar sujeitos sociais (fazer algo de si mesmos entre e com os outros), que nutrem sua identidade no jogo social e se inserem na temporalidade (ter alguma influência em sua própria história, construí-la). (p.173)

Portanto, ao se verem compartilhando os mesmos sentidos e se reconhecendo como sujeitos colocam-se numa posição ativa e reflexiva frente à realidade, aquela posição que torna possível a busca dos próprios direitos num espaço democrático. É o aspecto político no qual de detém Arendt (2004) ao apontar que é na ação e no discurso presentes na convivência humana que se revelam as individualidades:

[...] É necessário que cada um esteja disposto a correr o risco da revelação... sem a revelação do agente do ato, a ação perde seu caráter específico, torna-se um feito como outro qualquer. Na verdade, passa a ser apenas um meio de atingir um fim, tal como a fabricação é o meio de produzir um objeto. (p.193).

VI – O MUNICÍPIO DE GUARULHOS

6.1. ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS

Guarulhos, com área é de 341 km², está localizada a nordeste da região metropolitana de São Paulo, situada estrategicamente no eixo Rio - São Paulo, a 17 km da capital.

Faz divisa com os municípios de São Paulo, Arujá, Itaquaquecetuba, Mairiporã, Nazaré Paulista e Santa Izabel. A Serra da Cantareira estende-se ao longo dos limites desses três últimos municípios.

Foi fundado em 8 de dezembro de 1560, como elemento de defesa do povoado de São Paulo. Inicialmente, seu crescimento econômico estava relacionado à mineração do ouro.

Entre os séculos XVII e XVIII as principais atividades econômicas eram a agricultura e mineração e a criação de gado como atividade de apoio.

No final do século XIX, crescia a produção de madeira e pedra, além da produção de tijolos, cuja produção estava direcionada às crescentes edificações da capital. Assim, em 1915 implantou-se o ramal ferroviário na cidade.

Além da chegada da ferrovia, o início do século XX foi marcado pela chegada da luz elétrica, solicitação de rede telefônica, licenças para implantação de indústrias, comércio e transporte de passageiros.

Na década de 40, várias indústrias instalaram-se na cidade, tornando esta a principal atividade econômica do município até os anos 80.

Nessa ocasião, reflexo do que ocorria em escala mundial desde a década de 70, grandes grupos industriais retiram-se de processo produtivo e passam a investir seu capital no mercado financeiro. Em Guarulhos, de acordo com dados da Secretaria Municipal de Finanças (1998), entre 1991 e 1997, cerca de 70% da economia do Município concentrava-se predominantemente na área de prestação de serviços.

6.2. ASPECTOS POPULACIONAIS

De acordo com o IBGE (Censo 2000) a população de Guarulhos era de 1.072.717¹⁴ habitantes. A População Economicamente Ativa (PEA) é de 523.390, o que representa 72,68% da População em Idade Ativa (PIA)¹⁵.

O número de jovens entre 15 e 24 anos era de 214.410, em 2000 (IBGE), cerca de 20% da população.

Ao analisarmos a evolução do emprego por setor de atividade econômica no município no ano de 2005¹⁶, constatamos que o setor com maior saldo positivo entre admissões e demissões é o setor comercial (saldo de 4153), seguido da Indústria de Transformação (saldo de 3636) e do setor de serviços (saldo 2771).

De janeiro a outubro de 2005, dados do CAGED nos mostram o seguinte perfil dos admitidos na indústria, comércio e serviços em Guarulhos:

GÊNERO	INDÚSTRIA <i>(% de contratações)¹⁷</i>	COMÉRCIO E SERVIÇOS <i>(% de contratações)</i>
Masculino	77,33	63,96
Feminino	22,67	36,04
TOTAL	100,00	100,00

Segundo o censo de 2000 (IBGE), Guarulhos possui cerca de 109.000 na faixa etária entre 16 e 21 anos de idade, que é a atendida pelo Programa Oportunidade ao Jovem.

¹⁴ A estimativa em 2005 é de 1.230.511 habitantes.

¹⁵ Contingente populacional na faixa etária de 15 a 64 anos que não estão necessariamente inseridos no mercado de trabalho.

¹⁶ M.T.E. – Ministério do Trabalho e Emprego / CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados.

¹⁷ Percentual em relação ao total de admissões de janeiro a outubro/2005, que foi de 65.875 postos.

Observamos outros dados sobre a distribuição geográfica e social destes jovens na cidade:

REGIÃO DA CIDADE	JOVENS ENTRE 16 E 21 ANOS	PERCENTUAL DE RESIDENTES PERTENCENTES ÀS CLASSES “C” E “D”
PIMENTAS (Água Chata, Aracília, Itaim, Pimentas, Bonsucesso e Presidente Dutra)	29.150 ou 27% do total de jovens	89%
SÃO JOÃO (Bananal, Capelinha, Fortaleza, Lavras, São João, Tanque Grande).	10.639 ou 10% do total de jovens	82%
CABUÇU (Cabuçu e Cabuçu de Cima)	6.227 jovens ou 5,8% do total de jovens	91%

Essas três regiões periféricas abrigam cerca de 43% do total de jovens entre 16 e 21 anos de idade, e caso sejam somados a elas os bairros de Cumbica e Taboão, chegaríamos a 57% do total de jovens do Município. Não por acaso, a maior parte destes jovens concentra-se nas regiões mais pobres da cidade, segundo um levantamento realizado em 1997 pela Classificação Econômica Brasil.

Portanto, um dos maiores problemas a ser enfrentado pelos jovens, é a falta de renda das famílias, e assim, a sua própria falta de renda. Acrescente-se a isto, a elevada taxa de desemprego entre esta faixa etária da população, que pode chegar a até 50% da PEA (População Economicamente Ativa) para esta mesma faixa etária. Portanto, a falta de trabalho, renda e ocupação são os maiores obstáculos colocados para estes jovens.

VII – O PROGRAMA “OPORTUNIDADE AO JOVEM”

“Antes do programa eu estava num buraco escuro e fundo, estava naquele fim de mundo sozinha com a minha filha, morrendo de medo da violência, era como se estivesse condenada, pra sempre. Depois do programa, voltei para a escola, tinha parado na 6ª série, vendo os doces que aprendi a fazer, descobri que existe vida lá fora e que pode existir algo melhor para mim e para minha filha.”

(L.S .jovem do Programa - 21 anos).

“O Programa despertou em mim interesse político e agora venho organizando o Grêmio Estudantil da minha escola, estou orientando a minha comunidade pra montar uma associação de bairro para tentar melhorar os problemas sociais daquela região”.

“O Programa me despertou pro meu ingresso no mercado de trabalho, tomei consciência das dificuldades que enfrentarei, mas percebi que posso melhorar, buscando mais conhecimentos”.

(V.M., jovem do Programa – 17 anos).

7.1. PÚBLICO E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

O Programa foi desenvolvido para atender jovens de 16 a 21 anos, estudantes ou com ensino médio completo, pertencentes a famílias de baixa renda, que não tenham outra fonte de rendimento e residentes no município há, no mínimo, dois anos.

Este se define distributivo e emancipatório, pois distribui renda e favorece o desenvolvimento de habilidades profissionais em projetos que os jovens escolheram previamente. O jovem pode permanecer no Programa por um período de 12 meses,

prorrogáveis por mais 06 meses, recebendo uma bolsa de R\$ 110, 00, vale-transporte e vale refeição, seguro de vida, por 20 horas de atividades semanais.

O programa tem capacidade para atender 1500 jovens com renda familiar per capita de até 45% do salário mínimo vigente.

7.2. OBJETIVOS

O Programa pretende a inclusão social dos jovens no que se refere aos âmbitos sócio-econômico, educacional, cultural e das relações sociais e afetivas.

Seus objetivos específicos são:

- ? a melhoria no nível de renda familiar;
- ? promover o desenvolvimento de atividades comunitárias que visam melhorar a qualidade de vida local;
- ? proporcionar um processo de formação social e cidadã ao jovem;
- ? oferecer uma nova perspectiva profissionalizante, tão necessária ao país: o trabalho social e comunitário;
- ? possibilitar a elaboração de projeto coletivo que interfira em sua comunidade, enfatizando o protagonismo juvenil;
- ? viabilizar a sustentabilidade do jovem após o Programa.

Com um caráter de “qualificação social” do jovem, o Programa forma agentes multiplicadores, cujo desenvolvimento enfoca a formação em cidadania, com participação social, acompanhada de experiências teórico-práticas junto à comunidade nas áreas de atuação das Secretarias de Governo envolvidas com o presente Programa.

O Programa Oportunidade ao Jovem tem 11 Secretarias municipais como parceiras da Secretaria de Relações do Trabalho e 23 projetos sendo executados através destas. São elas: Administração, Assistência Social e Cidadania, Cultura, Desenvolvimento Urbano, Educação, Esportes, Fundo Social de Solidariedade, Habitação, Meio Ambiente, Saúde e Transporte e Trânsito.

No início do contato do jovem com a instituição Ihes são apresentados os projetos oferecidos pelas Secretarias de Governo e estes têm que escolher a partir do seu interesse ou afinidade. Assim os jovens são incluídos em grupos que, em sua maioria, tem um educador responsável pela formação e experiência prática que os acompanha durante o processo.

7.3. O PROCESSO DE FORMAÇÃO

A formação dos educadores e dos jovens é um processo contínuo e contempla conteúdos e debates sobre cidadania, além da formação específica de cada projeto para que o jovem se torne efetivamente um agente multiplicador e um propositor de ações que gerem sustentabilidade ambiental, social e econômica.

Os conteúdos que são enfatizados na formação ao longo do período em que os jovens permanecem no Programa, independente do projeto em que estejam vinculados são: Cidadania, Inclusão e Exclusão Social, E.C.A., Meio Ambiente, Saúde e Sexualidade, Família, Juventude e Trabalho, Economia Solidária e Elaboração de Projetos.

7.4. PERFIL DOS JOVENS ATENDIDOS PELO PROGRAMA

GÊNERO		COR (autodeclarada)	
Feminino	63,25%	Branços	27.6%
Masculino	36,75%	Negros, mulatos, morenos, pardos	72.4%

Renda familiar:

- ☞ 57% até 2 salários mínimos
- ☞ 30% até 3 salário mínimos
- ☞ 14% mais que 3 salários mínimos.

Trabalho (experiência profissional anterior ao Programa):

- ✍ 69% trabalharam antes de entrar no programa.
- ✍ 95% trabalharam sem registro.
- ✍ 62% começaram a trabalhar entre 13 a 17 anos.

As atividades profissionais mais desenvolvidas:

- ✍ 34% babá;
- ✍ 29% balconista;
- ✍ 15% ajudante de pedreiro;
- ✍ 12% vendedor.

Maior detalhamento do Perfil – Anexo II

VIII – MÉTODO

8.1. OBJETIVO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as representações e o sentido do trabalho em jovens participantes de um programa de inclusão social no município de Guarulhos.

O presente estudo se propõe analisar através de relatos de 2 grupos a apreensão dessas vivências comuns dos sujeitos, uma vez que os grupos já existiam e, portanto, poderiam ter construído algum sentido para a experiência do vínculo com o trabalho e com o trabalhar em grupo no contexto do Programa Social.

8.2. MÉTODO

Para tal, definimos três encontros em que a questão do trabalho é enfocada em três momentos diferentes:

- ? O primeiro encontro focou as experiências profissionais ou de trabalho dos jovens antes de ingressarem no programa.
- ? O segundo, a experiência de trabalho no Programa com os demais jovens.
- ? O terceiro, as perspectivas profissionais ou de trabalho futuras ao saírem do Programa.

8.3. ESTRUTURA DOS ENCONTROS

Os locais dos encontros eram os próprios locais de atividade dos jovens. A participação nos encontros foi espontânea, os elementos dos grupos concordaram com a participação na pesquisa (anexo III) e com a gravação dos encontros sendo garantido o sigilo e a troca dos nomes visando preservar as identidades dos jovens.

Os encontros foram de aproximadamente uma hora e meia e foram coordenados por dois psicólogos. Os encontros foram gravados e depois transcritos, são apresentados em forma de resumo além de comentários realizados pelos coordenadores.

A pesquisa com os grupos foi realizada após 1 ano e 5 meses de convivência no Programa com um vínculo e uma história já construída no decorrer deste tempo.

8.4. POPULAÇÃO

Foram selecionados dois grupos que no aspecto formativo tinham características e atividades diferentes, não se trata de um estudo comparativo e sim de ressaltar as qualidades diferenciais dos grupos quanto aos sentidos e representações do trabalho na vivência do Programa.

O grupo 1 (anexo IV) era vinculado ao Fundo Social de Solidariedade, cujo projeto era o do Restaurante Escola Popular. Os jovens recebiam informações referentes aos aspectos nutricionais dos alimentos, conservação, manipulação, pré-preparo e preparo dos alimentos em grande quantidade. Realizaram oficinas de pães artesanais, bolos, além da alimentação alternativa.

Era um grupo de 13 jovens entre 17 e 22 anos, predominantemente feminino com apenas dois rapazes. Entre as jovens, 7 já tinham filhos e duas delas eram casadas.

O grupo 2 (anexo V) tinha vínculo com a Secretaria de Transporte e Trânsito que dentre os caminhos possíveis escolheu a vertente da “Educação para o Trânsito”. A formação foi constituída de aspectos da legislação de trânsito vigente, em linguagens de mídias utilizadas como ferramentas para transmissão do conteúdo educativo. Entre elas,

realizaram oficinas de fanzine, vídeo, grafite e de jogos educativos, cujos produtos foram utilizados em oficinas para crianças da rede municipal de ensino.

Neste grupo havia 11 jovens entre 18 e 22 anos, em um número equilibrado de 6 moças e 5 rapazes, sendo que apenas duas tinham filhos e não havia casamento.

8.5. ANÁLISE DOS DADOS

Foi definida a análise de conteúdo, segundo Bardin (1977) para tratamento dos relatos. As referências para o acompanhamento dos grupos foi a da orientação profissional grupal em que conceitos, idéias, informações e desejos podem ser compartilhados e elaborados.

Os dados e o material obtido junto aos grupos foram analisados a partir da referência das representações e sentidos do trabalho para estes grupos inseridos num programa social.

IX – RELATO DOS GRUPOS

9.1. RELATO DO PRIMEIRO ENCONTRO – GRUPO 1

Presentes: 10 jovens (9 moças e 1 rapaz).

Iniciam falando da escola e da relação que esta tem com o trabalho:

AP. estudar é a possibilidade de um emprego melhor, “porque hoje em dia você sabe, pra conseguir trabalhar de qualquer coisa tem que passar pelo menos da 8ª série”. Fala também que é fundamental ler e escrever e saber das coisas que acontecem.

T. diz que terminou o ensino médio, mas não é suficiente, “precisa ter curso de computação, ter experiência, porque a gente vai procurar serviço, aí perguntam: tem experiência? A gente fala não. Então vai pra trás. Eu consegui o serviço lá no Primeiro Emprego, chegou uma carta, aí eu fui lá e não me deixaram participar porque eu já tinha terminado e tinha que estar matriculada na escola.”

E. também faz críticas ao Programa 1º emprego que penaliza quem terminou o ensino médio no período certo.

M. tudo envolve a escola, tem que saber ler e escrever, “se você sai no meio do mundo você tem que saber ler alguma coisa. Você tem que pegar um ônibus, você tem que ler. Você tem que conversar, você tem que saber o que ta falando. Então pra mim, só tenho isso a dizer: a escola é tudo. Sem a escola, hoje em dia, a gente não é nada tanto para o trabalho quanto para o seu dia-a-dia”.

RI. “... eu acho que a escola é tudo, porque se a pessoa não ir na escola, o que ela vai ser da vida hoje em dia? Nada. Que nem acontece com minha mãe. Minha mãe é analfabeta. Se tem que pegar ônibus é muito difícil, ela tem que perguntar, às vezes a pessoa dá informação errada, ela vai parar lá não sei aonde, aí depois fica sem o dinheiro da condução pra voltar.” “ Eu até já levei bronca - por que você não ensina a sua mãe? Mas é difícil tem que ter muita paciência. Além da escola tem que ter outros cursos e também experiência”.

MA. diz que a escola é importante e se aprende muita coisa.

E. diz que precisou parar de estudar por não ter com quem deixar o filho.

C. sente falta da escola, mas também se queixa que ao terminar os estudos sempre vai faltar alguma coisa, ou é o curso de línguas ou é a faculdade que muitos não têm condições de fazer.

AP. diz que também existe uma carência já que “nós estudamos numa escola do Estado”.

T. “eu fiz um esforço, fui grávida pra escola, deixei a sogra cuidando do meu filho, pra terminar”.

AF. aconselha E a procurar o 1º emprego já que ela está atrasada na escola e ainda não completou 24 anos. (...) “Mas se eu fosse você faria um esforço pra terminar, porque pra quem termina já é difícil, imagina pra quem não termina aí pronto”!

C. faz críticas ao avanço da tecnologia “fora também que eu acho errado muitas firmas que trocaram as pessoas pelas máquinas, tem muito desempregado. Não deveria ser assim, porque se o ser humano ta aí e a gente precisa, o ser humano tem que trabalhar e não a máquina, porque a máquina não precisa”.

A coordenadora pergunta por que eles acham que isto acontece.

AP. “porque a máquina não tem sentimento, máquina não precisa de remédio, máquina não falta, não dá trabalho. A máquina vai ta sempre ali na hora que eles quiserem”.

AF. “você chega no ônibus e já não tem mais cobrador, só é o motorista”.

M. fala da necessidade de sair pela cidade para procurar emprego e da insegurança que existe na rua.

AP. “se dessem oportunidade para quase todos não ia ta esse tanto de violência que ta lá fora. Não ia ter pai desesperado para roubar o próximo. Não ia ter ninguém revoltado por causa de dinheiro”.

M. “nada justifica isso”. (a violência)

AP. “Mas se tivesse emprego pra todo mundo, ninguém ia pensar nisso, sabia”?

M. “nada justifica isso.”

AP. “mas tem gente que tem pensamento diferente, entra em desespero e já era”.

T. “se faltar algo pro meu filho, não to nem aí, meto as caras”.

C. (...) “se faltar, você vai pedir, será que não?(...) todos tem o direito de comer.”

M. “mas, às vezes, batem a porta na sua cara... a maioria das vezes, você vai pedir e bate de porta em porta e batem a porta na sua cara, a maioria fala: vai roubar”.

AP. fala dos presidiários e da dificuldade de voltar à vida fora da cadeia, por isso muitos voltam a roubar.

C. diz que muitas vezes é preciso recorrer aos amigos.

AP. “pelo menos você tem amigos pra isso. E quem não tem?”

C. “hoje em dia é claro (...) não tem que escolher serviço. Você ta com uma enxada ou catando lata (...) pelo menos um salário na sua mão, não é por isso que você vai ter que roubar”.

N. “eu terminei os estudos já com o pensamento de arrumar um serviço. Antigamente era mais fácil, não precisava nem ter estudo, você escolhia serviço, saia de um e entrava em outro. Meu pai mesmo trabalhou em várias empresas porque era muito fácil...”

C. “minha mãe fala que quando saia da firma o patrão mesmo chamava pra trabalhar de novo”.

C. “Não precisava de nada, nem de estudo, já conseguia serviço”.

N. “podia voltar antigamente”.

Contam também alguns casos de pessoas que foram excluídas em seleção de emprego em função da cor ou da aparência.

M. “essa história de foto, tem uma colega que mandou uma foto pro mercado, aí eles ligaram, chamaram ela, quando olharam pra ela, ela falou que a mulher olhou dos pés à cabeça e quando viu que ela era mais fortinha ou gordinha não quis. Foi pelo corpo dela, não pelo que ela sabe”.

RI. “hoje em dia ainda existe o racismo, um colega meu que é escuro, trabalhava no hotel César Park em São Paulo. Ele foi mandado embora porque ele tava lá, não sei o que ele fez, confundiram ele por causa da cor. Falam que todo preto é igual, confundiram ele, mandaram ele embora e era arriscado ele até ser preso”.

Como vocês buscavam trabalho antes do Programa? O que vocês pensavam em termos de perspectivas profissionais antes do Programa? Ou o que faziam?

M. estava desempregada passando por dificuldades, depois conseguiu trabalho como diarista, a mãe também tinha filho pequeno e também era solteira, precisava da ajuda dela. “Eu sou acostumada a trabalhar desde os 6 anos de idade. Eu sempre cuidava de criança, fazia uma coisa, fazia outra. Sempre tive meu dinheirinho. Quando eu fico em casa fico doida. Então já cheguei a bater nas portas pedindo serviço. E é difícil conseguir, muito difícil. A maioria fala assim, você não consegue porque não quer, você é nova. Os velhos mesmos costumam falar isso, você é nova, você não consegue porque não quer. Mentira, a gente vai atrás aí, mas ta muito difícil. *(Você tinha algum plano pra você?)*. Plano a gente sempre tem. A única coisa que eu quero mesmo é trabalhar, não deixar faltar nada pro meu filho”.

T. trabalhou em casa de família, entregando papel no farol, vendeu saco de lixo na rua, lava - rápido... , “fazia o que aparecia”. “Eu pretendo terminar meus estudos, um dia arrumar um serviço bom, pagar uma faculdade pra mim, pra me formar no que eu quero, conseguir um serviço bom pra dar um pouquinho pro meu filho. Queria me formar em juíza”.

AP. era dama de companhia de uma senhora de 92 anos. Tinha como plano guardar dinheiro para comprar um terreno e construir uma casa para a mãe, além de conseguir um trabalho. Como bico ainda leva e traz os sobrinhos da escola e aplica canecalon no cabelo das vizinhas. *(Profissionalmente, você pensava em alguma coisa?)*. “Meu sonho era ser policial, mas (risos) não deu.” *(E não dá mais?)*. “Eu acho que não”. *(Por quê?)*. “Ah! Já tenho 21 anos, tem limite de idade. Dizem que é de 18 pra cima. E dizem que eu não tenho tamanho (risos)... E tão matando muita polícia... Se eu não fosse polícia eu ia ser advogada. Só pra ajudar os meus colegas. Meus colegas que tão privados da liberdade.”

Neste momento revela que a polícia tem práticas de incriminar os moradores da favela no intuito de tentar extorquir o dinheiro deles e cita exemplos de colegas que sofreram com esta rotina.

AP. “eu sei que policial consegue dinheiro muito fácil. *(É por isso que você queria ser policial?)* Não, eu ia cortar todos os colegas que fossem assim, sabe, que gostassem de pegar dinheiro pra eles. Tem policial que é fogo, não merece a farda que tem”.

RI. trabalhou como ajudante de pedreiro, ajudante de lava - rápido e panfleteiro. *(Você tinha algum plano, pensava no futuro?).* “A única coisa que eu tava pensando primeiro era arranjar um serviço, depois ia ganhar meu dinheiro, guardar, depois é que eu ia pensar em algum curso de computação, sei lá, primeiro você tem que ter um serviço”.

MA. eu nunca trabalhei. *(Por qual motivo?).* “Por que era difícil”. *(E você tinha algum plano pro futuro? Você tinha vontade de fazer alguma coisa?).* “Eu tinha vontade de fazer qualquer coisa.”.

Obs: MA. *tem uma deficiência auditiva e faz leitura labial, todos do grupo esforçam-se para que ela consiga entender o que está sendo perguntado.*

E. antes trabalhou como empregada doméstica, tinha planos de ter uma casa, criar os filhos, sair da casa da mãe e ter um trabalho para poder mantê-los.

C. não fazia nada, planejava arrumar emprego mudar de casa que é cedida pelo avô. Acha muito ruim essa situação porque “sempre alguém acaba jogando na cara o favor”. Enviava currículos para os locais, mas nunca conseguiu nada.

R. trabalhou de babá e depois numa empresa de embalagens (ajudante geral sem registro em carteira), a família toda precisava trabalhar para manter a casa . Pretende fazer um curso de enfermagem no próximo ano.

AF. seu trabalho era cuidar de 6 sobrinhos, para que os pais trabalhassem. A mãe sempre trabalhou como cozinheira e a família nunca passou grandes dificuldades. Tinha como plano ter uma casa para morar com a mãe e poder sustentá-la. Em relação ao aspecto profissional gostaria de estudar hotelaria e turismo.

N. trabalhou passando roupa e fazendo faxina quando morava com a mãe. Agora é casada e mora com o marido. Teve vontade de também fazer um curso de enfermagem, mas não sabe se teria “estômago” para isso.

A seguir as coordenadoras perguntam se há diferença entre fazer planos e sonhar.

T. “sonhar traz aquela idéia de que um dia se vai alcançar”.

AF. “um sonho é aquilo que você quer fazer e planejamento é aquilo, você vai trabalhar, você precisa trabalhar. Mas o mais importante é o sonho”.

M. “o meu sonho é ser pediatra”.

T. “se um dia eu conseguir realizar a minha faculdade, um dos meus sonhos vai ser realizado. Vou ter tudo que eu queria”.

C. para conseguir realizar sonho... “por exemplo ter uma casa, vou estudar, trabalhar e vou conseguir, aí consigo comprar a casa. Meu planejamento era trabalhar naquilo, aí com aquilo que você planejou trabalhar você conseguiu realizar seu sonho”.

AF. diz que deve ser muito bom conseguir ter sua independência, sua vida, trabalhar naquilo que sonhou, mas tem umas que conseguem, outras não.

As coordenadoras apontam que o plano implica em atitudes mais práticas, talvez se tenha que estabelecer primeiro qual é o plano, depois fazer cumprir, segui-lo. Mas do jeito que vocês falam parece que fica meio misturado.

RI. “mas de que adianta a gente sonhar, ou fazer planos se ninguém dá uma oportunidade pra gente. você procurar um serviço, não te dão oportunidade.”

Então a realidade atrapalha os planos também?

R. fala que o irmão queria ser bombeiro, mas que não conseguia lidar com o sangue e com suas próprias limitações

M. revela que gosta de ajudar as pessoas,... “quando eu ganhei nenê, cheia de pontos da cesárea, as mulheres no hospital, gritando de dor eu ia lá e começava a conversar, distrair, pegava água, fazia uma coisa, fazia outra. Eu acho muito bonito, eu queria ajudar.”

Seguem falando de atividades profissionais que consideram bonitas, nobres, dos estereótipos das profissões e das roupas utilizadas pelos profissionais.

COMENTÁRIO

Inicialmente falam da experiência escolar, da importância do conhecimento para a vida, de seguir os estudos e aumentar as possibilidades da inserção no primeiro emprego. Há também a percepção que na prática mesmo estudando, outras exigências acabam aparecendo, e eles se consideram em desvantagem porque não conseguem alcançar esta suposta qualificação.

A experiência do trabalho e “dos bicos” começou cedo e já é rotina para a maioria deles (apenas duas não haviam tido nenhuma experiência). O trabalho doméstico parece ser a principal alternativa uma vez que o grupo é formado em sua maioria por mulheres. Somente **M.** havia tido experiência num trabalho estruturado e mesmo assim sem registro em carteira profissional.

Mais do que pensar numa perspectiva ou num projeto profissional, os relatos denotam a necessidade de trabalho enquanto possibilidade de sobrevivência, sustento dos filhos e auxílio à família de origem (somente **N** formou uma nova família).

A maternidade é uma realidade para a maioria do grupo (apenas quatro jovens ainda não têm filhos). Esta nova composição familiar não implica em independência, casamento ou uma nova união e sim fonte de preocupação com o criar, educar e não deixar faltar nada para o filho.

Em alguns momentos aparece certo desânimo quando são colocadas as possibilidades e limitações econômicas do grupo em relação ao que seria “ideal” em termos de qualificação para concorrer no mercado de trabalho. Outra reflexão surgida foi a do avanço da tecnologia e como esta também tem limitado o acesso de novos empregados (inclusive eles) às empresas ou indústrias.

Uma outra questão importante surgida no grupo foi o medo diante de todas as dificuldades, da falta do emprego, de ser preterido pela falta de recursos intelectuais, medo pela humilhação de ter que pedir, e até mesmo roubar para sustentar o filho. A própria violência da qual são vítimas aparece como possibilidade, já que o policial corrupto e violento é de alguma forma, “referência” enquanto profissional.

Ao final do encontro puderam falar um pouco dos sonhos ou do desejo de um futuro mais promissor.

9.2. RELATO DO SEGUNDO ENCONTRO – GRUPO 1

Presentes: 10 jovens (9 moças e 1 rapaz)

Falam da experiência vivida no Programa e sobre a semelhança desta com vivências anteriores.

AP. é como uma escola, existe a chance de discussão, de conscientização e de aprender. Entre o teórico e a prática aprende-se a manusear os alimentos, como comprar alimentos bons, próprios para o consumo, como limpar uma carne, qual é a carne.

MA. é uma chance para aprender a cozinhar, é como se fosse trabalho, é importante.

AL. tem semelhanças com escola e com trabalho. Pelo que se faz é um trabalho, por outras coisas uma escola, “porque lá (cozinha) a gente mexe com panela como se fosse um serviço e aqui (sala de refeição) é como se fosse uma escola, a gente escreve, dá nossa opinião”.

T. é trabalho e escola. “Quando saio da minha casa, falo que to indo pro serviço, aí venho pra cá, faço o que tenho que fazer e volto pra casa”.

E. é um curso e um trabalho. Trabalho são as atividades práticas na cozinha e curso são atividades teóricas na sala de refeição. “Tem que escrever, prestar atenção senão leva bronca. A ‘diretora’(nutricionista do restaurante, a cozinheira ou a coordenadora do projeto) grita, fala brava e assim vai indo”.

R. considera que o sentido ruim não é do processo de aprender e sim o do trabalho, já que muitas vezes precisam ser melhor orientados.

AF. é trabalho e escola. “Tem que ter responsabilidade em tudo, porque se um faz o arroz duro é ele (o jovem) o culpado”. E com a nutricionista é possível aprender como manusear os alimentos, saber de suas propriedades além de preparar os pratos.

CA. diz ser um trabalho, tem que ter responsabilidade, cumprir o horário de entrada e saída, tem a possibilidade aprender, é uma área interessante.

Como foi a convivência de vocês aqui?

AP. relata dificuldade de relacionamento com a turma que funcionava a tarde¹⁸. “Eu tentei gostar daquelas meninas, mas elas se sentem melhores que nós, não sei, acho que é porque eu moro na favela, né? Elas tratam com indiferença, entendeu? Então é melhor afastar. Eu gosto mais do pessoal da manhã”. Em relação à cozinheira e a nutricionista houve um período de conflito superado no decorrer do tempo.

T. também tem restrições à turma da tarde. E relata ter um bom relacionamento com os colegas da turma da manhã.

A. relata situações em que algumas jovens do outro período faziam questão de mostrar que trabalhavam demais, solicitando muita atenção das educadoras. “Elas se diferenciam de você, com isso vai dificultando o convívio com essas pessoas. Aí o que você faz? Você se afasta”.

MA. “quando as pessoas falam devagar aí fica bom, consigo entender, mas às vezes um deles fala qualquer coisa e eu não entendo. Eu acho que eles ficam sem paciência, sabe? Mas precisa ter paciência, calma que eu entendo as coisas. Tem que ter calma na hora de falar que eu entendo as coisas melhor. Não precisa ficar falando tão alto (**já que ela consegue ler os lábios**). Mas é muito bom, todo mundo aqui me ajuda. Gosto das pessoas que trabalham aqui comigo”.

Fazem outros comentários ao mesmo tempo sobre a suposta evolução no comportamento da MA, que parecia inocente fazendo coisas que outros jovens mandavam em nome dos professores, aproveitando-se de sua deficiência, e agora ela não faz mais, pois questiona a veracidade da ordem junto aos professores.

E. diz que a convivência é boa, é só ter respeito.

AF. fala que existem algumas discussões normais num grupo como esse, no fundo as pessoas se gostam.

CA. “eu não tenho diferença com ninguém da tarde ou da manhã, num ambiente com uma concentração de pessoas é assim mesmo, umas gostam de umas, outras não gostam, então é normal isso pra mim em qualquer ambiente de trabalho, escola, qualquer lugar onde você estiver sempre vai ter isso, umas falam mal, a outra não gosta, sempre vai ter uma discussão. Temos que aprender a conviver”.

¹⁸ Havia uma outra turma de jovens que funcionava no período da tarde sob as orientações dos mesmos educadores.

N. a relação é boa com todos daqui.

Como a experiência desse relacionamento pode interferir no futuro de vocês?

CA.: relata ser preciso aprender a conviver com as pessoas do jeito que as elas são. “É como trabalhar numa firma e logo de cara olhar pras pessoas e não gostar, você tem que aprender a dominar esse seu lado. Você vai ter que conviver com essa pessoa, querendo ou não, é um trabalho, você tem que estar lá. Você precisa daquilo, você tem que ganhar o seu dinheiro pra poder viver. Não interessa se a pessoa é daquele jeito ou não, ela ta lá ganhando o dinheiro dela, tem que fazer aquilo”.

N. É preciso respeitar o próximo, após uma aproximação maior as pessoas podem mudar ou não. De qualquer forma cada um deve cumprir o seu papel.

E. “essa é a primeira vez que eu trabalho em grupo, sempre trabalhei sozinha. Aprendi aqui a conviver com as pessoas que eu gosto e que não gosto, não briguei com ninguém”.

CA. “aqui você tem que olhar, tem que ter pelo menos um diálogo, você tem que perguntar alguma coisa, você tem que fazer alguma coisa, é serviço”.

Passam a associar as questões de relacionamento ao convívio familiar.

AF. tem o apoio da família. Acha que no Programa está adquirindo experiência e mais responsabilidade. O ruim é que vai terminar.

O que vocês chamam de apoio?

C. “é um incentivo. A família fala vai e faz, mergulha de cabeça no que você ta fazendo. Pra que mais pra frente você tenha alguma experiência, de uma coisa que você goste”.

AF. orientam no que é certo e no que é errado pra sua vida.

Vocês conversam sobre o Programa com a família?

R. “eu também tenho o apoio da minha família, do meu pai, da minha mãe, das minhas irmãs, da minha tia, dos meus vizinhos, eles falam: ‘vai lá, trabalha e aprende pra você ensinar pra gente’”.

A.F.: “porque é quatro horas de trabalho, às vezes eles perguntam: ‘o que vocês fazem lá em 4 horas’”?

N. o fato de fazer um curso pode favorecer uma colocação num serviço melhor.

AP. “minha mãe adora quando eu venho pra cá, fala pra eu fazer as coisas direitinho, não arranjar confusão com ninguém, porque ela já me conhece, não quer que eu brigue aqui. Diz que eu sou cozinheira já, que sou cozinheira nata, fala pra eu prestar bastante atenção nas coisas, pra quando eu sair eu saber fazer alguma coisa pra bico, pra eu não ficar dura”.

T. “não quero falar não”.

AP. “é porque ela mora sozinha, eu também moro sozinha, só que eu moro perto da minha família e ela mora longe da mãe dela. Mas eu sou amiga dela e dou a maior força pra ela (risos), não é? Falo pra ela, a professora ta fazendo receita disso, aprende pra nós fazermos a receita e vendermos nas construções. Quando eu sair daqui, eu e ela vamos fazer coxinhas e risoles”.

T. “nós vamos encher garrafa térmica de café, vamos fazer um monte de coisa. Pão que eu aprendi com a professora, esfiha, fazer tudo, pôr numa caixinha de isopor, e vamos vender num carrinho de feira (risos)”.

AP. “já é nosso serviço. Dura nós não ficamos”.

Vocês já fizeram essa experiência?

AP. “já fiz coxinha”.

O que vocês acham que seria importante para que as pessoas comprassem de vocês?

T. “tenho um bom papo”.

AP. “eu também (risos), a gente sabe convencer todo mundo. Tem que ter um bom tamanho, o tempero tem que ser bom, limpeza, higiene, que é o fundamental. Já

pensou um cara comprar uma coxinha e achar um fio de cabelo lá, nunca mais ele compra! Primeiro a limpeza, depois o tempero, tem que pôr amor nas nossas coxinhas”.

A. é apoiada pela mãe que considera o conhecimento e a experiência muito importante e que pode ajudá-la futuramente. “Não vou ficar que nem boba sem reação”.

COMENTÁRIO

Neste encontro fazem alguns paralelos com a intenção de integrar a idéia de se estar numa escola e ao mesmo tempo no trabalho, entre o exercício intelectual de aprender e o trabalho mais prático na cozinha. Apresentam também sentimentos ambíguos em relação às atividades e à rotina do restaurante.

As dificuldades de relacionamento surgiram principalmente em razão da disputa pela atenção dos educadores e em parte parecem ter sido superadas pelo grupo.

A construção do vínculo foi gradativa e permitiu a aceitação do outro, do diferente (**MA**), que pode ser respeitado como tal. Relatam também que o aprendizado obtido através das relações interpessoais no grupo pode beneficiá-los em futuras experiências profissionais.

A família também aparece como importante ponto de apoio para os jovens já que os incentiva a obterem o máximo de conhecimento, ao mesmo tempo em que deposita expectativas positivas em relação a melhores possibilidades de inserção profissional e ascensão social dos filhos.

A geração de renda no mercado informal, através da alimentação aparece para alguns enquanto alternativa concreta de enfrentamento ao desemprego.

9.3. RELATO DO TERCEIRO ENCONTRO – GRUPO 1

Presentes: 5 moças.

Voltam a falar das questões profissionais levando em conta o encerramento do Programa.

T. fala que o mínimo esperado é que se tenha curso de computação. “Já perdi dois empregos porque não tinha computação, só sei ligar e apontar a flechinha”.

Trazem também a vontade ou necessidade de fazer curso de línguas e as coordenadoras questionam os motivos.

N. “saber mais de uma língua também é necessário, em muitas profissões você precisa saber outras línguas, como as pessoas que trabalham com turismo, hotéis, secretária bilíngüe”.

AF. “eu mesmo quero fazer curso de hotelaria e turismo, tem que ter algum curso de língua”.

Discutimos sobre essas exigências e sobre a relatividade delas em relação a outras possibilidades de trabalho.

T. “mas é uma coisa a mais no currículo. Se a gente ficar desempregado você pode pôr no currículo e fica mais fácil”.

Quando vocês escolhem ou pensam em escolher um curso, o que vocês levam em conta?

T. “a gente leva em consideração o que é mais pedido no mercado, o que é mais necessário pra a gente arrumar um emprego mais fácil”.

Não tem relação com a vontade, interesse?

AF. “também, por vontade eu quero fazer hotelaria e turismo. E o de computação é mais por necessidade”.

O que cada uma escolheu porque gosta ou porque o mercado pede?

N. “mercado pede é computação, mas o que eu gosto mesmo é enfermagem. Tenho vontade de fazer, só não tenho dinheiro pra fazer o curso, oportunidade porque se eu tivesse eu faria”.

T. relata que para conseguir emprego, computação e línguas são as maiores exigências também, “pra mim seria um pouco por vontade e um pouco porque é necessário”.

C. “computação é quase necessário você ter, é quase obrigação. E línguas também”.

E por você, o que você tem vontade de fazer?

C. “nem sei, nunca parei pra pensar em coisa de curso pra mim”.

N. “eu pensei em fazer enfermagem pra cuidar só do berçário”.

AF. “quando você vai fazer o curso, você tem que fazer de tudo, não só aquele negócio de maternidade”.

C. “prefiro sentar numa mesinha e ficar só lá”.

E a cozinha?

C. “não quero cozinha também não”.

T. “eu pretendo, se arrumar um (trabalho) eu vou. Do jeito que ta as coisas hoje em dia não dá pra escolher. A gente põe no currículo, se caso chamar eu to indo atrás”.

AF. “os meus primeiros currículos vão ser todos em restaurante”.

MP. “não tenho vontade não, nunca tive vontade de fazer nenhum curso, nunca pensei nisso”.

E como você veio parar aqui no Programa?

MP. “isso aí foi outra coisa, eu tive vontade de fazer a inscrição, de trabalhar em restaurante, pra ver como é, saber se é legal. Meu marido não queria, porque ele falava: você vai trabalhar? Fica em casa cuidando da casa, eu é que vou trabalhar. Mas eu quis e enfrentei. Eu tinha 16 e ele 21 anos”.

Mesmo sem ele estar trabalhando, ele não queria que você trabalhasse?

MP. “ele preferia arrumar serviço, trabalhar e sustentar a casa, hoje ele trabalha”.

C. “o meu namorado fala, quando a gente casar os dois vão trabalhar”.

MP. relata boa relação com o marido, aponta a compreensão e o diálogo como características boas do relacionamento em oposição à relação que tinha com a mãe.

Você tem filho?

MP. “tenho uma menina”.

Quando você sair daqui, você pensa em trabalhar?

MP. “eu penso, trabalhar, sair, ir atrás, mas ele não quer não. Ele fala que não, quando eu sair daqui vou ficar em casa”.

E você pensa em trabalhar em que?

MP. “em restaurante, ver se eu tenho oportunidade em trabalhar em restaurante. Às vezes eu penso em fazer faxina em escritório, atender telefone, ser secretária também. Eu penso assim, qualquer serviço que aparecer to pegando”.

O que significou ter filhos na idade de vocês?

C. fala em perder a liberdade. O apoio familiar para cuidar do filho existe para trabalhar e para estudar.

Mas o que aconteceu pra você ter filho cedo?

C. fala que ficou grávida aos 16 anos do primeiro namorado. “Não foi falta de conselho não, foi burrice mesmo. Mas eu amadureci bastante de quando tive filho pra cá. Eu brinco, tudo, mas nas horas de ser mãe eu sou mãe mesmo. É ruim que tudo que

you have to do for him, the money that you could spend with you have to be for him. But I don't regret it anymore. I did it, it's done, I don't intend to do anything else. Only when I get married, have my house, my husband. I don't want to have to support a child alone, depend on father and mother for help, and you have to work to help the family, even with the allowance of the father of my child, it's difficult. When you don't have money, don't have a job, then you see your child crying for something and you can't buy it. It's sad”.

T. “a gente perde a liberdade tendo filho cedo, tenho dois, um vai fazer 4 (anos) e a outra tem 6 meses. Eu comecei a namorar cedo, no começo namorava escondido, comecei com ele eu tinha 12 , com 13 anos eu engravidei. Falta de conselho também não foi, minha mãe falava bastante. Foi burrice, engravidei, continuei morando com minha mãe, aí ele foi preso, aí eu fui trabalhar pra me sustentar sozinha, aí ele saiu, passou 1 ano e ele foi preso de novo. Ele ainda está preso, aí engravidei dele lá, da menina. Agora to aí, vivendo e aprendendo. A gente perde muito a liberdade, bastante. Você ficar dependendo dos outros pra ficar olhando seus filhos pra você sair pra algum lugar. Minha menina fica na creche pra eu vir pra cá, meu menino também fica na escolinha. Eu moro com minha sogra, pra eu sair pra qualquer lugar eu fico dependendo dela. Só que é assim, pra eu ver ele lá ela fica, pra eu vir pra cá também, só. Dependo do lugar, ela não fica não. Ou eu carrego os filhos ou fico em casa”.

C. gostaria de recompensar financeiramente a própria mãe pelo trabalho de cuidar do seu filho.

MP. “no meu caso não foi burrice minha não, eu quis ter. Ele não queria, falava: “não, segura mais”. Eu quero, porque sou apaixonada por ele, e eu falava: ‘eu quero ter um filho com você’. Só que aí quando ele descobriu que eu tava grávida, ele me xingou, lógico! ‘Sua louca! Você engravidou logo, não era pra você engravidar, porque a situação ta tão difícil’. Só que não me arrependo não. Eu sinto mais orgulho, ele tem 5 meses”.

N. “minha história é parecida com a delas, comecei a namorar com 14 anos, “Fiquei grávida com 15 anos, e o que aconteceu: ele quis só abusar de mim, não me ajudou em nada com meu filho. Quem praticamente criou meu filho foi minha mãe e hoje ela joga na cara: ‘eu te avisei’, mas ela cuidou. Agora ele tem 5 anos. Agora casei de novo, tenho minha casa, tenho meu marido, fiquei grávida há pouco tempo e perdi”.

Fazem comentários de que apenas três meninas e os dois rapazes não têm filhos ainda. Comentam também que duas ficaram grávidas durante o Programa.

Dizem que não conheciam métodos contraceptivos, passaram a conhecê-los depois dos filhos. T. revela que tentou praticar o aborto na segunda gravidez, mas não deu certo. Algumas revelam que estão participando de um grupo de planejamento familiar.

Voltamos à questão do trabalho retomando as experiências citadas no primeiro encontro e as perspectivas daqui para frente.

C. comenta que os “bicos” eram comuns e não exigiam experiência.

T. “assim que a gente arruma, a gente ta indo”.

C. “isso aí são os biquinhos. Com registro ou sem registro a gente ta indo, aí nunca a gente vai conseguir se aposentar. Igual aqui, a gente já ta há quase 1 ano e meio, se tivesse um registro ia ajudar. Agora, trabalhar, trabalhar, trabalhar sem registro, a gente vai ficar velha e nunca se aposenta. E pior que hoje em dia não tem que ficar escolhendo, quando a gente sair daqui se aparecer um biquinho sem registro, nós vamos ter que ir”.

N. “ainda mais pra quem tem filho. Quem tem filho tem que ir à luta, qualquer coisa que aparecer. Quem tem filho ta sujeito a fazer tudo”.

Comentam que foram fazer cadastro no Centro de Solidariedade ao Trabalhador e estão aguardando.

Terminando o Programa vai mudar alguma coisa pra vocês na hora de buscar o emprego?

T. “não vai mudar muita coisa , quando eu fui fazer a ficha pra auxiliar de cozinha, a moça perguntou se eu tinha em carteira, eu falei que nós tínhamos o diploma, e ela falou que seria bom ter registro em carteira, se tivesse teria duas vagas pra você”.

C. “eles só se preocupam com a carteira. A única coisa que eles pedem é a carteira. Eu acho que a gente deveria ter pelo menos um carimbo da prefeitura na carteira, pelo menos pra dizer, pra confirmar. Se não, vai ficar a mesma coisa, você vai levar o diploma e eles não vão aceitar. Depende se for uns patrões mais conscientes, a

gente leva o diploma e eles podem falar assim: vamos fazer um teste, aí eles vão ver que a gente tá um pouco eficiente, eles vão ver que a gente sabe fazer algumas coisas, mas se for daqueles mais rígidos que falam: tem que ter na carteira, aí vai ficar a mesma coisa”.

Vocês procuram emprego onde e de que forma?

T. agências, empresas (Bauducco, Estrela e outras), nas pequenas também, no Poupatempo, Sindicatos, Secretaria do Trabalho.

N. apresenta para o grupo uma alternativa para se fazer Faculdade que é o Escola da Família. “O governo paga, em troca você trabalha nas escolas (quem terminou os estudos na escola do estado), pode ajudar a arrumar emprego”.

Voltando à questão do currículo, como vocês fazem?

T. “vão os dados, a escolaridade, a experiência, pelo menos eu não tinha! Cursos”.

C. “no meu está: disposta a qualquer coisa, qualquer ramo, qualquer área”.

As outras confirmam a mesma prática. Preenchem o formulário adquirido em papelaria, com escolaridade, cursos, experiência e interesse por áreas como ajudante geral, produção e qualquer outra que não exija uma experiência específica. Em seguida, fazem comentários sobre a ineficiência desta prática, relatando ter ouvido falar que o currículo vai para o lixo ou que o verso do mesmo sirva para anunciar outras vagas.

As coordenadoras comentam sobre o mercado de trabalho atual e o conseqüente aumento das exigências para ocupar uma vaga, independente das reais necessidades para se exercer determinada função. Questionamos qual deveria ser o papel do selecionador ao receber currículos de pessoas dispostas a exercer qualquer função.

C. “eu acho que deveria ser... tem uma vaga para secretária ou atendente e a pessoa tem curso, mas não tem experiência, deveria chamar a pessoa para fazer uma

experiência. Se não tiver como, separa a ficha em outro lugar e chamar a pessoa para uma outra vaga depois”.

AF.: “pra mim eles separam os melhores e o resto vai pro lixo”.

Como definir os melhores?

T. “os que têm experiência, que têm curso. Tem gente que tem uma folha só de experiência, enquanto o nosso só ta na capa”.

As coordenadoras procuram auxiliar a reflexão do grupo sobre a especificação da área pretendida no currículo e na busca de uma colocação, a partir da experiência trazida pelo próprio Programa, como um diferencial na obtenção de trabalho.

COMENTÁRIO

Neste último encontro surge com mais clareza o tema “maternidade e filhos” apenas esboçado no primeiro encontro. As decisões e perspectivas relacionadas ao trabalho estão definitivamente marcadas pela presença destes aspectos. Já de início, os possíveis caminhos profissionais foram alterados pela gravidez não planejada. A partir daí a questão da independência, do crescimento parecem prejudicados. O amadurecimento “forçado” trazido pela maternidade é visto como um ponto positivo, pois provoca orgulho e traz responsabilidade.

A percepção da experiência adquirida através do Programa é oscilante para o grupo. Nos momentos em que relatam a pressão pela concorrência no mercado de trabalho, a percepção da experiência obtida nas atividades ao longo deste período de Programa fica fragilizada. Em outros momentos, quando relembram os momentos vividos no processo deste grupo, relatam possibilidades de gerar renda ou buscar trabalho com o que aprenderam neste período.

A insegurança de não ser escolhido no momento da seleção se faz presente: para eles, o programa deveria “atestar” a “capacidade” dos seus jovens para concorrer no mercado de trabalho.

A necessidade e a busca do emprego ainda se sobrepõem a alguns interesses ou desejos profissionais.

9.4. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS – GRUPO 1

No grupo 1, o sentido primeiro do trabalho para estes jovens é o de permitir a sobrevivência, criar os filhos e auxiliar a família. Os subempregos, bicos, trabalhos domésticos em que não é exigida uma maior qualificação são uma realidade e se iniciam precocemente.

A necessidade do trabalho, e a consciência da dificuldade de inserção no mercado formal trazem nos discursos a ênfase da “falta” apresentada sob vários ângulos, desde a “qualificação” (informática, línguas) até a “experiência”, trazidas como grandes vilãs causadoras da exclusão. Apontam não possuir os requisitos necessários (físicos e intelectuais) para incluir-se no mercado e a grande dificuldade para obtê-los, proporciona momentos de desânimo e apatia. Estas reações são provocadas pela estruturação deste mercado que responsabiliza os indivíduos pela sua trajetória profissional.

Relatam certa “nostalgia” (C. e N.) em relação a um “mundo do trabalho” que não viveram (e supostamente foi vivido pelos pais), em que havia oportunidades de vinculação tradicional no mercado de trabalho (carteira assinada).

Em outros momentos demonstram indignação com esta realidade quando relatam as atitudes “éticas” que o empresário deveria adotar em relação aos jovens sem experiência. Outro aspecto da mesma reação surge em relação aos limites, entre aceitar esta realidade (pela resignação do “pedir”, do “se virar”) ou transgredi-la, burlar a lei como forma de enfrentamento às privações.

Ao tratar de interesses profissionais (alguns vinculados ao curso superior), estes são colocados a certa distância, no plano dos “sonhos”, parece não haver o momento certo para sua realização, o imediato e o concreto são as estratégias de sobrevivência vividas no presente.

A importância da escola e do aprender se destacam como uma chance de viver melhor, além de representar maiores chances de inserção e de integração no mundo.

Há uma valorização das experiências de profissionais grupais e dos relacionamentos interpessoais, o convívio com os diferentes dentro de uma estrutura

hierarquizada e com uma rotina estabelecida parece carregar uma avaliação positiva por parte do grupo.

Entre as experiências relatadas, a da maternidade é a que suscita as maiores preocupações por parte do grupo, se na maioria dos casos não foi planejada, ela trouxe amadurecimento e responsabilidades que antes não existiam. O caminho natural da independência (das jovens) fica alterado, de um lado existe a carga de ser responsável por um filho, do outro não possui as condições materiais para cumprir o seu papel integralmente. Portanto, a falta do trabalho e da renda arranham também o projeto de independência e de desenvolvimento profissional, restando as alternativas de suprir as carências imediatas.

Sob a proteção institucional do Programa ocupam um espaço social delimitado onde parecem desenvolver uma vinculação positiva com a atividade profissional proposta, bem como a formação de laços fraternos com os demais jovens. Aparentam ter adquirido alguns recursos intelectuais e de ordem prática na busca de uma inserção formal ou ainda de uma aposta (relatos de **AP e T**) de geração de renda na área da alimentação.

9.5. RELATO DO PRIMEIRO ENCONTRO – GRUPO 2

Presentes: 8 jovens (3 moças e 5 rapazes).

Inicialmente se apresentaram e a seguir falaram das experiências anteriores ao programa.

JA. “quando eu entrei no Programa eu estava estudando, estava no 3º colegial, quando eu entrei a minha vida era assim: escola – casa, dormia o dia inteiro, limpava a casa, coisa básica de preguiçosa mesmo. Eu achava que tinha que estudar primeiro, depois eu pensava em trabalho (...) naquele momento eu não precisava trabalhar, só estudar era importante. Agora eu vejo que há uma necessidade de trabalho, tem a questão de crescimento profissional, essas coisas, novos conhecimentos. Sempre pensei em fazer cursos, sempre fui em busca”.

TA. “pra mim era importante estudar, mais pelo fato de agradar meus pais, eu era muito imatura. . E em casa não fazia muita coisa e nos finais de semana eu trabalhava num buffet, não via que aquele lugar estava me explorando e tava usando a minha ingenuidade pra poder pagar pouco. Eu vi que aquilo ali não era pra mim. Todo final de semana eu entrava às 9 (da manhã) e ia embora as 3 horas da madrugada pra ganhar ‘25 contos’. Então isso foi... caramba! Eu to sendo explorada e não to correndo atrás de melhora, nas provas eu não estudava, não estudava, não prestava direito atenção na aula. E hoje em dia eu estudo, eu vi que eu evolui muito. (...) Outro motivo para trabalhar era não querer ficar pedindo dinheiro pro meu pai, mesada. Pra mim era desagradável. O pai sempre reclama de dar dinheiro, então pra mim era desagradável, então preferi trabalhar, eu preferi arriscar minha vida”.

L. “eu sempre trabalhei no mercado informal e sempre procurei trabalhar, nunca procurar coisa errada, sempre fazer coisa de bem pra mim mesmo. Já trabalhei com a área de vendas, como servente de pedreiro, coisas assim e já trabalhei como digitador na área de informática, pelo mercado formal numa empresa lá perto da minha casa. Na escola, sempre fui um aluno que estudei na rede pública do estado, nunca fui aluno de escola particular, sempre me identifiquei com escola estadual mesmo. Estou concluindo o ensino médio, pretendo agora fazer vários cursos. Já fiz cursos pelo CTMO (Centro de Treinamento de Mão de Obra), que tem cursos gratuitos pra população como instalação elétrica, e agora quero me identificar mais nessa área e futuramente fazer uma carreira boa pra mim. (...)”.

E. “eu sempre fui um bom aluno, minha mãe nunca foi chamada. Eu gosto de estudar, gosto de ler, é importante pra carreira profissional. Não tinha necessidade de trabalho, eu era novo, tinha 16 anos a minha mãe não deixava eu trabalhar de jeito nenhum. Só que depois que eu entrei, aí eu vi que eu precisava mesmo. Só com o que minha mãe me dá, não dá mesmo. Comecei a trabalhar de final de semana no buffet, porque só aquele dinheiro não dava”.

LE. diz ter entrado no Programa achando que fosse emprego com carteira assinada. “Eu fazia algumas coisas, sim, fazia alguns bicos, o que aparecesse eu fazia. Fui ajudante de pedreiro, ia pra mercado, transportadora, atendente na locadora, coisas que aparecessem eu ia. Porque eu necessitava realmente de uma ajuda de custo pra ajudar em casa, mas ainda é uma cobrança muito grande da minha mãe, porque ela não gosta de me ver parado, ela não quer isso e eu também não quero isso. Então era uma

necessidade não só minha de ter minhas coisas, mas também eu mesmo me sentir realizado como pessoa, sabe, poder bater no peito e dizer é meu porque foi o meu suor que foi ali, não é meu porque os outros me deram, fui eu que consegui. E também minha mãe me infernizava mesmo, tinha que trabalhar, tinha que trabalhar, e às vezes o mercado de trabalho não te dava condições, nem mesmo você tendo o 2º grau, se você não tiver alguém que te indique não tem como”.

DO. “fazia bicos de vez em quando, trabalhava em lava - rápido, já trabalhei em buffet, trabalhei num final de ano numa loja, pouca coisa, nunca fui de trabalhar direto assim. Eu tinha parado de estudar, só voltei a estudar depois que entrei no Programa. Não queria saber de escola, não queria saber de nada. Eu achava que não ia trazer mais nada de bom depois de ter tido dois filhos. Eu ia aprender mais o que? Eu aprendi com a vida, a ser mãe. Pra onde que eu vou depois? Não vou ter tempo pra estudar e quem vai me dar emprego depois de ser mãe com 17 anos.”

JE. “na escola eu nunca fui uma boa aluna, eu sempre fui bagunceira. Só levei à sério mesmo depois do 1º, 2º, 3º, aí que eu levei mais à sério. A questão de trabalho... eu acho que nunca levei à sério a escola porque eu fui estudar música muito cedo, desde os 8 anos de idade, então eu dava mais preferência para a música e acabava deixando a escola de lado. Aí quando fui crescendo mais, eu peguei sério. Sempre trabalhei mesmo nessa área de música, trabalhei numa escola de música dando aula, trabalhei num conservatório também, trabalhei numa fábrica de sapatos, aí entrei no Programa.

MA . “na escola, apesar de não parecer, sempre fui bom aluno, sempre tive boas notas, nunca dei problema pra minha mãe. Cheguei a trabalhar, vários empregos eu já tive, mas nada registrado, era tipo bico. Já trabalhei em empresa de ônibus, e o último trabalho foi numa firma como temporário. Parei de estudar um tempo, mais por causa do serviço, porque como eu disse eu era ‘mimadinho’ pela minha mãe, chegava final de ano, no meu aniversário, ela sempre comprava coisas pra mim e depois de um tempo eu fui entendendo: ‘Pô, minha mãe é que compra as coisas pra mim, é hora de eu retribuir’. Então eu sempre trabalhei... ela dizia: ‘você precisa trabalhar e pegar o dinheiro pra você, você não precisa me dar nada’, mas eu sempre ajudei em casa, mesmo sem precisar. Eu trabalhei sempre por mim, porque eu queria sair, conhecer o pessoal”.

Vocês falaram um pouco sobre a vida de vocês e agora vamos falar sobre como vocês percebem o mercado de trabalho?

JE. “péssimo. Péssimo no geral, não só pra mim. Eu acho que pro jovem tem pouca oportunidade, porque o fato da pessoa nunca trabalhar e hoje em dia exigir muita experiência, então é difícil arrumar o primeiro emprego. Eu acho que arruma mais por indicação”.

DO. “eu acho que é meio complicado. Vence mais aquele que sabe mais coisa, que fez mais curso e não é todos os jovens que têm a oportunidade de ter curso, de ter experiência. Eles falam: ‘tem que ter experiência’, mas como um jovem de 17, 18 ou 19 anos vai ter experiência do que? Acho que nem de vida experiência direito tem. Então fica muito difícil pra gente, é muito disputado, eles dão experiência pra pessoas que tem mais dinheiro porque pedem curso disso e daquilo outro e, na verdade quem faz esse tipo de curso é quem tem dinheiro e acho que eles não precisariam tanto de um serviço como um jovem de periferia, dos bairros mais pobres. Fica muito difícil”.

LE. “como eu já disse, acho que o mercado de trabalho é difícil. Na verdade, acho que o mercado é hipócrita, Eles não dão experiência, não dão uma porta, uma oportunidade para ensinar a experiência, mas eles querem a experiência. Eles não querem oferecer, mas eles querem cobrar”. Faz alguns comentários sobre a valorização das profissões de nível superior (médico ou advogado) em detrimento de outras menos valorizadas como lixeiro, por exemplo. (...) “a sociedade é feita de todos, desde o lixeiro que pega seu lixo todo dia, porque se não tiver um lixeiro pra pegar seu lixo todo dia, quem vai fazer? Você? Então eu acho que é uma profissão digna, não tem uma profissão menos digna que outra. A sociedade não reconhece isso, ela não reconhece que aquele que sempre está abaixo é que faz ter aquele que tá lá em cima. O poder é o povo, e a maioria do povo aqui no Brasil são os assalariados. (*E para o jovem?*) Eu acho que pro jovem é assim, porque o jovem não tem status no mercado de trabalho, não tem confiança. Pro mundo aí fora, o jovem é baderna, é bagunça, é noitada, gandaia. A gente pode ter uma parcela de culpa, só que eu acho que eles generalizaram isso, porque você pega jovem aí que consegue desenvolver um serviço muito melhor do que pessoas que têm 30 ou 40 anos de empresa. O jovem quer bagunça, baderna, não quer nada com nada, não tem disposição, não se firma em nada, não quer saber de nada, quer só zoeira, se precisar ele falta. Então o mercado tem essa visão de tapar o sol com a peneira. É mais fácil pra eles colocarem um ‘bode expiatório’ pra levar a culpa, porque os governantes não têm a capacidade de colocar as pessoas pra trabalharem, que é o que

deveria haver. O Brasil tem uma economia maior do que o Chile, a Argentina e o México juntos e tá numa situação deplorável”.

E. fala que existe emprego, mas não existem pessoas qualificadas. “A qualificação em nosso país é fraca, eles não dão qualificação pra gente. O jovem não tem chance, porque os donos das empresas pedem experiência e como a gente vai adquirir experiência sem nunca ter trabalhado em nossa vida? Não tem como”.

L. diz que os empresários deveriam auxiliar os jovens a “serem alguma coisa no futuro”

TA. “depois que eu entrei no Programa eu vi uma importância maior que é a construção da minha carreira profissional, eu vi que o estudo era a base pra eu conquistar o que eu queria, o que eu quero ainda. Eu acho que eu era muito imatura. Do começo pra cá eu amadureci bastante nesse fato. Quando eu entrei no Programa eu tava fazendo um curso e estudando. Depois que eu entrei aqui eu fiz mais dois cursos e to correndo atrás até hoje. Eu vi que o mercado de trabalho tá muito competitivo”.

JA. “o mercado é competitivo e considera o jovem sem capacidade, sem competência profissional e que não está disposto a aprender”.

MA. “está uma porcaria, eu vejo muita propaganda de televisão, essas coisas, o governo deu mais de 1 milhão e meio de vagas, de serviço, de emprego, sendo que tem 10 milhões de desempregados e é muita competição, muita falta de oportunidade pra maioria dos jovens que não tem registro em carteira, carteira branca. No caso, o primeiro emprego dele é muito difícil encontrar. No fim acaba encontrando alguma coisa temporária”.

Seguindo essa idéia da qualificação, vocês acham que uma melhor qualificação melhoraria as chances de vocês?

JE. “acho que sim. Acho que emprego tem, não tem pessoas qualificadas. Eu acho que se tivesse mais oportunidade das pessoas fazerem cursos, sei lá, eu acho que melhoraria sim”.

TA. “eu conheço uma menina que faz faculdade de direito, alguma coisa assim, mas ela faz a faculdade e não trabalha. Ela trabalha em muitas outras opções. Às vezes tem pessoas qualificadas, mas tem muita disputa pela mesma vaga. Tem mercados carentes e as pessoas não tem conhecimento que se fizer aquele curso ou faculdade vai

arranjar emprego fácil. Como nutrição, tem muita gente que faz técnico e rapidinho... enfermagem, hotelaria, turismo, porque são mercados que estão se expandindo e tem outros que não. Tem gente que faz faculdade e trabalha em algo inferior ao que estudou”.

E. “hoje em dia tem gente que escolhe o curso mais barato e o mais barato tem mais pessoas e vai ser bem mais concorrido, então a pessoa vai acabar ficando sem emprego, tipo Educação Física que é muito barato em comparação com Medicina”.

DO. comenta que ao fazer um curso superior e não conseguir emprego na área vai acabar trabalhando em outro emprego, “tomando a vaga” de outra pessoa que talvez precisasse mais.

MA. “tem o preconceito também”.

TA. “de classe social, não de raça”.

MA. cita o exemplo de um jovem que vai fazer entrevista de emprego de piercing e tatuagem em contraposição a um jovem que vai a entrevista de traje social. Segundo ele, o de piercing já seria considerado drogado. “Acho que isso é preconceito, quem vê cara não vê coração”.

MA. fala que conheceu quatro pessoas que vieram do nordeste e logo arranjaram emprego aqui em São Paulo, e isso seria um dos motivos dos jovens não conseguirem trabalho tão facilmente.

L. “eu sei que lá no Norte a dificuldade de trabalho é difícil, mas eu acho também que essas pessoas que vêm desses lugares aí do Norte, eles tiram vantagem das pessoas que moram aqui, se a pessoa nasceu, foi criada aqui eu acho que deve ter mais chance de pegar o serviço”.

MA. relata que os imigrantes acabam aceitando condições precárias de trabalho, e que talvez quem more aqui em São Paulo não aceite. “A maioria vem trabalhar aqui para mandar dinheiro pra família que ficou lá”.

LE. “é como se fosse os latinos daqui procurando emprego na América do Norte, nos EUA. É a mesma coisa, o americano não aceita fazer o que o brasileiro faz. Muitas vezes o brasileiro pega o serviço que o americano não quer a um preço de banana”.

L. “eu acho que o jovem tem que fazer o possível pra ser alguma coisa, não depender dos outros para ser alguma coisa, tem que depender da pessoa mesmo. Se a pessoa quer lutar pra ser alguma coisa, é dela mesmo. Não é porque o governo é isso...”

eu acho que se as pessoas correrem atrás, que nem eu conheço muitas pessoas que correram atrás e hoje tão bem. Quer dizer, eu acho que tem que ser assim”.

LE. “não é bem assim,. Por quê? Antigamente você tinha o Q.I. – quociente de inteligência, por essa forma você veria quem seria mais apto a exercer aquele trabalho ou não. Hoje em dia é o Q.I. – quem indica. Se você tem uma pessoa que tem status dentro da empresa, automaticamente é mais fácil você entrar naquela empresa, mesmo que o meu colega tenha uma qualificação melhor que a minha pra exercer o cargo, mas eu tenho um vínculo com aquela pessoa. Então é por isso que algumas pessoas não têm aquela qualificação e entram. Tem pessoas em empregos formais ou informais, como advocacia e acabam montando uma firma de advocacia e convidam outros amigos da faculdade e acabam montando um grupo, como já vi acontecer. Ou seja, você pode procurar outras formas sem ser um emprego formal, porque o emprego formal vai partir do informal.(...) e falando do emprego formal, quando é uma empresa o empresário não quer um cara que tenha visão, quer um cara alienado”. Tece também alguns comentários sobre a escola que segundo ele, não incentiva nem desafia os alunos: ...“hoje em dia se você for para a escola e não estudar é só comparecer às aulas que você passa de ano”.

COMENTÁRIO

Relatam experiências anteriores fragmentadas e precárias de trabalho e em alguns momentos a sensação foi de total exploração em relação ao empregador. A iniciação no trabalho, mesmo sendo informal, tem o aspecto positivo de proporcionar certa independência em relação à família, de possibilitar o consumo próprio e de evitar o “caminho errado” que a ociosidade e a rua poderiam oferecer.

Trazem uma visão hedonista da juventude (compartilhada socialmente) em que a responsabilidade necessária ao trabalho ainda não aparece totalmente desenvolvida no jovem. A imagem de competência juvenil é trazida de forma fragilizada, já que a inserção no mercado de trabalho “hipócrita” (na visão de LE.) depende prioritariamente de um “outro” externo para indicá-lo. Há também uma depreciação da condição do jovem quando comparado ao trabalhador adulto e ao migrante (o preconceito em relação ao jovem é deslocado para os migrantes que vêm de fora procurar emprego em São Paulo).

A questão da “falta” de qualificação profissional do jovem surge, mas a qualificação desejada ou necessária pelo “mercado de trabalho” não se apresenta de forma clara.

Uma outra experiência concreta de vida é apresentada como alternativa à identidade trazida pelo trabalho que é a experiência de “ser mãe”.

9.6. RELATO SEGUNDO ENCONTRO – GRUPO 2

Presentes: 10 jovens (5 moças e 5 rapazes).

As coordenadoras retomam o encontro anterior, quando foi falado sobre a dificuldade da qualificação, da falta de experiência do jovem e das exigências do mercado de trabalho. Considerando estas realidades quais seriam as alternativas possíveis?

L. “procurar sempre correr atrás dos objetivos... se você não for atrás deles, eles não virão atrás de você. Correr atrás de cursos que são gratuitos... quando os professores são qualificados, que nem o **H.** (professor) que dava aula de elétrica, ele também dava aula em outros lugares”...

JA. “correr atrás de cursos, oportunidades que aparecem e tem que estar preparado para o não. Tem muita gente que quando falam um não, desanimam, não tem vontade de correr atrás do objetivo, então acho que você tem que estar preparado, independente da resposta”.

L. “e o jovem que não vai atrás de uma qualificação a única profissão que ele vai ter é ajudante geral... tipo assim, não tenho experiência de nada, não me formei em nada, então as portas que podem se abrir pra ele é ser ajudante geral, trabalhar num lava-rápido. Até aí não é uma profissão qualificada, então quer dizer, acho melhor a pessoa estar estudando, correndo atrás de um objetivo pra futuramente acabar entrando numa empresa”. Comenta que vai assistir uma reportagem sobre a profissão de torneiro mecânico, que pretende fazer este curso gratuito ou não, a opção é o SENAI. As suas opções são ser torneiro mecânico ou entrar na prefeitura

LE. “com relação ao jovem se preparar e entrar no mercado de trabalho, a questão é complicada porque se às vezes você não tem ou um currículo muito bom mesmo na frente de outra pessoa, tem que ter um currículo muito bom, porque se a pessoa tiver uma experiência de 6 meses, ela passa na sua frente, se tiver alguém que indique, ela passa na sua frente. Então não é só a preparação, às vezes é você correr atrás de algo mais, você estar se preparando, tentar fazer um estágio na área, tentar ganhar uma experiência, se não for em carteira, mas pelo menos em cartas que a empresa possa te dar como carta de recomendação falando que você compareceu, que você foi um bom funcionário naquele período. Eu acho que se preparar é bom, mas não adianta você só se preparar e não começar a exercer um pouco da função na área”.

L. “eu acho que muitas empresas deveriam passar carta para o SENAI indicando jovens que precisam ter um curso. A empresa pagaria todos os cursos no SENAI pra você se qualificar e trabalhar pra essa empresa”.

LE. “mas pra quem vai essas cartas? Pros ‘peixes’”.

L. “deveriam ir atrás de agência procurar jovens que necessitam mesmo, que moram na periferia, que é da comunidade, mas eles não vão atrás. Aí é que tá, se esse jovem não for atrás...”.

LE. “tem um colega meu que ele começou como ‘peãozão’ mesmo, começou na TAM, hoje ele é tradutor, foi fazer um curso de inglês, entregou o curriculum, ficou trabalhando dois anos na empresa como auxiliar, pegando no pesado, agora ele é tradutor. Começou com salário de 500 e alguma coisa e agora ele tá com R\$ 3500,00. Por quê? Porque ele não ficou só fazendo os cursos, ele começou a exercer a função na área, ele já começou a fazer tradução pra empresas, começou a chegar, se envolver. Ele não ficou só fazendo curso, fazendo curso pra depois entrar. Ele foi fazer os cursos e os estágios”.

Até o momento falamos do “emprego”, mas ao falar de profissão, como vocês escolheriam uma atividade profissional ?

SI. “eu acho que seria o que tem a ver comigo, o que todos dizem não importa muito. Na minha família a área é hospital e queriam me empurrar pra esse ramo porque dá lucro, dá dinheiro, mas eu não me preocupo se é lucrativo ou não, eu acho que tem

que ser uma coisa que tem a ver comigo, que eu gosto de fazer, que eu sei que vou me dar bem na área”.

LE. “às vezes você pode fazer o que você não gosta pra ter um retorno financeiro pra depois você fazer o que você gosta. Eu conheço pessoas que fizeram história e estão na área de mecânica, ‘eu odeio mecânica, mas fiz mecânica porque dá dinheiro’. Fizeram o que não queriam porque dava dinheiro pra depois fazer o que querem”.

JA. “pode aprender a gostar, mas não vai ser a mesma coisa”.

E. “eu acho que se as pessoas fizessem o que realmente gostam seria menos concorrido, porque cada um ia escolher coisas diferentes”.

JO. “ele exerce uma função, por exemplo, mecânico e pela função que ele exerce ele gosta, surpreende ele, mas quando ele for ingressar no mercado de trabalho, ele tem que ter informática e ele odeia informática, mas precisa conhecer pra saber se gosta ou não. ‘Ah, vou fazer o que eu gosto!’. Depende, já ouvi muita gente dizer isso, mas eu tava com um cara uns dois dias atrás, ele tava conversando: ‘eu fiz faculdade de biologia, tive que parar porque eu vi que o que eu gosto mesmo é de geografia e olha que eu amava biologia, mas agora eu conheci’. Então o importante é conhecer pra depois optar”.

MA. “meu tio é motorista de ônibus da viação Cometa e muitos motoristas tiveram que fazer curso de computação, porque a maioria dos ônibus estão vindo com computador de bordo, essas coisas”.

JO. Comenta que às vezes uma experiência nova pode surpreender e você pode vir a gostar daquilo que a princípio parecia chato. Cita o exemplo da própria experiência no Programa que prometia ser chato e no final foi muito bom.

Relatem a experiência de vocês aqui no Programa, enfim, um balanço da experiência de vocês neste grupo.

JE. “das pessoas, sem comentários! A gente se dá bem pra caramba! Não tenho que falar de ninguém aqui, nota dez pro pessoal aí. Pena que está acabando já. O projeto que a gente fez foi ‘da hora’, nas escolas, sobre trânsito, aprendi pra caramba. Esses negócios de trânsito que eu não sabia nada, algumas regras, algumas coisas, o fanzine foi uma experiência legal, elaborar um fanzine. (*E pessoalmente?*) Não sei expressar...

várias coisas. Sou outra pessoa agora... a parte do conhecimento que você adquiriu aqui no Programa... Você entrou de um jeito e vai sair de outro. Não sei explicar, vou pensar depois eu falo.”

E. relata que a convivência foi melhorando com o tempo. “O que eu aprendi, de experiência? Aprendi a cuidar de criança, que eu não suportava. Eu aprendi a gostar deles. É legal a gente ser chamado de tio, é bom. A convivência com a **MM** (educadora) também... a **MM** é como se fosse uma segunda mãe pra gente, na verdade. Ela é boa pra caramba. Ela é boa, dá conselho, ela briga, pega no pé, ela é boa, a gente gosta dela”.

JA. “aprendi a dividir, a respeitar o defeito dos outros e a sorrir. Na minha casa eu era muito séria, não dava nenhum sorriso. Aprendi a sorrir, brincar, zoar com todo mundo aqui. Foi interessante trabalhar com criança, gostei muito. Com o projeto eu aprendi bastante coisa, acho que fui útil, fiz várias pesquisas, gostei. Também aprendi a dar palestras, gostei também. A trabalhar com as crianças. Em relação à **PA** (estagiária), à **MM**. (educadora) foram pessoas que eu gostei muito.

JO. “a minha experiência com a convivência, no começo não era aquelas coisas pelo fato de eu ser da tarde... houve intrigas entre manhã e tarde, mas não aconteceu isso no meu caso. E eu gostei pra caramba de todos, da turma da manhã e da tarde, a convivência foi super legal. Pelo fato de nós estarmos nos conhecendo, interagindo nas atividades. E já falando da experiência no projeto, foi muito legal. No projeto mesmo eu não tinha noção sobre o que era trânsito, sobre falar sobre trânsito para criança. Isso pra mim foi uma experiência ótima. Eu só tenho que elogiar e agradecer por essa oportunidade e eu gostei de todos, principalmente os coordenadores, super gentis, pacientes, como diz a **JE**. tem que ter paciência com jovem, pelo fato de todos falarem assim: “ah, jovem, rebeldia”. No começo até foi, fomos muito rebeldes, mas a convivência mudou isso bastante. Agora estamos todos pacíficos, tudo da paz. Foi isso, mudou pra caramba. A convivência, a experiência, adquiri bastante. O que trouxe mesmo de benefício pra mim foram as amizades. Eu tinha amizade, mas não que nem eu estou tendo agora; amizade mais íntima, mais sincera. Eu não tinha essa amizade antes. Pra mim foi tudo legal, interessante essa oportunidade que tivemos”.

LE. “eu acho, como o pessoal falou, até podia ter intriga, porque em todo lugar que você vai tem umas “panelas”, mas têm as panelas de tampa aberta e as de tampa fechada. Você pode até conviver com todo mundo, conversar, mas você não tem intimidade do dia-a-dia com aquele grupo, com certos grupos de pessoas. Às vezes você

vê um defeito numa pessoa que é o seu próprio defeito e você não gosta e acaba não aceitando e você exclui. Um ponto positivo aqui foi as discussões, é bom você discutir, você colocar pra fora suas idéias, o que você pensa, se você não gosta da pessoa ou não. Com relação ao projeto, sem novidade, eu desenvolvi normal, absorvi o que eu pude absorver, aprendi o que eu pude aprender. Eu acho que realmente a **MM.** é, como o pessoal disse, uma segunda mãe porque ela não só dá o conselho como ela entende. Ela entende o lado de cada um e não é fácil, ela tenta ver o que cada um pode fazer, onde aquela pessoa pode ir, o ponto inicial, que todo mundo tem potencial. Só que ela quer que as pessoas explorem seu potencial, muito mais do que o que a gente faz. Aqui a gente aprendeu isso, a respeitar um pouco os outros, os defeitos, as qualidades, porque a pessoa nunca é feita só de defeitos, tem qualidade que as outras não têm, que as outras não vêem. E se você realmente reparar na pessoa, você acaba achando essa qualidade, ou um defeito, porque perfeita não é, ela tem um defeito, só que você não quer ver ou ela esconde muito bem”.

TI. “quando eu entrei aqui eu era uma pessoa muito tímida, muito nervosa, Eu ficava amarrada, não falava com quase ninguém aqui, porque eu morria de vergonha de falar e hoje não, hoje já a convivência com os meninos aqui, agora eu me expresso melhor, eu falo melhor, porque eu tinha muita vergonha de falar. Minha experiência aqui foi mais quando a gente foi pras escolas, que a gente teve que lidar com criança, como falar com uma criança. Apesar de eu ter uma filha, eu não tinha muita paciência com criança e hoje eu já tenho essa paciência. Como falar, como agir com as pessoas”.

L. “achei muito legal, compartilhando aí as idéias, conhecendo novas pessoas e fazendo novas amizades, fazendo educação no trânsito, compartilhando o que nós estamos aprendendo aqui com quem não tem o conhecimento. Então estar passando esse conhecimento pra eles é muito legal”.

MA. “eu, no começo do Programa era muito tímido, era muito fechado, era só mais eu. Eu não queria saber de ninguém, não suportava a **TI.**, a **JE.** piorou! Hoje em dia as amizades mudaram, a gente foi conhecendo as pessoas melhor. As duas são as pessoas que eu mais me identifico. Sem falar nos educadores que passaram por aqui: a **BI.** sem comentários, ela ajudou bastante a gente, porque a gente era muito ‘ah, não vou fazer isso’. Mandava fazer um negócio, a gente enrolava pra fazer, aí ela já vinha ‘vamos fazer, vamos fazer’. Dava aquela bronca, mas sempre saía os negócios do jeito que a gente queria, até melhor”.

SI. “no começo eu era bastante tímida até por eu saber que várias pessoas no grupo não gostavam de mim, eu não me sentia muito bem, não consegui me soltar, eu sentia que muita gente do grupo olhava torto pra mim, então eu preferia ficar no meu canto quieta. Eu acho que por isso, elas achavam que eu era mais metida ainda. Depois a **MM** conseguiu integrar a gente e hoje eu não sei viver sem a amizade de vocês, eu gosto muito de vocês”.

As coordenadoras perguntam sobre a experiência de trabalhar em grupo, se isso lhes era familiar?

JA. faz considerações sobre trabalhar em grupo na escola e de que no programa não há monotonia, se compartilha mais com a convivência, ... “É dividido alegria, tristeza, segredo, além de criar responsabilidades também na vida”.

E. “na escola é só teoria, aqui a gente aprende na prática”.

LE. “eu acho que o Programa é uma ponta da sociedade. A escola é a primeira ponta da sociedade, que a gente convive com as pessoas, com os defeitos, com amizades, com os pensamentos diversos, forma de falar, de pensar, de agir diferente. Em casa também é a mesma coisa, a convivência. Eu acho que posso dizer que o Programa é a sociedade, é como se fosse a sociedade lá fora, a escola, a nossa casa. Você tem que aprender a conviver com as pessoas, aceitar os defeitos, as qualidades, a forma de pensar, de agir, a forma de falar. Então você tem que respeitar e saber se aquilo vai te trazer algo de bom ou não vai trazer pra você, se vai valer a pena ou não vai. Ter o senso crítico. Eu acho que aqui você aprende isso e, às vezes, na escola você não aprende isso, o senso crítico e aqui você aprende a ter senso crítico, a ser alguém, a dizer ‘não, eu não gosto’”.

L. “eu acho que eu vejo na TV que o que eles falam sobre o jovem não é sério, o jovem no Brasil nunca é levado à sério (risos do grupo). Eu acho que a pessoa que tá participando aqui dá pra ter uma noção do mercado de trabalho, porque desde a época que nós estamos aqui nós estamos elaborando esses projetos também pra como arrumar nosso primeiro emprego. Eu acho que isso daqui ajuda bastante. Que nem o ditado que diz “cabeça vazia é oficina do Diabo”. O cara que não tem uma ocupação, principalmente o jovem, por experiência própria mesmo, o cara só vai pensar em fazer besteira, que nem eu já fiz, me arrependo hoje”.

E sobre o projeto especificamente?

MA. “tem a cartilha, o vídeo que foi produzido e o jogo. Também teve o fanzine. Foi uma experiência nova, porque pra mim eu nunca imaginei que ia fazer uma produção de fanzine, uma cartilha (com atividades para crianças). Pra mim, isso me impressionou muito, foi uma experiência bem elevada que eu tive. A linguagem, como fazer uma cartilha, conhecer esses temas assim sobre o trânsito. Eu não fazia nem idéia! Metade das coisas que eu aprendi aqui no Programa eu não fazia nem idéia antigamente, nem sabia sobre trânsito, nem como produzir uma cartilha eu sabia. Hoje se eu pegar pra fazer uma cartilha, eu sei fazer normal, sei onde posso correr atrás pra produzir, deixar ela legalzinha”.

JA. fala de certa frustração pois estava num grupo em que a mídia proposta não foi executada por falta de recursos. Integrou-se posteriormente no grupo que elaborava o “jogo” para crianças. O fanzine também surge como uma boa experiência, já que ela diz gostar de escrever.

JO. “adorei desde o começo, tudo relacionado às mídias que nós produzimos, eu mesmo sou do vídeo que é uma mídia que eu não tinha nem noção do que era, como fazer, como produzir e eu adorei mesmo. Tivemos ajuda da **TE** (educadora) também na produção do roteiro. Era uma coisa pra mim de sete cabeças. Eu achava que eu não ia conseguir nunca e nós montamos o roteiro. O primeiro passo ela nos ajudou, ela falou ‘é assim’, mostrou meios pra nós. Aí nós ficamos insistindo, insistindo, Foram feitos mais ou menos uns 10 roteiros pra produzir o vídeo de massinha. Tem aquela idéia: ‘ah, não ta bom, você pode fazer melhor’ e sempre ela dando aquela ajuda. Não foi naquela de matando a esperança, mas foi uma ajuda. Assim nós pegamos mesmo no pé do roteiro e fomos até o final e tá aí, esse é o vídeo. Agora na parte das atividades nas escolas, também gostei. Eu, ao contrário de alguns aqui que não gostava de criança, eu já gostava. E pelo fato de eu ter irmãos mais novos, estar sempre me comunicando com criança, parente, eu sempre gostei de criança. Gosto até hoje. E pra mim foi super legal estar trabalhando o nosso ‘kit trânsito’ nas escolas”.

DO. “eu fiquei meio frustrada com a cartilha, de qual eu faço parte. Bom, encaminhando, tudo estava bem, era tudo que eu esperava, eu queria mesmo ficar, produzir uma cartilha, ver meus amigos produzindo um vídeo. É muito legal trabalhar

com isso. Fiquei meio frustrada na cartilha pelo fato de não ter saído do jeito que a gente queria, saiu meio o que o cara que terminou a produção lá queria. Mas eu sei que tem parte nossa nela, tem conteúdo nosso ali, então é legal”. Diz que não sabia nada do tema “trânsito” e não sabia, por exemplo, das regras nem que existia o condutor e o pedestre separadamente.

SI. “no começo a gente tava lá no grafite, aí acabou, o grupo do grafite não deu certo, aí eu comecei a participar do grupo do vídeo. Eu, particularmente, gostei muito do vídeo, fiquei orgulhosa de poder ajudar as pessoas do vídeo e depois poder passar nas escolas aquilo que a gente fez com bastante esforço, bastante dedicação do grupo. E o fanzine também, tenho o maior orgulho de mostrar e falar ‘foi a gente que fez’”.

COMENTÁRIO

O grupo traz novamente a sensação de estar em desvantagem no momento da concorrência com outros mais qualificados ou indicados.

No entanto, neste encontro apresentam algumas alternativas de ação frente à questão da qualificação ou das estratégias para inserção no primeiro emprego.

Entre elas, sinalizam com a mensagem de que é preciso submeter-se por um tempo, no entanto, sem deixar de “se virar” em busca do seu ideal. Surgem também algumas fantasias relacionadas a uma “inexistente” ética das empresas que deveriam preocupar-se com os excluídos. Idealizam algumas categorias profissionais (torneiro mecânico) bem como a qualificação oferecida pelo SENAI (como apresenta **L**) que deveria “atender aos jovens de periferia”, preferencialmente.

Retomam o processo de vinculação do grupo, as experiências de trabalho compartilhadas trazem novos pontos de referência construídos no processo de elaboração e aplicação do projeto educativo.

A socialização pelo trabalho apresenta nuances positivas, pois evidencia uma aposta dos educadores nas potencialidades de criação do grupo, trazendo, por conseguinte uma maior confiança dos jovens nos próprios recursos.

9.7. RELATO DO TERCEIRO ENCONTRO – GRUPO 2

Presentes: 7 jovens (4 moças e 3 rapazes)

Inicialmente, vamos falar sobre a família, a impressão de suas famílias sobre a experiência de vocês no Programa.

JA. “a minha família viu que eu mudei muito, muito, muito, que eu era o maior bicho do mato, aí eu comecei a me desenvolver mais, ser mais comunicativa, mais sorridente. Ah! foi minha irmã, minha irmã que me empurrou, falou pra eu me inscrever no Programa”.

JO. “... até minha mãe comentou comigo e eu sempre comento com ela sobre o projeto, sobre o Programa, frequentemente, aconteceu isso e aquilo, mas sempre to comentando como vai, como ta indo o andamento, não só relacionado ao projeto como também à minha mudança. E ela percebeu sim e está até disposta a colaborar. Desde o início ela sempre me apoiou. (*Colaborar em que sentido?*) Na cooperativa¹⁹, essa é a intenção. Nós do Programa estamos pensando assim em levar em frente uma cooperativa. Aí minha mãe falou que vai me ajudar onde ela puder. Ela me apoiou totalmente”.

DO. “...mas a família, família mesmo é difícil dizer. Minha família foi totalmente desestruturada um tempo, fica naquela divisão de mãe com pai, família pro lado da mãe, outra família pro lado do pai. Então fico meio confusa, eu fico meio no meio pra não pender pra nenhum dos dois lados. Então, não tenho muito o que dizer sobre família.. É estranho falar da experiência aqui porque ta acontecendo ainda e não caiu a ficha, que ta acabando, que a gente vai embora, sei lá, mas acho que ainda ta acontecendo essa experiência, essa mudança. Antes de eu entrar no Programa eu não sabia o que era isso, respeitar a amizade, respeitar o espaço da pessoa ou respeitar a opinião dela. Eu não tinha isso em mente. Pra mim, amizade era amizade, podia falar o que quisesse. Quando a gente entrou aqui, que a gente montou as nossas regras, passamos a respeitar as pessoas, aí eu fui me colocando e sabendo levar as pessoas. Eu era muito difícil de levar, eu era muito ignorante. Eu me batia muito com as pessoas por nada e eu

¹⁹ Alguns jovens deste projeto interessaram-se em iniciar uma cooperativa voltada à área de recreação

aprendi a ser um pouco mais paciente. Por mais que me corroa por dentro eu respiro bem fundo e espero. Agora eu acho que eu sou um pouco mais paciente”.

L. “falando sobre a participação aqui no Programa e sobre minha família também, ainda fica aquela vontade de estar indo pro mercado de trabalho formal mesmo, ainda aquela prensa da mãe continua, mas por ela estar me vendo participar desse projeto aqui, ela ta contente pra caramba com meu desenvolvimento até dentro de casa e eu sempre ajudando, colaborando com o que eu posso levar pra dentro de casa. É, desde o começo, porque ela achava que essa bolsa que a prefeitura ajuda nós, ela achava que é legal, é bom, mas pode ser um pouco mais, porque eu sou jovem, sou uma pessoa esforçada e tenho condições. Tudo bem, até aí tudo bem, mas só que não é fácil cair no mercado de trabalho. Mas enquanto não terminar o Programa, enquanto eu não pegar meu certificado eu não saio... o interesse mesmo é estar participando do começo ao fim”.

MA. “... da parte da família assim, pelo menos o que minha mãe fala, eu acho que eu mudei bastante, fiquei mais, na parte de comunicação que eu era muito tímido, não conversava com as pessoas, não sabia dialogar. Nessa parte, depois que eu entrei no POJ eu fiquei mais solto, fui me soltando mais e nisso teve mudança em casa, bastante”.

Gostáramos que vocês falassem é sobre as perspectivas de vocês daqui pra frente, o que vocês estão pensando em fazer, que caminho foi possível construir nesse tempo aqui?

JA. “minha perspectiva profissional depois que sair daqui claro, vou enviar currículos, tudo, minha perspectiva é arrumar um emprego fixo pra que futuramente eu possa estudar, o que eu preciso estudar, no caso, seguir uma carreira profissional. A minha idéia é essa mesmo, um emprego fixo e estudar. *(Estudar o quê?)* Aí é que ta (risos). Tenho dúvida entre Nutrição e Administração. Eu to procurando emprego no ramo de operadora de telemarketing, eu acho que eu vou me dar bem, já que eu to fazendo curso. Eu acho que é esse ramo, não sei. Só que meu sonho sempre foi Nutrição. Eu gostei dessa área, entendeu? De ajudar as pessoas, de trabalhar nessa área de alimento, a função. Aí to nessa dúvida. *(Então, por um lado tem algo que você faz bem e por outro algo que você sonhava?)*. É sonhava, mas não sei se vou me dar bem. É um sonho, né?”

MA. “mais pra frente eu espero estudar bastante, terminar meus estudos, procurar uma área que eu goste. Penso em fazer uma faculdade de, não sei se é Educação Artística, se é Artes, que eu gosto muito de fazer desenho, penso em realizar um sonho meu que é desenhar, não sei se é ‘designer’ que fala, pra firmas automotivas, desenho de carros. Espero fazer uma faculdade mais pra frente e penso entrar nessa área, talvez. Agora eu to pensando mais perto, meu tio ta com pensamento de montar uma lojinha pra eu trabalhar pra ele, com som de carro, essas coisas, alarme, filme, essas coisas, que é uma área que eu gosto bastante também. Gosto dos dois, só que eu to indo, to correndo atrás. Se eu achar um emprego bom, vou fazer uma faculdade de artes, mas nesse pensamento, entrar numa firma boa, pra mim poder desenhar, fazer uns designers de carro, é o meu sonho. Mas enquanto não dá, tem que correr atrás do que a gente pode fazer e, no caso, eu faço uns bicos, instalo som de carro. Dá pra tirar um dinheirinho a mais e ir guardando pra mais pra frente realizar meu sonho”.

L. “eu não vou sonhar alto, mas eu tenho um objetivo, ser um servidor público, ou entrar numa metalúrgica, porque por familiares trabalharem nessa área, por meu pai também ter sido metalúrgico, eu ache que possa estar seguindo como torneiro mecânico ou até em outras áreas, mas meu objetivo é esse, estudar mais um pouco, tentar mais alguns cursos e também concurso pra mim, até o ano que vem, estar no mercado formal e correr atrás do que é bom pra mim e pra minha família”.

DO. “eu não pretendo fazer faculdade, acho que pra mim não vai servir muito. Eu esperava muita coisa pro meu futuro... eu quero arrumar um serviço legal, espero arrumar um serviço bom onde eu possa estar ajudando meus filhos e fazer minha vida, construir uma casa, ter um carro ou entrar numa área que eu goste, mas faculdade não é meu objetivo no momento, eu não sei daqui pra frente.. Acho que faculdade eu já tenho em ser mãe. Essa eu já sei de cor. Como diz um amigo meu, pra mim já é o básico e ta bom”.

JO. “minha perspectiva profissional é agora, nesse instante, eu só to pensando na cooperativa. Já relacionado a um trabalho fixo pra mim agora já não penso nisso. Estou mesmo disposto a levar em frente a cooperativa por diversos apoios que estou tendo e vou levar essa cooperativa adiante. Já relacionado, como disseram muitos aqui, à faculdade, agora eu não pretendo fazer faculdade, mas um dia eu vou fazer... O que ta no meu objetivo agora, o que eu to precisando é essa visão sobre cooperativa. E eu to me encaixando conforme vem as idéias, o momento que ta acontecendo, ta tudo

provável que vai sair essa cooperativa e essa é a minha perspectiva profissional. Então, sobre faculdade eu não pretendo agora, quando acontecer, eu sempre tive idéia de fazer Ciência da Computação, ou até fazer letras”

SI. “eu pretendo o ano que vem começar a fazer faculdade de Educação Física porque eu acho que é a minha cara, sempre tive vontade de fazer esse curso. E ano que vem arrumar um serviço bom e estudar. *(O que você acha legal na Educação Física?)* Sei lá, acho que a parte de corpo, cuidar do corpo, cuidar da saúde, eu gosto. Aí o ano que vem, se Deus quiser, eu vou conseguir fazer Ed. Física. É o meu sonho, eu não tenho vontade de fazer nenhuma outra faculdade, só isso Eu queria trabalhar em escola, academia. Eu sempre tive essa certeza, desde sempre. Todo mundo fala que não é uma área muito boa, mas eu sempre tive vontade e não tiro isso da minha cabeça nunca. Faz muito tempo que eu tenho isso em mente”.

JE. “... sobre faculdade, eu sempre quis fazer faculdade de música, mas como no Brasil ainda é muito pequeno esse mercado de trabalho, então eu acho que teria que ir pra fora pra fazer uma faculdade de música. Por enquanto minhas condições não permitem. Eu penso em fazer alguma coisa de música”.

Vocês estão falando sobre algumas dúvidas. Como vocês acham que essas dúvidas podem ser sanadas?

DO. “o que mais me chamou a atenção aqui foram as mídias na área do trânsito, eu queria achar um nome ou uma área que se especializasse no que eu faço aqui, aí não sei se é arquitetura, se é comunicação, o dia que eu achar, acho que eu posso fazer faculdade sobre isso. Quem sabe um dia eu vou fazer, mas tenho dúvida do que eu quero”.

Passamos a discutir algumas estratégias na tentativa de diminuir estas dúvidas, como buscar as informações necessárias, como considerar cada realidade, motivações, interesses, as alternativas concretas disponibilizadas pelos governos como, por exemplo, Fies, Prouni, Escola da Família.

E sobre essa idéia de cooperativa, quem pode falar mais? Já é uma cooperativa?

JO. “por enquanto é uma reunião”.

JA. “tem alguns interessados. O pessoal da tarde é um número menor e é no mínimo 20.”

DO. “eu tava me desanimando um pouco, até porque até então a gente não tinha decidido o que queria fazer, em que área a gente queria entrar. Mas agora a gente tá meio caminho andado, eu vou tentar pegar bem mais forte no que eu quero, mas eu sempre achei interessante, achei legal esse negócio de cooperativa. Até porque acho que é uma forma da gente não se separar, de ficar todo mundo junto. Foi desanimando, cada jovem que ia saindo”.

COMENTÁRIO

Apresentam a família (principalmente na figura da mãe) enquanto sustentáculo dos caminhos profissionais futuros. Estes no geral são incertos, algumas vezes mediados pela experiência no Programa, outras vezes por desejos anteriores.

O estudo e o curso superior aparecem como valores importantes no estabelecimento de um projeto profissional. A possibilidade de inserção em algum trabalho “desejável”, bem como a concretização do curso superior aparecem diretamente ligadas ao emprego, condição que permitiria a realização do “sonho” profissional.

Nos relatos do grupo há uma atmosfera de despedida e luto quando se referem aos que já se desligaram e quando trazem às perspectivas pós-programa. A própria idéia de formação de uma cooperativa revela tal desejo.

A realidade social se impõe, as estratégias e alternativas trazidas são discutidas e valorizadas pelo grupo, assim como o sentido do trabalho realizado por eles durante o Programa Social.

9.8. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS – GRUPO 2

Neste grupo, o mercado de trabalho é o lugar do desencanto e da injustiça, principalmente em relação aos jovens. As experiências anteriores denotam o caráter penoso e exploratório do mesmo. Mas o que ele proporciona, ganhar seu próprio dinheiro, obter o sustento próprio, enfim, ser independente traz status e satisfação pessoal.

A lógica da qualificação profissional para os jovens não surge de forma clara no grupo, o que se destaca é uma suposta imagem negativa (relato de **LE**) do jovem enquanto indivíduo responsável para inserir-se neste mercado. Surgem algumas fantasias relacionadas às pequenas chances de inserção dos jovens em relação aos adultos com menos recursos (se submeteriam mais facilmente), bem como o apadrinhamento enquanto prática cotidiana nas empresas.

A construção da identidade de “Mãe” trazida por um membro do grupo, enquanto destino torna-se uma alternativa à formação de uma identidade profissional formal.

Na apresentação dos projetos profissionais, valorizam os potenciais trazidos anteriormente ou descobertos no Programa e a possibilidade da concretização dos mesmos é trazida de forma amadurecida pelo grupo. Relatam um amadurecimento alcançado graças às responsabilidades exigidas pelo projeto do grupo (confecção das mídias).

Descobrem novas linguagens que permitem a expressão de potenciais criativos, até então desconhecidos por eles. A valorização dos educadores e dos jovens em relação à produção do grupo evidencia a importância do trabalho enquanto eixo educativo e estruturante para os indivíduos.

As atividades compartilhadas em função de um objetivo comum reforçam os vínculos entre educadores e jovens que favorecem a construção de novo significado para o trabalho (a cooperativa).

O espaço criador proporcionado por todos os atores envolvidos, permite a visualização do trabalho enquanto expressão subjetiva dos jovens, o que pode representar um bom prognóstico para o grupo.

X – CONCLUSÃO

Neste momento, a organização produtiva e social tem alterado sobremaneira a questão da “moratória” vivida pela juventude. Esta tem apresentado novos contornos e necessidades. Ela apresenta-se alongada pela formação escolar, pela preparação para a vida profissional e, principalmente, pelas experiências de não alcançar o “trabalho”, condição que permitiria alcançar a independência em relação à família e o status de adulto “trabalhador”.

As novas exigências do mundo do trabalho, a reestruturação produtiva, as mensagens de que é fundamental ter uma excelente qualificação, além da propalada falta de experiência, característica desta população, traz perspectivas nebulosas de futuro para os jovens.

Como a caracterização da juventude não é homogênea, a questão de classe social se verifica de forma importante ao constatarmos a maior dificuldade de inserção dos jovens pobres e, por conseqüência, sua maior vulnerabilidade social, uma vez que está mais distante do mercado de trabalho (formal), de ser reconhecido e de ter os seus direitos garantidos pelo aparato social.

Nesta condição, o jovem não experimenta a construção do laço social estruturado pelo trabalho, e também tem dificuldade de estruturá-los em outros contextos da vida social.

A educação, mais difundida, permitindo maior acesso a todos não cumpre seu papel a contento, pois segundo Lehman (2005):

[...] embora se proponha a um objetivo mais democrático e menos excludente, paradoxalmente se lança a um desequilíbrio recente entre educação e mercado de trabalho, tornando um problema bastante complexo e desorientado. (p.17).

Por mais que as políticas de qualificação profissional se desdobrem, estas não estariam disponíveis a todos e nem garantiriam a inserção de todos.

O fato de possuir os códigos educacionais básicos, também não garante ao indivíduo uma perspectiva real de ascensão social, principalmente se analisarmos a

questão do “capital cultural” (Bourdieu, 1992) que reservaria aos donos do poder e do capital as melhores condições educacionais e culturais para se manterem nas mesmas posições. No entanto, a valorização da educação pelos que mais precisam do trabalho é um alento e uma esperança, verificada também nos grupos aqui relatados.

A realidade em que vivemos nos últimos trinta anos, em meio à alteração de uma cultura do trabalho e do emprego que o cotidiano do capitalismo transformou em instabilidade e desemprego reserva principalmente aos jovens a “precariedade como destino” (Castel, 1998). Ele aponta também:

A precarização do emprego e o aumento do desemprego são sem dúvida, a manifestação de um déficit de lugares ocupáveis na estrutura social, entendendo-se por lugares, posições às quais estão associados uma utilidade social e um reconhecimento público. (p.530).

[...] é como se o nosso tipo de sociedade descobrisse, com surpresa, a presença em seu seio de um perfil de populações que se acreditava desaparecido, “inúteis para o mundo”, que nele estão sem verdadeiramente lhe pertencer. (p.530).

Como referência tradicional de trabalho, o trabalho formal é a aspiração maior dos jovens aqui estudados, no entanto, as experiências anteriores trazidas pelos grupos demonstram um início precoce e precário no trabalho, revelando uma vinculação fragmentada e heterogênea com o mesmo.

O caráter instrumental do trabalho é verificado na garantia da subsistência (grupo 1) e é vivenciado através de experiências penosas e exploratórias desde muito cedo. O trabalho enquanto obrigação moral permite o afastamento do “mal” representado pelas ruas e pelo tempo ocioso (grupo 2).

Proporciona também a satisfação pessoal de conseguir garantir seus próprios recursos e ver-se independente economicamente dos pais (grupo 2). A realização de um sonho, ou seja, trabalhar naquilo que sonhou e conseguiu concretizar, representa uma satisfação pessoal e um reconhecimento social (grupo 1).

Em ambos os grupos o Programa oferece esse espaço transicional (Winnicott 1975) que não é ocupado nem pela “escola” nem pelo “trabalho” num sentido restrito, mas que propicia a construção de vínculos positivos, de novas possibilidades identitárias

em relação aos educadores e técnicos funcionando como apoio social e suporte emocional, elementos necessários ao desenvolvimento da autonomia e da independência nesta etapa da vida.

A relação com o trabalho ganha um sentido mais expressivo e dinâmico numa valorização das capacidades reconhecidas e adquiridas naquele contexto grupal de formação e trabalho.

Contudo, no processo do grupo 2, verificamos que essas características surgem de forma mais destacada e a hipótese para este cenário talvez seja o maior investimento interno dos vários educadores envolvidos, bem como o maior espaço para a criação dentro do planejamento do projeto.

O engajamento do grupo (incluindo educadores, técnicos e jovens) em prol da construção de um projeto comum, fortaleceu os laços transformando o que era ideal em real ou como define Enriquez (2001) em relação a um projeto grupal:

Não se trata unicamente de querer coletivamente, trata-se de sentir coletivamente, de experimentar a mesma necessidade de transformar um sonho ou uma fantasia em realidade cotidiana e de se munir dos meios adequados para conseguir isso (p. 62).

A sociabilidade estimulada no Programa acena também para um tipo particular de envolvimento, que é o proporcionado pelo trabalho cooperativo e solidário, alcançado através da execução do Projeto (desenvolvido pelos jovens) em contraposição à ideologia da concorrência e do individualismo do mercado de trabalho. A valorização do jovem enquanto protagonista de ações que podem ser significativas junto à sua comunidade fortalece o pertencimento e pode representar também, como diz Montagna (2001):

A transformação do espaço urbano em um lócus de encontros e trocas sociais que possibilitam contemplar e evocar nossa presença humanizada, nossa existência reconhecida e não caída no anonimato (p.74).

Neste espaço de interlocução entre instituição e jovem a dimensão política se faz presente, canais comunicativos são abertos na perspectiva de maior participação social.

No contexto da política pública há uma opção do Programa pelo adiamento da entrada do jovem no mercado de trabalho. Este se impõe em função de taxas grandiosas de desemprego, de um “crescimento” da economia não verificado até hoje, além de proporcionar um melhor preparo desta população. Entretanto, o desafio talvez esteja em transformar estas políticas ou ações menos fragmentadas tornando-as realmente conectadas às necessidades dos atores juvenis e não somente às estatísticas ou a ideais de juventude.

Um outro aspecto a ser destacado é como administrar este período de relativa “tutela” do jovem nestes programas, ou seja, como promover ações que realmente favoreçam o sentido da emancipação e da autonomia para que não se caia nas armadilhas da descontinuidade das políticas, servindo-se deles apenas para atrair votos em governos populistas.

ANEXOS

ANEXO I - PROGRAMAS DE GOVERNO PARA JOVENS²⁰

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
Ação Jovem	Estadual	2004	Jovens de 15 a 24 anos, com ensino fundamental e / ou médio incompletos, ter domicílio nos setores censitários de alta vulnerabilidade e concentração de pobreza, priorizando aqueles pertencentes a famílias de renda familiar de até 2 (dois) salários mínimos. São selecionados jovens pertencentes a famílias com menor renda per capita mensal.	Oferecer condições para o retorno e/ou permanência na escola; Repassar subsídio financeiro mensalmente; Propiciar ações que capacitem para o mundo de trabalho.	Bolsa de R\$ 60,00 mensais aos jovens.	

²⁰ Estão relacionados somente os Programas relacionados à educação, ao trabalho e a cultura.

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
Escola da Família	Estadual	2003	Estudantes universitários, matriculados em curso de graduação de Instituição Privada (conveniada com o Programa), ter concluído o Ensino Médio na rede estadual paulista, não estar recebendo outro benefício para custeio da mensalidade do curso superior, ter interesse e disponibilidade para participar de atividades do Programa, totalizando 16 horas para o desenvolvimento das atividades nos fins de semana junto às escolas públicas estaduais.	Transformar o ambiente escolar em um espaço de convivência e lazer para a comunidade da rede pública de ensino, integrando pais, filhos e educadores, através da abertura das escolas públicas nos finais de semana, com atividades voltadas às áreas esportiva, cultural, de saúde e de qualificação para o trabalho.	A Secretaria de Educação paga 50% da mensalidade, até o limite de R\$ 267,00, enquanto a universidade/faculdade parceira cobre o restante.	Profissionais da área da educação organizam atividades sócio-culturais, esportivas, de qualificação para o trabalho e desenvolvem ações preventivas na área da saúde, aproximando comunidade, escola, pais, filhos, alunos e professores. Para realizar as atividades o Programa conta com educadores profissionais, educadores universitários (bolsistas), diretores e vice-diretores de escola, coordenadores de área e voluntários.

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
Escola da Juventude	Estadual	2005	Jovens e adultos, preferencialmente entre 18 e 29 anos, que tenham concluído o Ensino Fundamental.	Oferecer aos jovens e adultos que estão fora da escola uma nova alternativa de Ensino Médio, flexível o bastante para atrair aqueles que necessitam retomar os estudos e elevar sua escolaridade e que não vêm nas outras modalidades existentes o atendimento de suas expectativas e possibilidades.	Bolsa de R\$ 60,00; Material didático. Os alunos têm acesso a Laboratórios de Informática, salas de vídeos e um portal na internet. Oferece ainda 1h30min de aula de Inclusão Digital nas salas de informática.	É um curso de Ensino Médio, com aulas aos sábados e domingos, que funciona inserido no Programa Escola da Família. As aulas são ministradas por um Orientador de Estudos (OE) - universitário e estudante de licenciatura plena, em fase de conclusão de curso, com um suporte a distância, oferecido por Coordenadores Pedagógicos, Professores Web Especialistas e ambientes digitais de gestão acadêmica. O curso de Ensino Médio está dividido em três tipos de atividades:

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
						<p>curriculares presenciais – disciplinas organizadas em quatro módulos semestrais, composto de matérias obrigatórias (no sábado à tarde) e optativas (no sábado pela manhã), se invertendo no domingo, com 4 horas-aula por período;</p> <p>Inclusão Digital com uma média de 1h30min por fim de semana; e individuais durante a semana, sugeridas em classe e constantes dos materiais impressos, como por exemplo, o desenvolvimento de estudos domiciliares.</p> <p>A avaliação será contínua, com provas bimestrais e, ao final do semestre, exame</p>

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
						para conclusão do módulo. Os alunos receberão a certificação após aprovação em todos os módulos, que devem durar 18 meses.
Jovem Cidadão: Primeiro Trabalho	Estadual	2000	Jovens de 16 a 21 anos, estudantes regularmente matriculados na 2ª série (durante o segundo semestre) ou na 3ª série (durante o primeiro semestre) do Ensino Médio estadual dos 39 municípios da região metropolitana de São Paulo.	<p>Dar oportunidade de ingresso no mundo do trabalho;</p> <p>Atender famílias em situação de vulnerabilidade social;</p> <p>Possibilitar ao jovem: geração de renda, formação profissional, vivência das relações que envolvem o mundo do trabalho, agregar novos valores à sua formação, adquirir ou aprimorar conhecimentos, ter responsabilidade em suas ações, diminuir a</p>	<p><i>O Estado responsabiliza-se por:</i></p> <p>R\$ 65,00 (sessenta e cinco reais) do valor de cada bolsa-estágio oferecida por Pessoas Jurídicas de Direito Privado;</p> <p>Pagamento de seguro de vida e acidentes pessoais dos bolsistas; e</p> <p>Custos de gerenciamento/ad-</p>	<p>Para cada vaga oferecida pelas empresas parceiras, são encaminhados 3 jovens a serem selecionados a seu critério.</p> <p>O jovem poderá estagiar de 4 a 7 horas diárias, por um período de, no máximo, 12 meses.</p>

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
				exposição à riscos sociais e pessoais.	<p>ministração do Programa.</p> <p><i>A empresa responsabiliza-se por:</i></p> <p>Vale-transporte; Vale refeição de, no mínimo R\$ 5,00 ou refeição (se o estágio for de 7 horas/dia); Complemento da bolsa, de acordo com a seguinte tabela:</p> <p>04 horas/ dia – no mínimo R\$ 65,00 como complemento</p> <p>05 horas/ dia – no mínimo R\$ 97,50 como</p>	

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
					complemento 06 horas/ dia – no mínimo R\$ 130,00 como complemento.	
Agente de Cultura Viva	Federal	2005	Jovens de 16 a 24 anos	Propiciar formação específica na área cultural ao jovem; Estimular seu interesse profissional futuro por profissões relacionadas à Cultura;	Bolsa de R\$ 150,00 mensais por um período de 6 meses	O jovem receberá uma capacitação específica, definida pelo Ponto de Cultura ao qual ele estará vinculado e a coordenação do programa contribui com o acompanhamento em educação popular, empreendedorismo cultural e microcrédito. O Agente Cultura Viva é uma parceria com o programa Primeiro Emprego, do Ministério do Trabalho e Emprego. Além das

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
						bolsas e dos cursos, os jovens terão acesso aos mecanismos que facilitem a emissão de carteira de trabalho e previdência social e a outros programas e ações promovidos pelo Governo Federal.
Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano	Federal	2000	Jovens com idade entre 15 e 17 anos nas seguintes situações: - que, prioritariamente, estejam fora da escola (nesse caso deverão retornar a ela); - que participem ou tenham participado de outros programas sociais (medida que dá cobertura aos adolescentes e jovens oriundos de outros Programas, como o da Erradicação do	Criar condições para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema de ensino; Promover sua integração à família, à comunidade e à sociedade; Preparar o jovem para atuar como agente de transformação e desenvolvimento de sua comunidade;	Bolsa no valor de R\$ 65,00, durante 12 meses. O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) responsabiliza-se, além do pagamento da bolsa, pelo treinamento nas áreas de saúde, cidadania e meio-ambiente, financiando 300	A execução dos Programas nos municípios fica por conta de Organizações Não Governamentais (ONG). Os jovens receberão formação mediante um programa composto de 2 núcleos complementares, a saber: ? Núcleo básico Esse módulo compreenderá a abordagem de temas

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
			<p>Trabalho Infantil, também promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome);</p> <ul style="list-style-type: none"> - que estejam em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social; - que sejam egressos ou que estejam sob medida protetiva ou socioeducativa; - oriundos de Programas de Atendimento à Exploração Sexual Comercial de menores; <p>* 10% das vagas de cada município são necessariamente destinadas a adolescentes portadores de algum</p>	<p>Contribuir para a diminuição dos índices de violência, uso de drogas, DSTs e gravidez não planejada;</p> <p>Desenvolver ações que facilitem sua integração e interação, para quando estiver inserido no mercado de trabalho.</p>	<p>horas-aula com capacitadores e orientadores sociais.</p>	<p>que despertem a auto-estima do jovem, permitindo-os entender o seu poder de transformação.</p> <p>O conteúdo programático deverá abordar disciplinas que busquem estimular o jovem na construção de um projeto social.</p> <p>? Núcleo específico</p> <p>Este núcleo deverá compreender a abordagem de temas que estimulem o protagonismo juvenil nas áreas de: saúde, cidadania, esporte e turismo, cultura e meio ambiente.</p> <p>O conteúdo programático desse núcleo versará sobre</p>

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
			<p>tipo de deficiência.</p> <p>É necessário que este participe, no mínimo, de 75% do total de aulas na escola e das atividades previstas no Programa.</p> <p>A prioridade na escolha dos Municípios conveniados é para aqueles com grande concentração de jovens em situação de risco, associado ao baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).</p>			<p>questões prevalentes nas diversas áreas com o intuito de fazer com que a atuação dos jovens contribua para o enfrentamento dessas questões e para a melhoria de indicadores locais.</p>
Escola de Fábrica	Federal	2005	15 a 21 anos, que pertençam a famílias com renda per capita menor ou igual a um salário mínimo, não participantes do	Ampliar os espaços educativos de formação profissional incorporando os locais de produção como espaços de aprendizagem;	Bolsa de meio salário mínimo para os jovens por um período de 6 meses.	<p>Serão oferecidos cursos de formação profissional inicial para jovens, conforme as seguintes condições:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Cada curso poderá ser

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
			<p>programa de aprendizagem, conforme previsto na CLT, nas seguintes condições:</p> <ul style="list-style-type: none"> · Jovens de 15 a 18 anos que estejam matriculados ou retornando ao ensino público regular nas etapas finais do Ensino Fundamental ou no percurso do Ensino Médio; · Jovens até 21 anos que concluíram a alfabetização, inclusive no programa Brasil Alfabetizado e que estejam matriculados ou ingressando na Educação de Jovens e Adultos. 	<p>Oferecer formação profissional a jovens para o exercício da cidadania e preparação para o trabalho;</p> <p>Estimular o ingresso e a permanência destes jovens na Educação Básica;</p> <p>Favorecer o ingresso destes jovens no mundo do trabalho;</p> <p>Envolver o setor produtivo na formação dos jovens, aliando responsabilidade social às suas necessidades de trabalhadores qualificados.</p>	<p>Nos dois primeiros anos do Programa esta bolsa será de responsabilidade do Ministério da Educação (MEC) e a partir do terceiro ano, de responsabilidade das empresas associadas.</p> <p>As empresas também devem assegurar aos alunos: alimentação, uniforme e transporte.</p>	<p>ofertado em uma das 20 (vinte) áreas profissionais reconhecidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE);</p> <ul style="list-style-type: none"> · Deverão ter a carga horária mínima de 600 horas, sendo a carga horária destinada tanto à formação profissional quanto à formação cidadã através de temas transversais (cidadania, inserção social, comunicação inter-pessoal, sociabilidade, meio ambiente, saúde coletiva, dentre outros). · Serão norteados por projetos pedagógicos construídos na articulação entre as necessidades

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
						produtivas e educativas, sendo que a organização curricular deverá envolver conteúdos teóricos e práticos, definidos a partir das necessidades de trabalho da região e da formação cidadã.
Juventude Cidadã	Federal	2005	Jovens com idade entre 16 a 24 anos, em sua maioria com escolaridade inferior ao ensino médio completo, conforme cota estabelecida na Lei 10.748, de 22 de outubro de 2003, renda familiar <i>per capita</i> igual ou inferior a meio salário mínimo, que não tenham tido vínculo empregatício anterior	Contribuir para a ampliação de oportunidades de inserção dos jovens no mercado de trabalho, dando prioridade ao acesso de jovens considerados mais vulneráveis e sujeitos a maior discriminação no mercado de trabalho; Contribuir para ampliar as oportunidades de qualificação, expandir as possibilidades de	R\$ 600,00 divididos em 5 parcelas de R\$ 120,00	Adota uma estratégia de qualificação social e profissional que privilegia a aprendizagem pela experiência, sem negligenciar a preparação prévia, adequada e cuidadosa do jovem para “o fazer”. Nesse caso, a formação de saberes necessários à inserção do jovem no mercado de trabalho e à vida em

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
			<p>e que não sejam os beneficiários diretos do Programa “Bolsa-Família”, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, ou seja, que o cartão de recebimento não esteja em seu nome.</p> <p>OBS: Caso o jovem não esteja matriculado na escola, é dado um prazo de carência para que assim o faça, como critério de permanência no Programa.</p>	<p>profissionalização, formação para a cidadania, prestação de serviços comunitários e elevação da escolaridade dos jovens.</p>		<p>sociedade se dá, principalmente, por meio do seu engajamento efetivo na prestação de serviços comunitários, precedido, complementado e articulado com o desenvolvimento de conhecimentos, tendo como eixos principais:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) formação em cidadania e direitos humanos; b) qualificação social e profissional; c) prestação de serviços voluntários à comunidade; d) estímulo e apoio efetivo à elevação da escolaridade; e) inserção no mercado de trabalho.

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
Primeiro Emprego	Federal	2003	Jovens de 16 a 24 anos, , sem experiência prévia no mercado de trabalho formal, que possuem renda familiar <i>per capita</i> de até meio salário mínimo, que estejam cursando ou tenham completado o ensino fundamental ou médio, com destaque para focos de discriminação social.	<p>Contribuir para a geração de oportunidades de trabalho para a juventude brasileira, mobilizando o governo e a sociedade para a construção conjunta de uma Política Nacional de Trabalho Decente para a Juventude;</p> <p>Promover, replicar, articular e ampliar experiências desenvolvidas pelo Governo Federal, Estados e Municípios, pelo setor privado, pelas entidades da sociedade civil ou por ação conjunta de todos esses segmentos.</p> <p>Gerar oportunidades de ocupação remunerada por meio do investimento em experiências e idéias</p>	O Governo federal concede incentivo financeiro de R\$ 1.500 por ano a cada vaga oferecida por empresas a jovens que formam o público do Primeiro Emprego. O pagamento é feito por meio de transferências bimestrais, em seis parcelas de R\$ 250.	O Programa envolve ações de qualificação e intermediação de empregos, voltadas a proporcionar capacitação técnica e cidadã aos jovens. Centra suas ações nos eixos: qualificação sócio-profissional, inclusão social e inserção no mercado de trabalho.

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
				<p>inovadoras.</p> <p>Estabelecer e fortalecer parcerias governo-sociedade para a elaboração, implementação, monitoramento e avaliação conjunta de todas as ações do PNPE;</p> <p>Estabelecer mecanismo permanente de consultas entre o governo e a sociedade, por meio da realização de conferências temáticas, conferências regionais e Conferência Nacional sobre Alternativas de Trabalho Decente para a Juventude.</p>		
PRO-JOVEM	Federal	2005	Jovens com idade Entre 18 e 24 anos, que atendam, cumulativamente, aos	Executar ações integradas que propiciem aos jovens brasileiros, na forma de	- Oferece bolsa de R\$ 100,00 mensais pelo período de 12 meses;	É um programa integrado entre Educação de Jovens e Adultos e Educação

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
			<p>seguintes requisitos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - tenham concluído a quarta série e não tenham concluído a oitava série do ensino fundamental; e - não tenham vínculo empregatício. 	<p>curso, elevação do grau de escolaridade visando à conclusão do ensino fundamental, qualificação profissional, voltada a estimular a inserção produtiva cidadã e o desenvolvimento de ações comunitárias com práticas de solidariedade, exercício da cidadania e intervenção na realidade local.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Curso com carga horária de 1600 horas (sendo 1200h presenciais e 400h não presenciais); - No final do curso de 12 meses, os alunos prestarão um exame nacional específico do programa para receberem o certificado que lhes permitirá a matrícula no ensino médio. 	<p>Profissional, que toma o trabalho como princípio educativo. É o fruto de sua integração e articulação, concebido como uma alternativa de inclusão social de jovens excluídos da escola e do trabalho. Essa inclusão social se dá pela elevação dos níveis de escolaridade desses jovens, pela sua qualificação para o trabalho e por uma ação comunitária que os integre social e culturalmente como cidadãos atuantes. É um programa educativo com organização curricular flexível e interdisciplinar</p>

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
						<p>que alterna momentos presenciais e de auto-estudo, trabalhando de forma integrada todos os componentes curriculares.</p> <p>O projeto pedagógico do Pro-Jovem propõem 4 Unidades Formativas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Juventude e Cidade, 2. Juventude e Trabalho, 3. Juventude e Comunicação, e 4. Juventude e Cidadania.
PROUNI – Programa Universidade para Todos	Federal	2004	<p>Estudantes brasileiros de baixa renda sem diploma de nível superior.</p> <p>Só pode se candidatar ao ProUni o estudante que tiver participado do Exame Nacional</p>	<p>Democratizar o acesso à educação superior, representando uma política pública de ampliação de vagas, estímulo ao processo de inclusão social e geração de trabalho e renda aos</p>	<p>A concessão de bolsas de estudo integrais e parciais, a estudantes de baixa renda de cursos de graduação e sequenciais de</p>	

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
			<p>do Ensino Médio (ENEM) e obtido a nota mínima divulgada pelo Ministério da Educação.</p> <p>É preciso que o estudante tenha renda familiar per capita de até três salários-mínimos e satisfaça uma das condições abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • ter cursado o ensino médio completo em escola pública, ou • ter cursado o ensino médio completo em escola privada com bolsa integral, ou • ser portador de deficiência, ou • ser professor da rede pública de ensino básico, em 	jovens brasileiros.	<p>formação específica, em instituições privadas de educação superior, oferecendo em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas que aderirem ao Programa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bolsa integral: para estudantes que possuam renda familiar, por pessoa, até um salário-mínimo e meio (R\$ 450,00). • Bolsa parcial: 50% - para estudantes que possuam renda familiar, por pessoa, até três salários-mínimos (R\$ 900,00). 	

PROGRAMA	ESFERA DE GOVERNO	CRIAÇÃO	PÚBLICO	OBJETIVOS	O QUE O PROGRAMA OFERECE	METODOLOGIA DE TRABALHO/ ESTRATÉGIAS
			<p>efetivo exercício, integrando o quadro permanente da instituição e concorrendo a vagas em cursos de licenciatura, normal superior ou pedagogia. Neste caso, a renda familiar por pessoa não é considerada.</p> <p>OBS: o ProUni reserva bolsas aos cidadãos portadores de deficiência e aos autodeclarados negros, pardos ou índios.</p>		<p>25% - para estudantes que possuam renda familiar, por pessoa, até três salários-mínimos (R\$ 900,00), concedida somente para cursos com mensalidade até R\$ 200,00.</p>	

ANEXO II - PERFIL GERAL DO PROGRAMA

(Até 2005 passaram pelo Programa aproximadamente 2280 jovens).

IDADE	%
16 anos	6.6%
17 anos	17.25%
18 anos	28.5%
19 anos	22.4%
20 anos	13.5%
21 anos	9.75%
22 anos	1.9%
23 anos	0.1%

FILHOS	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Têm filhos	1.4%	11.1%	12.5%
Não têm filhos	35.4%	52.1%	87.5%

Nº DE FILHOS (%)		IDADE DOS FILHOS (%)	
1 filho	87%	Gestantes	8,8
2 filhos	12%	Menos de 1 ano	23,7%
3 filhos	1%	1 a 2 anos	35,1%
Acima de 3 filhos	-	2 a 3 anos	17,5%
		Acima de 3 anos	14,9%

ESCOLARIDADE	%
Ensino fundamental	2.9%
1º ano do Ensino Médio	12.4%
2º ano do Ensino Médio	17.6%
3º ano do Ensino Médio	20%
Ensino Superior	0.2%
Ensino Médio concluído	39.9%
Não está estudando	7%

REGIÕES DE MORADIA DOS JOVENS:

REGIÃO	%
Bom Clima/Vila Fátima	5.1%
Vila Rio	9.25%
Picanço	2.25%
Cabuçu	3.9%
Taboão	12.9%
Vila Galvão	5.9%
São João	16.75%
Jd. Cumbica	1.6%
Bonsucesso	13.4%
Pimentas/Marcos Freire	3.25%
Pimentas/ Jurema	11.6%
Pimentas/ Jardim Leblon	8.5%
Cumbica	3.6%
Vila Augusta	2%

ANEXO III - CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAR DA PESQUISA

Grupo:

Data:

a) Identificação e Proposta:

Claudia Sampaio Tavares, aluna de Mestrado, conduzo este estudo sobre os possíveis efeitos sobre os projetos profissionais dos jovens a partir da participação neste Programa: Oportunidade ao Jovem.

b) Convite e recusa:

Estou sendo convidado(a) a participar deste estudo. Meu nome foi selecionado porque faço parte do programa Oportunidade ao Jovem desde o seu início, em Dez de 2002.

Eu sei que a participação neste estudo é absolutamente voluntária. Eu tenho o direito de recusar a participar ou desistir em qualquer ponto deste estudo. Minha participação ou não nesta pesquisa não terá influência na continuidade do meu desenvolvimento dentro do programa.

c) Procedimentos:

Se eu concordar em participar deste estudo, o seguinte ocorrerá:

Estarei participando de um grupo de jovens que estão no mesmo programa, neste grupo serão discutidas questões propostas pela coordenadora que serão gravadas e anotadas por uma auxiliar. As questões serão sobre minha participação no programa, minhas visões sobre ele, meus interesses profissionais, mercado de trabalho, sobre a escola e a família. Cada encontro deste grupo terá duração aproximada de 2 horas.

d) Risco e Desconforto:

Não há nenhum efeito prejudicial antecipado em participar da pesquisa.

e) Sigilo:

Minha participação, como as demais do grupo serão utilizadas da forma mais confidencial possível. Nenhuma identidade pessoal será usada em qualquer relato ou publicação que possam resultar do estudo.

f) Questões:

Se eu tiver alguma questão ou comentários sobre a participação neste estudo, eu posso falar com Claudia Sampaio Tavares, na Secretaria de Relações do Trabalho do município de Guarulhos.

O endereço é:

Os telefones da Secretaria são:

g) Consentimento

Eu conversei com Claudia Sampaio Tavares sobre o estudo e foi dada uma cópia deste consentimento para mim. Eu entendi o que li ou o que ouvi e tive minhas perguntas respondidas. A participação neste estudo é voluntária. Eu sou livre para recusar estar no estudo ou desistir a qualquer momento. Minha decisão não afetará a continuidade de minha participação no Programa Oportunidade ao Jovem.

Assinatura do participante

Consentimento recebido - Assinatura

ANEXO IV - GRUPO 1 – FUNDO SOCIAL DE SOLIDARIEDADE

13 jovens (11 moças e 2 rapazes)

JOVEM	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	NÚMERO DE FILHOS
AP	21 anos	1º ensino médio	solteira	
T	21 anos	ensino médio concluído	solteira	2
M	18 anos	8ª ensino fundamental	solteira	1
RI	18 anos	suplência (ensino médio)	solteiro	
MA	17 anos	3º ensino médio	solteira	
E	19 anos	7ª ensino fundamental	solteira	1
C	21 anos	ensino médio concluído	solteira	1
R	19 anos	ensino médio concluído	solteira	1
AF	17 anos	3º ensino médio	solteira	
N	22 anos	ensino médio concluído	casada	1
MP	18	1º ensino médio	casada	1
CA	18	2º ensino médio	solteiro	
AL	18	2º ensino médio	solteira	

ANEXO V - GRUPO 2 – SECRETARIA DE TRANSPORTE E TRÂNSITO

11 Jovens (6 moças e 5 rapazes)

JOVEM	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	NÚMERO DE FILHOS
JA	18	ensino médio concluído	solteira	
TA	18	2º ensino médio	solteira	
L	22	3º ensino médio	solteiro	
E	17	2º ensino médio	solteiro	
LE	19	ensino médio concluído	solteiro	
DO	22	2º ensino médio	solteira	2
JE	19	ensino médio concluído	solteira	
MA	19	2º ensino médio	solteiro	
JO	19	3º ensino médio	solteiro	
TI	22	2º ensino médio	solteira	1
SI	19	ensino médio concluído	solteira	

ANEXO VI – ROTEIRO DOS ENCONTROS

1. Descrever as experiências anteriores ao Programa:
 - Escolares;
 - Profissionais;
 - De Trabalho.

2. Relatar as experiências vividas no Programa Social:
 - Aspectos da aprendizagem;
 - Aspectos dos relacionamentos interpessoais;
 - Questões familiares significativas

3. Descrever expectativas e planos ao saírem do Programa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ? **ABRAMO H, W.** *Cenas Juvenis*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.
- ? _____ . *Considerações sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil*. In: SPOSITO, M.P. & PERALVA, A.T. Revista brasileira de educação, ANPED. São Paulo: 1997.
- ? _____ .*Retratos da Juventude Brasileira, análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo : Perseu Abramo , 2005.
- ? **ABAD, M.** *Crítica Política das Políticas de juventude*. In: FREITAS M. V. & PAPA. F. *Políticas Públicas juventude em pauta*. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria Pesquisa e informação: Fundação Friedrich J. Ebert, 2003.
- ? **ANTUNES, R.** Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo ,1999.
- ? **ARENDT, H.** *A Condição humana*. Rio de janeiro: Ed. Forense universitária, 2004.
- ? **ARIÈS, P.** *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ? **ARROYO, M.G.** *Educação e Teoria Pedagógica*. In: FRIGOTTO, G. (Org.) *Trabalho: Perspectivas de Final de Século*. Vozes, 1998.
- ? **BAJOIT, G.& FRANSSEN, A.** *O trabalho busca de sentido*
- ? **BARDIN, L.** *Análise de conteúdo. Edições 70. Lisboa, 1977.*
- ? **BARUS, M. J** *Intervir enfrentando os paradoxos da organização e aos recuos do ideal*. In CARRETEIRO, T.C. & ARAÚJO, J. N. G. (Orgs.) Escuta ; Belo Horizonte , Fumec 2001.

- ? **BAUMAN, Z.** *O mal estar na modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1998
- ? **BOURDIEU, P.** *A miséria do Mundo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.
- ? _____ *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo. *Perspectiva* 1992
- ? **CARRETEIRO, T.C. & ARAÚJO, J. N. G. (Orgs.)** *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte, Fumec, 2001.
- ? **CARVALHO, A.** *Políticas Públicas*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2003.
- ? **CASTEL, R.** *As metamorfoses da questão social – Uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ? **CASTELLS, M.** *O poder da Identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ? **CHAUÍ, M.** *O direito à preguiça. Introdução* In LAFARGUE, PAUL. São Paulo: Hucitec/Unesp 1999.
- ? **COHN, A.** *O modelo de proteção social no Brasil* In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- ? **DAGNINO, E.** *Cultura, cidadania e democracia*. In: ALVARES DAGNINO E ESCOBAR (ORGS). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.
- ? **DUBAR, C.** *La crise des identités*, Paris: PUF, 2000.
- ? **DUBAR, C.** *A socialização construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

- ? **DUBET, F.** *As desigualdades multiplicadas.* Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED/Editora Autores associados, número 17, 2001.
- ? **ENRIQUEZ, E.** *O vínculo grupal.* In: MACHADO, M. M. N., CASTRO, E. M., ARAUJO, J. N. G., ROEDEL, S. (Orgs.) *Psicossociologia – Análise social e intervenção.* Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ? **ERICKSON, E. H.** *Identidade juventude e crise.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- ? **FORACCHI, M.M.** *A juventude na sociedade moderna.* São Paulo: Edusp, 1972.
- ? **FREITAS, M. V. e PAPA. F. C. (org.)** *Políticas Públicas juventude em pauta.* São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria Pesquisa e informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.
- ? **FRIGOTTO, G.** *Juventude, Trabalho e Educação no Brasil.* In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. *Juventude e Sociedade.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- ? **GIDDENS, A.** *Modernidade e identidade pessoal.* Oeiras: Celta Editora, 1994.
- ? **GUICHARD, J & HUTTEAU, M.** *Psicologia da Orientação.* Lisboa: Instituto Piaget: 2001.
- ? **GUTIERRA, B. C. C.** *Adolescência psicanálise e educação.* São Paulo: Avercamp, 2003.
- ? **LEHMAN, Y.P.** *O processo de orientação profissional como um holding na adolescência.* In: CATAFESTA, I.F. (Org.). *D. W. Winnicott na*

Universidade de São Paulo. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1996.

- ? _____ *A Estudo sobre evasão universitária: as mudanças de paradigma na Educação e suas conseqüências*. São Paulo, 2005,119p. Tese (livre docência) Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo
- ? **LEVY, A** *A mudança: esse obscuro objeto do desejo*. In: MACHADO, M. M. N., CASTRO, E. M., ARAUJO, J. N. G., ROEDEL, S. (Orgs.) *Psicossociologia – Análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ? **MADEIRA, F.R. & MELLO, G.N. DE (org)**.*Educação na América latina*. São Paulo: Cortez. 1985
- ? **MARQUES, M.O.S.** *Escola noturna e jovens*. In: SPOSITO, M.P. & PERALVA, A.T. *Revista brasileira de educação, ANPED*. São Paulo, 1997.
- ? **MELUCCI, A** *Mudança de si numa sociedade global*. 2 ed . Bologna: Feltrinelli, 1992.
- ? _____. *L'invenzione del presente - Movimenti sociali nelle società complesse*, Bologna, Il mulino, 1991.
- ? _____. *Juventude, Tempo e Movimentos Sociais*. In: SPOSITO, M.P. & PERALVA, A.T. *Revista Brasileira de Educação, ANPED*. São Paulo: 1997.
- ? **MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO**. *Dísponível em www.mte.gov.br*.
- ? **NOVAES. R. & VANNUCHI. P.** *Juventude e sociedade, trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora fundação Perseu Abramo, 2004.

- ? **OFFE, C.** *Trabalho e sociedade*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1989.
- ? **POCHMANN, M.** *Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade-Novos caminhos para a inclusão social*. São Paulo: Cortez, 2002.
- ? _____. *Outra cidade é possível: alternativas de inclusão social*. São Paulo: Cortez, 2003.
- ? _____. *Juventude em busca de novos caminhos para o Brasil* In In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- ? **PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO.** Disponível em <http://www.saopaulo.sp.gov.br/acoes>.
- ? **ROUCHY, J. C.** *Identificação e grupos de pertencimento*. in CARRETEIRO, T.C. & ARAÚJO, J. N. G. (Orgs.) *Cenários sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte, Fumec, 2001.
- ? **SAWAIA, B. (Org.)**. *As Artimanhas da Exclusão*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ? **SECRETARIA DE RELAÇÕES DO TRABALHO DO MUNICÍPIO DE GUARULHOS.** *Caderno Oportunidade ao Jovem 2004*.
- ? **SCHERER-WARREN, I.** *Redes e sociedade civil global*. São Paulo: Situação e perspectivas, 2001.
- ? **SILVA, F.F. DA.** *A escola e a construção de projetos profissionais: escolarização, imagens do trabalho e dos gêneros*. São Paulo, 2003(dissertação) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- ? **SINGER, P.** *Globalização e desemprego*. São Paulo: 2 ed. Contexto, 1998.
- ? **SOUZA, R. M. DE.** *Escola e Juventude, o aprender a aprender*. São Paulo, Educ, 2001.

- ? **SOUZA, S.B.** *Pela mão de Alice – O social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, 1994.
- ? **SPOSITO, M. P.** *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação educativa, 2003.
- ? _____*.Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In Retratos da Juventude Brasileira, análises de uma pesquisa nacional. São Paulo : Perseu Abramo , 2005.*
- ? _____*.Trajetórias na constituição de Políticas Públicas de Juventude no Brasil. Crítica Política das Políticas de juventude. In: FREITAS M. V. & PAPA. F. Políticas Públicas juventude em pauta. São Paulo : Cortez: Ação Educativa Assessoria Pesquisa e informação: Fundação Friedrich J .Ebert, 2003.*
- ? **TASSARA, E. T. O.** *Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. São Paulo: Educ; Fapesp, 2001.
- ? _____*Avaliação de projetos sociais: construção de indicadores, Lab Social. São Paulo(2002)*
- ? **TOURAINÉ, A.** *Action collective et sujet personnel dans l'oeuvre d'Alberto Melucci*. Milão, Outubro 2002.
- ? **UVALDO,M.C.C.** *Impacto das mudanças sobre a subjetividade: em busca de um modelo de orientação profissional para adultos*. São Paulo 2002
Dissertação(mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- ? **WINNICOTT , D.W.** *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago 1975

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)